





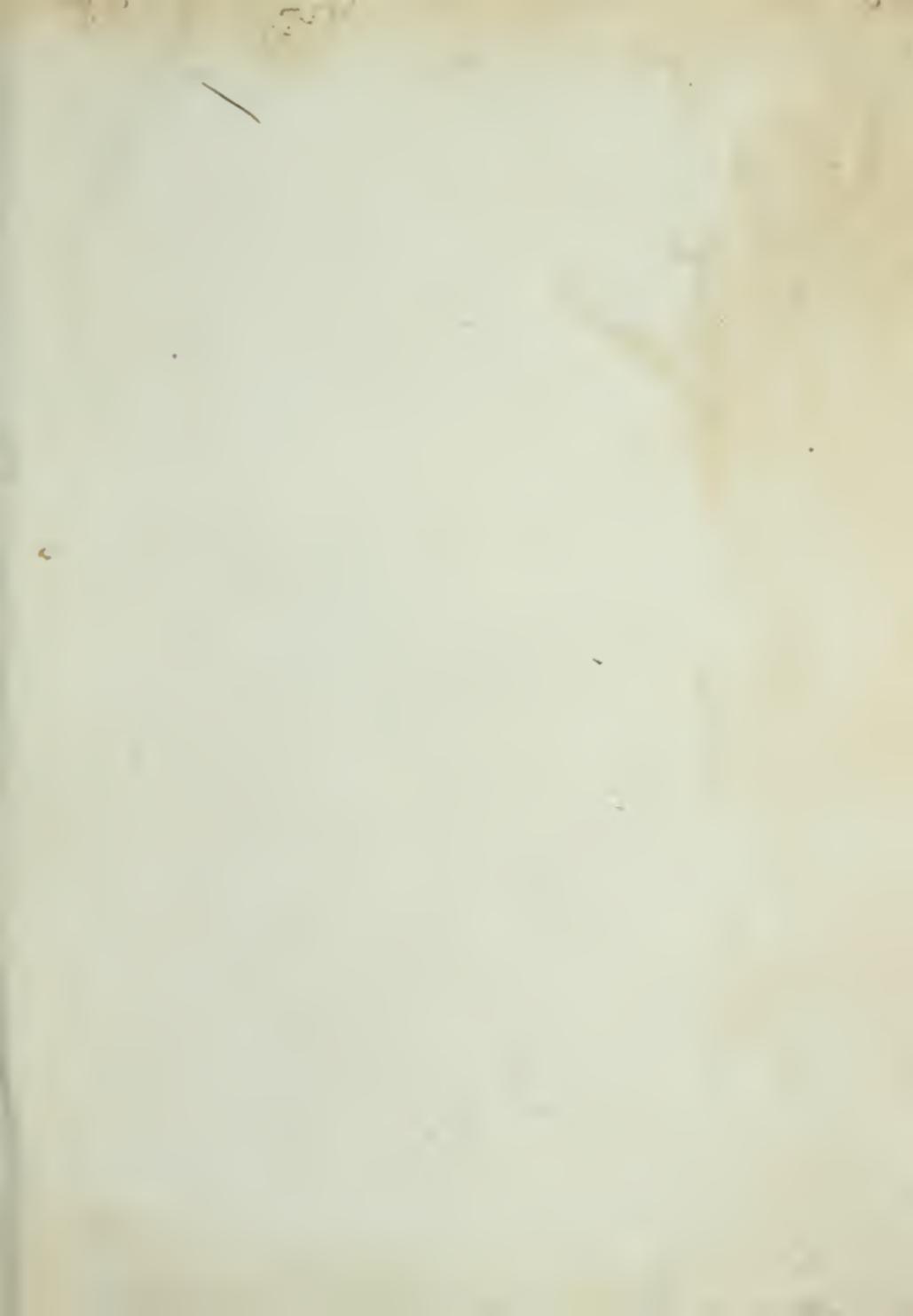
O MUNDO DO LIVRO

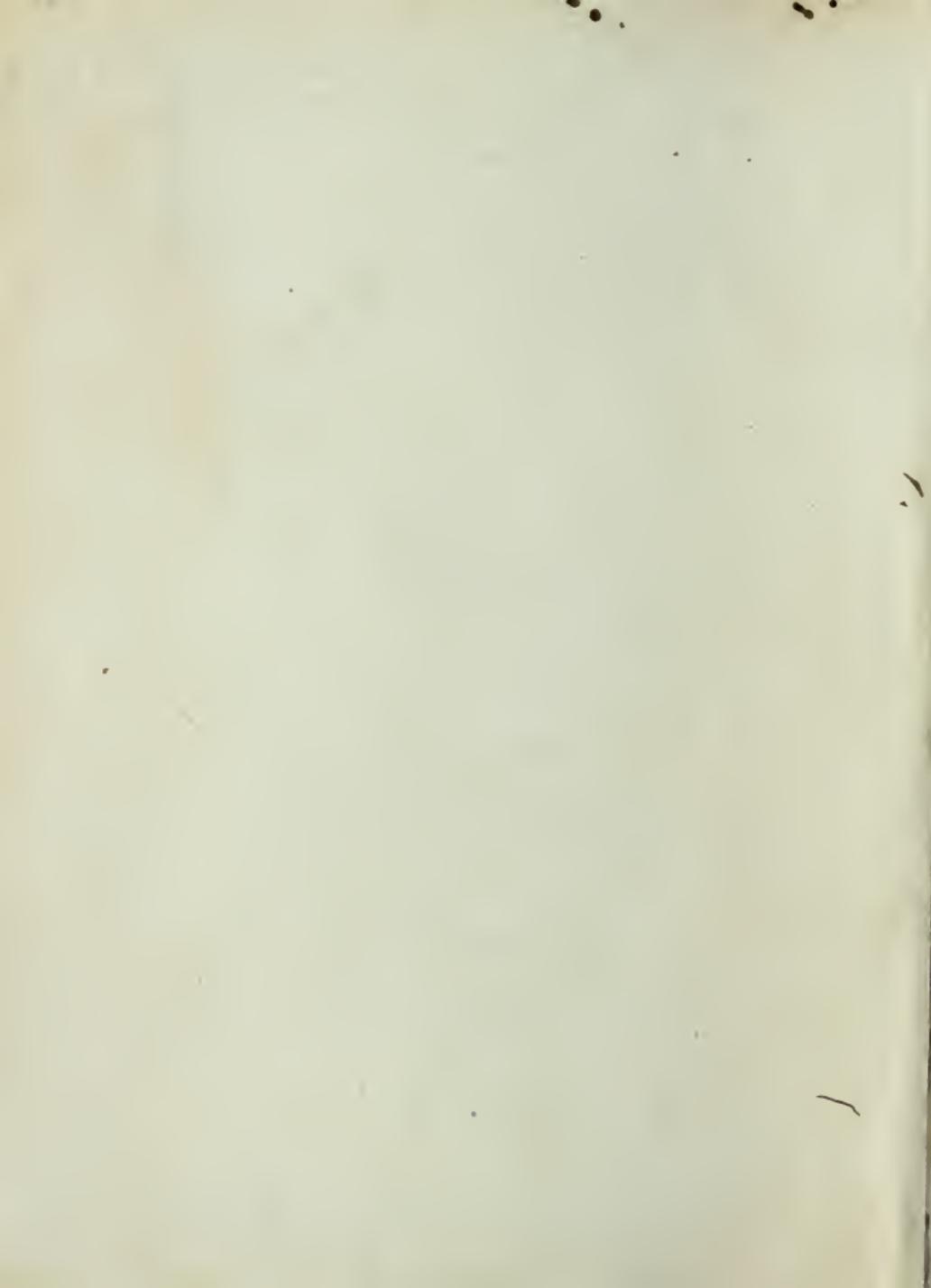
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 369951
LISBOA

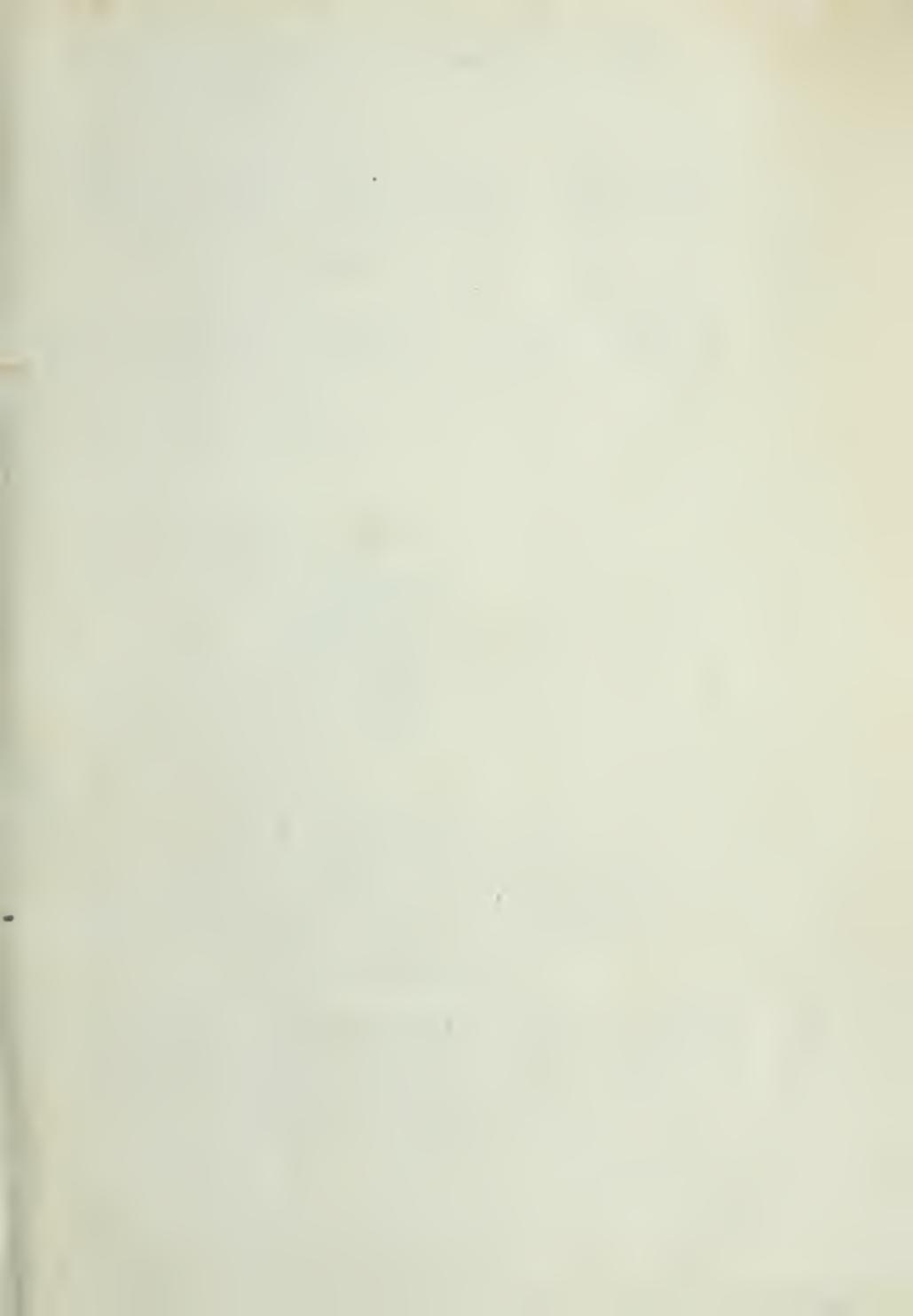
RB186,644

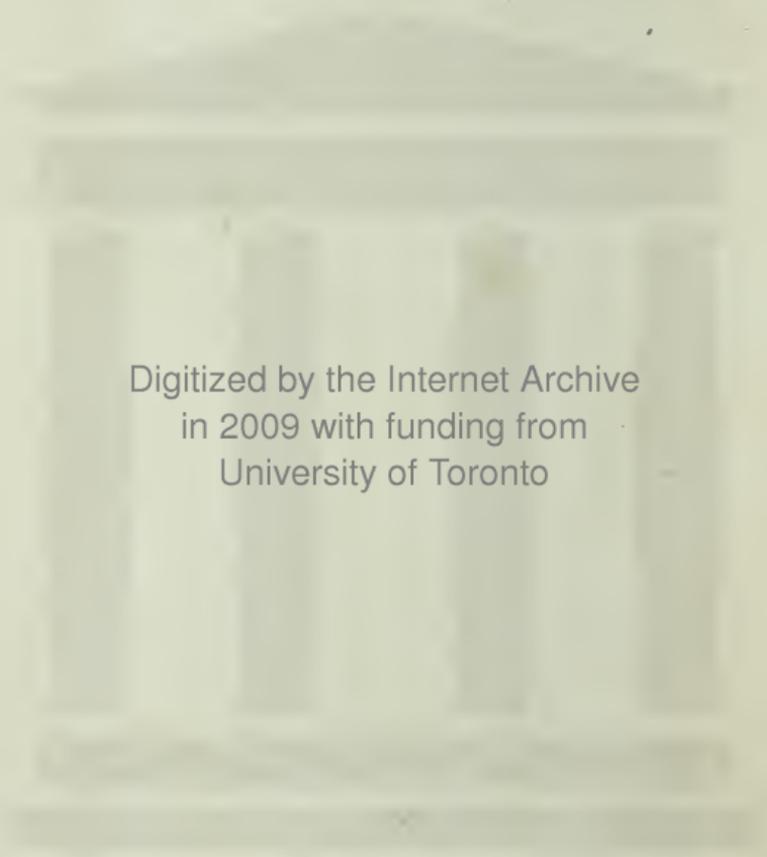


Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton









Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

EPIGRAMMAS
PORTUGUEZES

DE

MIGUEL DO COUTO
GUERREIRO.



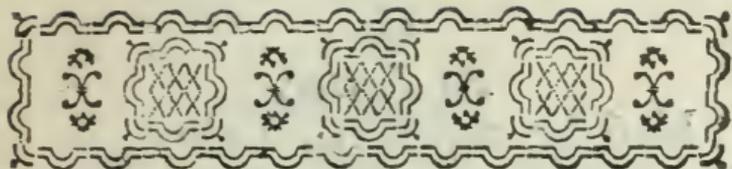
L I S B O A
NA OFFICINA PATRIARCAL.

M. DCC. XCIII.

*Com licença da Real Meza da Commis-
saõ Geral sobre o Exame, e Cen-
sura dos Livros.*

*Et sermone opus est, modo tristi,
sepe jocos.*

Horat. Satirar. lib. I. satir. X. vers. XI.



LIVRO I.

EPIGRAMMA I.

*Dialogo entre hum Admoestador ,
e o Poeta.*

Admoest. **E**Pigrãmas ! não convem,
Que tu te metas em tal :
Grande louçura te tem ,
Se pertendes sahir bem ,
Donde tantos sahem mal.

Poeta. A brevidade , a doçura ,
A subtileza discreta ,
Que hum Epigramma procura ,
Não terei ; mas na louçura
Mostrarei , que sou Poeta.

II.

Ao Leitor.

Naõ he contigo , Leitor ,
 O que escrevo de má fé ;
 Mas se por merecedor
 Em ti o quizeres pôr ,
 Entaõ , Leitor , contigo he.

III.

Ao mesmo.

Irei , Leitor , variando ,
 No que te for referindo ,
 Sério , e jocofo alternando ,
 Nem sempre Ovidio chorando ,
 Nem Anacreonte rindo.

IV.

Ao mesmo.

No que escrevo estou de avizo ,
 Que resplandeça o engenho ,
 Que resplandeça o juizo ;
 Naõ , quanto me era precizo ;
 Porém quanto eu em mim tenho.

Ao

V.

Ao mesmo.

Leitor, eu não me exaspero,
 Se mal comigo te houveres:
 Dize tu, o que quizeres;
 Que eu também digo, o que quero.

VI.

Ao livro.

Livro meu, para onde vás,
 Que em me sahindo da mão,
 Mil unhas levarás?
 He pena de taliaõ;
 Porque tu também as dás.

VII.

Ao mesmo.

Meu livro, ouve, vê, e cala,
 Dado caso que te emende,
 Quem de corrector faz gala;
 Que de ordinario este falla
 Mais, do que menos entende.

VIII.

Amigo falso.

A quem te he conveniente,
 Mostras tu muita affeição;
 Tens amifade de caõ,
 Que só vai seguindo a gente,
 Em quanto lhe cheira a paõ.

IX.

Magnetismo do gaviaõ.

Em muitos livros já li,
 Que os ossos do gaviaõ
 Attrahem o oiro a si;
 Mas eu esta attracção vi
 Nas unhas, nos ossos naõ.

X.

A huns avarentos.

Amigos, soffrer naõ posso
 Taõ pouca doutrina em vós,
 Que em sete do Padre Nosso
 Foi só o estudo vosso
 A Petição Venha a nós.

Dos

XI.

Dos innovadores.

Naõ faráõ innovadores ,
Que eu a elles assentisse ;
Porque he mais , que parvoice ,
Se por crer em taes doutores ,
Naõ creio , no que Deos disse.

XII.

Juizo.

Ouvindo algum , que he amigo
De ostentar de erudiçaõ ,
Fazendo della leilaõ ,
Assento logo comigo ,
Que he formado em charlataõ.

XIII.

A Oxypeino parasito.

Com muito boa vontade ,
Quando o meu jantar se come ,
Me vens fazer sociedade ;
Tu dizes , que he amisade ,
A mim parece-me fome.

XIV.

A huma velha.

Branços cabellos arrancas ,
 Tua velhice occultando ;
 Mas que importa , se arrancando
 As tuas melenas brancas ,
 Fica-te o casco alvejando ?

E se este arrancas inteiro ,
 He força , que te aconteça ,
 Que o miolo alvo appareça ;
 Com que assim o verdadeiro
 He arrancar a cabeça.

XV.

Metamorphosis.

Lá nas idades passadas
 Faziaõ morgados ricos ,
 Hoje ha casas empenhadas ,
 Tudo ; porque estaõ mudadas
 As rocas em abanicos.

XVI.

*De humas desmarcadas coifas , ou
carapuças pretas , de que as
mulheres usaõ.*

A que proposito vem
Huma mulher , que se embuça
Em covados quasi cem ?
Se ella cabeça naõ tem ,
Para que he tal carapuça ?

XVII.

Cautela.

Sempre te acautelarás
De hum , que com profas te vem ;
Que aquelle , que se desfaz
Em palavras , e naõ más ,
Talvez palavra naõ tem.

XVIII.

Advertencia.

Se vires hum em acções
Defendendo opiniaõ ,
Em que bens , ou males vaõ ,
Naõ lhe olhes para as razões ,
Olha-lhe para a razaõ.

XIX.

A Ponero viciosissimo.

Dizes temes máos officios
 Da morte, que he taõ ingrata ;
 Mas naõ dás esses indicios ;
 Pois morrendo pelos vicios,
 Morres, pelo que te mata.

XX.

Causa da morte.

Com medo de estar doente
 He opiniaõ commua
 Fugirmos do sol ardente :
 Naõ mata o sol tanta gente
 Quanta huma achacada lua.

XXI.

Questão.

Se alguém vier perguntando,
 Quem he que no mundo tem
 De aliados maior bando ;
 Se respondes affirmando,
 Qué o tolo, respondes bem.

XXII.

Do dom.

Ha gente , que não focega ,
 Querendo sem tom , nem som ,
 O que por lei se lhe nega ,
 E mais , que a farna , se pega :
 Não sabes , o que he ? o dom.

XXIII.

Ignorancia.

Muita gente ha , que se enfeita
 Com primor , e bizarria ,
 Que a não olhar , quem acceita ,
 Para pôr á mão direita ,
 Nem tal mão conheceria.

XXIV.

Senhoria.

Não digo , que com franqueza
 Senhoria a todos dê ;
 Porém loucura feria
 Não dar huma Senhoria ,
 Para ter muitas mercês.

XXV.

Pyrausta.

Que seja em fogo vivente
 A Pyrausta não prefumo ;
 Porém creio , que não mente ,
 Quem disser , que ha muita gente ,
 Que vive em fumo , e de fumo.

XXVI.

Do que pergunta , se disse bem.

Disse bem? diz hum da casta ,
 Dos que cabeça não tem :
 Não mo pergunte ninguem ;
 Que para dizer mal , basta
 Perguntar-me , se diz bem.

XXVII.

Conselho.

Naõ creias , por ser quem he ,
 No que diz hum sabichaõ :
 Na santa religiaõ
 Governate pela fé ,
 No de mais pela razaõ ,

Adm.

XXVIII.

Adulaçaõ.

Esses , que bebados saõ ,
 Naõ perdem mais os sentidos ,
 Nem mais cabeçadas daõ ,
 Que aquelles , que a adulaçaõ
 Beberaõ pelos ouvidos.

XXIX.

Remedio para ter bom entendimento.

Sollicitas , que te venha
 Entendimento excellente ,
 O meio mais conducente
 He lidar , com quem o tenha ;
 Mas ha pouca desta gente.

XXX.

Amigo perfeito.

Ventura , de quem achara
 Algum amigo perfeito :
 Mas onde está tal sujeito ?
 Julgo ser coisa mais rara ,
 Do que he hum nariz bem feito.

Quem

XXXI.

Quem he o sujeito de melhor juizo.

Se hum curioso pertende
Saber, qual he o sujeito
De juizo mais perfeito,
He o que naõ se arrepende
Do mal; porque o naõ tem feito.

XXXII.

Arvore de geraçaõ.

Na arvore de geraçaõ
Ha tronco, e naõ se declina,
Em que raiz se tem maõ:
Sim tem raiz; porém naõ
Se vê; porque he pequenina.

XXXIII.

Ao intermetido.

Como por intermetido
Achas, quem te descomponha,
Para naõ feres doido,
Hum remedio tens bebido,
Que he a falta de vergonha.

De

XXXIV.

De hum prodigo.

Hum prodigo perguntou
A huma cigana, que tal
Fim a sorte a elle otorgou:
Ella lhe prognosticou,
Que ir morrer n'um hospital.

XXXV.

Verdade.

Fallar verdade convém
Com toda a sinceridade,
Quero fallala; porém
Quero ma fallem tambem;
Aqui a difficuldade.

XXXVI.

Da mesma.

Quem falla pura verdade?
Saõ os meninos, e loucos:
Pois em tanta quantidade
De velhice, e mocidade
Ninguem mais a falla? poucos.

XXXVII.

Lifongeiros.

A qualquer Corte, que fores,
 Ou nossa, ou dos estrangeiros,
 Sempre encontrarás milheiros,
 Que vivem de doiradores:
 São todos os lifongeiros.

XXXVIII.

Murmuradores, e aduladores.

A huns, que murmuraõ franco,
 E a aduladores prometto
 Em crêlos fazer-me manco;
 Que huns fazem do preto branco,
 Os outros do branco preto.

XXXIX.

*A hum velho, que affectava andar
 muito depressa.*

Eu não sei, para que he essa
 Affectação em marchar:
 Deixa-a, para quem começa,
 Escusas de andar depressa;
 Que já tens pouco, que andar.

XL.

Como passa o máo por bom.

Faz do diabo o povo hum fanto ;
Ajuda o adulador ;
Cala o sabio por temor
De se oppor a povo tanto ,
E vai o diabo em andor.

XLI.

Seculo illuminado.

O século illuminado
Ouço a este chamar ;
E ninguem póde negar ,
Que está bem adiantado
Em mentir , e em enganar.

XLII.

Cegos.

Que cegos no mundo vão !
Hum he cego da avareza ,
Outro cego da ambição ,
Outro de amor , e afeição ,
Outros de ira , e de fereza.

Numero os cegos não tem
 De cegueira semelhante ;
 Em tantos cegos porém
 Não há hum , que cante bem ,
 Nem que delle bem se cante.

XLIII.

Banhos do mar.

Se o Medico aconselhar
 Os banhos do mar , tomai-os ;
 Não se perdem ; porque o mar ,
 Se vos não remediar ,
 Remedeia os dos catraios.

XLIV.

A luz.

Luz , hum amor tão ardente
 Te tomei , quando te vi ,
 Que recebi juntamente
 Muito má fé com a gente ,
 Que he inimiga de ti.

He gente de huns, que se encurtaõ
 De os verem com o máo fim,
 De que ás escuras se furtaõ;
 Ou saõ lobos; porque furtaõ,
 Ou saõ lobas em latim.

XLV.

A hum, que sempre andava soprando.

Tu sempre soprando vens,
 E gente tua inimiga
 Diz, que a soberba te obriga:
 Concordo, se tu naõ tens
 Alguns foles por barriga.

XLVI.

Do avarento.

Que coisa haverá, que traga
 Mais penas a hum avarento?
 Saõ muitas; mas eu assiento,
 Que lhe daõ grande tormento
 Desculpas, de quem naõ paga.

XLVII.

O nada.

Ha quem no mundo se vio
 Sempre em vida descansada,
 Sempre folgou, sempre rio;
 E do nada não sahio;
 Sim; porque sempre foi nada.

XLVIII.

Conselho.

Para estudo não escolhas
 Filho de cabeça ruda;
 E tu a tens, senão olhas,
 Se he só de quarenta folhas
 O livro, porque elle estuda.

LXIX.

Contentamento.

Quem não tem contentamento;
 Crê, que em casa alheia está,
 O mesmo cuida o de lá;
 Mas o que tem bom talento,
 Já o não procura cá.

L.

Mundo atrazado.

O mundo está atrazado ;
 Figuras delle , que passaõ ,
 De sombra naõ tem passado ,
 E sombras de tal estado ,
 Que nem tem corpos , que as façaõ.

LI.

Lugar alto.

Subir , e mais subir queres ;
 Mas toma tu , Leitor , isto
 No sentido , que quizeres ;
 Tanto mais alto estiveres ,
 Quanto serás mais mal visto.

LII.

Que nenhum bem ha no mundo.

Quem por sabio se avalia ,
 Tem grande consolaçaõ
 No bem da sabedoria ;
 E esta pára em ninharia ,
 Que o mais he opiniaõ.

Ter dinheiro com largueza
 Tem o avarento por bem ;
 Tomara saber porém ,
 Que bem tem nessa riqueza ,
 Se elle tendo-a não a tem.

O que for ambicioso ,
 Por bem a honra terá ;
 Mas como tem elle lá
 Esse bem tão precioso ,
 Se a honra he , de quem a dá ?

Se imagina algum sujeito ,
 Que tem cá bem , não ha tal ;
 Que o bem deve ser perfeito ,
 Todo o de cá tem defeito ,
 Chamar-lhe bem , he bem mal.

LIII.

Opinião a respeito da felicidade.

Naõ falta gente , que diz ,
 Que he feliz , quem o crê ser ,
 Que he o mesmo que dizer ,
 Que para algum ser feliz
 He preciso enlouquecer.

LIV.

As mãos fallando dos outros membros.

Nós os mais membros servimos
 Em tudo, o que lhes convém;
 A' boca o comer lhes vem
 Por nós: até os vestimos,
 Que nem tal prestimo tem.

Mas deves tu reparar
 No salario, que cobramos:
 Os para quem trabalhamos,
 Nem saõ para nos lavar;
 Que huma á outra nos lavamos.

LV.

*Respondem os pés com allusão á
 Republica.*

E nós sempre carregados
 Comvosco sem descansar?
 Os vossos grandes cuidados
 Ficavaõ todos parados,
 Em nós teimando em parar.

Porém sejamos soffridos ,
 Que a nossa conservação
 Pende de estarmos unidos ;
 E estamos todos perdidos ,
 Em se perdendo a uniaõ.

LVI.

A hum perarvilho.

Naõ fei , quem tanto te deu :
 Tu vestes do melhor panno ,
 Comes como hum soberano ,
 E naõ tens coifas de teu ,
 Excepto mentira , e engano.

LVII.

Falla o coração de si mesmo.

Pertence ao meu natural
 Eleger ; mas eu me avenho
 Com huma loucura tal ,
 Que deixo o bem , tomo o mal ;
 E esse o maior mal , que tenho.

LVIII.

Do avarento.

Hum avarento tem medo
 Do dinheiro lhe fugir;
 Mas como ha de elle fahir,
 Se a bolsa he de tal segredo,
 Que o dono a não póde abrir?

LIX.

Viciosos.

Poucos do vicio fugindo,
 Muitos vão para elle entrando,
 Não vendo, nem reparando,
 Que quantos entraraõ rindo,
 Todos vem de lá chorando.

LX.

Das intenções humanas.

Como são pelo interior
 Os homens, quero saber;
 Mas fico-me com querer,
 Que são lá de furta côr,
 Não se podem conhecer.

LXI.

Delicias do mundo.

As delicias deste mundo
 Em tom de vos collocar,
 Em hum gozoso lugar,
 Vos lançaõ em hum immundo,
 E sempre no do pezar.

Parecem-me jogador,
 Que toma a bola na maõ
 Por modo de exaltaçaõ;
 Porém pára este favor
 Em a arrastar pelo chaõ.

LXII.

Embusteiros affortunados.

Pertendem homens inteiros,
 Que a ventura a elles se una
 Com honras, e com dinheiros;
 Porém não vêm, que a fortuna
 Anda atraz dos embusteiros.

LXIII.

Da formosura.

Já em muitos livros li,
 Que a formosura he hum bem:
 Poderá fer para alguém;
 Mas nem, para a ver em si,
 Goza della, quem a tem.

LXIV.

*Que a velhice he mais forte, que
 a mocidade.*

Tem forças a mocidade,
 Diz hum, em quem ella mora;
 Mais forte he a longa idade,
 Que com tal facilidade
 Lança a mocidade fóra.

LXV.

Do ambicioso.

Quem á dignidade anela,
 Julga-a hum bem sem igual;
 Consegue coisa taõ bella,
 Cahe-lhe em cima o pezo della,
 Já lhe parece o bem mal.

Do

LXVI.

Do iracundo.

Hum a outro a vida tira ,
 Sem razaõ alguma ter ,
 Para tanto mal fazer ;
 E naõ mata a sua ira ,
 Que o fará talvez morrer.

LXVII.

Do que naõ jejua.

Gente , que com comer sonha ,
 E que naõ jejua hum dia ,
 Guardar o jejum devia ;
 Quando menos por vergonha
 Da brutal alarvaria.

LXVIII.

Motivo para a humildade.

Eu naõ fei , como inda ha gente ,
 Que louca em si se embasbaca
 Crendo-se coisa excellente ,
 Sem ver , que he interiormente
 Huma nojentã cloaca.

Feal-

LXIX.

Fealdade notavel.

Nas pessoas o defeito ,
 Que as faz mais mal parecidas ,
 Não he o nariz mal feito ,
 Nem o olhar pouco direito :
 He ter as unhas compridas .

LXX.

Dos que dizem : Escorregou-me o pé.

Gente , que tem má rele ,
 Tendo feito a travessura ,
 Diz : Escorregou-me o pé :
 Eu tenho perdido a fé
 Com gente taõ mal segura .

LXXI.

Dos falladores.

Gente , que nunca se cala ,
 Costuma fallar comfigo ;
 Nesta parte hei de louvalla ;
 Que em quanto comfigo falla ,
 Não vem cá fallar comigo .

LXXII.

A hum que fazia muitas acções.

Bem sei, que alguns notarão,
Quando fallas, ter o geito
De fazeres muita acção;
Mas elles não tem razão;
Que isso he fallar dito, e feito.

LXXIII.

A hum, que cuspia na cara dos mais.

Fóra com taes enchurradas,
Que na força do dizer
Me vens na cara meter:
Escuso as barbas regadas,
Para haverem de crescer.

LXXIV.

A hum que palpava os botões daquelles, com quem fallava.

Para que he tanto palpar?
Chegarao-te tentações
De achares, que mastigar?
Quero-te defenganar;
Não são figos, são botões.

LXXV.

A hum glotaõ.

Como pódes tu tolher,
 Que a colica te perfiga,
 Se és taõ alarve em comer,
 Que em vez de tu a reger,
 Rege-te a tua barriga?

LXXVI.

Porque comem os velhos á boca fechada.

Comem á boca fechada
 Os velhos; que a tal estado
 Tem este tempo chegado,
 Que nem na boca cerrada
 Está seguro o bocado.

LXXVII.

Do que o Poeta intenta comprar.

Eu ando na diligencia
 Seja, porque preço for,
 De me fazer comprador
 De calos para a paciencia,
 E orelhas de mercador.

LXXVIII.

A huma mulher feia.

A que máo rosto tiver,
 Não terá rosto maldito,
 Se junto a ti se puzer;
 Que á vista de tal mulher
 Até o diabo he bonito.

LXXIX.

Incoherencia.

Tenho em toda a minha vida
 Huma incoherencia notado,
 Quanto a mim mal permittida,
 Que he a mulher bem vestida
 Com marido esfarrapado.

LXXX.

Dos imprudentes em casar.

Toma o camelo sómente
 Carga, que póde levar;
 He camelo; mas prudente:
 Eu encontro alguma gente
 Mais camela no casar.

LXXXI.

*De Harpocrates, deos do Silencio,
e de Bacho.*

De Harpocrates tenho lido,
Que foi no tempo passado
Deos do Silencio; e eu duvido,
Que aquelle deos tenha sido
Por mulheres venerado.

Havia-lhe aborrecer
Deos, que as fizesse calar;
No deos Bacho haviaõ crer;
Que esse ainda tem poder
De fazer muitas fallar.

LXXXII.

Que naõ ha que fiar em ter costas.

Porque costas o ampararaõ?
Algun a muitos desgosta,
Que guande odio lhe tomaraõ;
As costas talvez faltaraõ;
E o nescio ficou de costa.

LXXXIII.

Dar , e tomar.

Naõ vem sem hum grande ensino
 O saber tomar , e dar ;
 Mas para dar imagino ,
 Que he preciso menos tino ,
 Que para saber tomar.

LXXXIV.

Gente sem juizo.

Ha quem de saber tem mingoa ;
 Louva , o que outro tem louvado ,
 Nota , o que outro tem notado.
 Gente , que tem propria lingua ,
 Entendimento emprestado.

LXXXV.

O mundo baralho.

Este mundo he hum baralho ;
 Joga nelle grande parte ;
 Descarte-se do retalho ,
 Que come , e naõ faz trabalho ,
 Fará hum util descarte.

LXXXVI.

Xistes.

Ha quem em xistes pondera ;
 E em dizellos tem empenho ;
 Eu em algum preço os tenho ;
 Mas na pratica quizera
 Antes juizo , que engenho.

LXXXVII.

A hum nescio.

Affirmas , que conversar
 Com varões sabios pertendes ;
 Dêmos , que os pódes achar ,
 De que te serve o fallar
 Com homens , que não entendes ?

LXXXVIII.

Da Aurora.

Todos a Aurora aborrecem ;
 Huns ; porque a trabalho os chama .
 Outros , que em somno apodrecem ,
 Fechaõ tudo , e se entristecem
 De os ir acordar á cama.

Hora de oiro se appellida;
 Mas a ser hum tal thesoiro,
 Havia ser recebida
 Melhor, que huma longa vida,
 Aquella só hora de oiro.

LXXXIX.

Qual he a maior formosura:
 Cuidas cheio de leucura,
 Que he formosura excellente
 Mulher de boa figura?
 Nada: a maior formosura
 He gente, que seja gente.

XC.

Heraclito, e Democrito.
 Se Heraclito refurgia
 Com Democrito, e notara
 Do nosso tempo a mania
 Muito mais este riria,
 E mais aquelle chorara.

XCI.

Basilisco.

O basilisco matar
 Vendo, não 'o posso crer;
 Mas se o juiz não olhar,
 O que ha de sentenciar,
 Creio, que mata em não ver.

XCII.

Dos varões doutos, e sabios.

Naõ se verem premiar
 He aos sabios mui sensível;
 Porém como he compativel
 Com seu saber singular
 Aspirar a hum impossivel.

Se tem juizo profundo
 Digaõ-me, se póde alguém
 Dar aquillo, que não tem:
 Naõ vejo, que tenha o mundo
 O premio, que lhes convem.

XCIII.

Remora.

Não pódem acreditar
 O pexinho do Oceano,
 Que faz huma náó parar,
 Que corria pelo mar
 Com bom vento, e todo o panno.
 Porém não vejo razões,
 Para negar taes proezas;
 Que em muitas occasiões
 Tem leves superstições
 Detido grandes emprezas.

XCIV.

Dos Satyros.

Achar os Satyros queres,
 E crês, que os ha na verdade;
 Os maridos não esperes;
 Satyras suas mulheres
 Ha no mundo em quantidade.

XCV.

Cautela.

Para amigo em direitura
 Vem hum procurando a ti,
 Será mui grande loucura
 Não olhar, se a ti procura,
 Ou procura para si.

XCVI.

Estimaõ-se as coisas por estrangeiras.

Tudo, o que vier de Argel,
 Tem cá o lugar primeiro:
 O de Portugal tem fel,
 O de estrangeiro tem mel;
 Isso he, que quer o estrangeiro.

XCVII.

Lyra de Orpheo.

Dizem, que Orpheo attrahira
 O cavallo, o cedro, o loiro
 Com o som da sua lyra;
 E daqui ha, quem infra,
 Que illa tinha as cordas de oiro.

Ido.

XCVIII.

Idolatria.

Nós temos por gente má,
 A que nas partes da aurora
 Culto a huma vaca dá;
 Porém estima-se cá
 Gente, que huma burra adora.

XCIX.

Jasaõ.

Jasaõ lutou com o mar;
 Expoz-se a matallo hum toiro,
 E a fer de hum dragaõ manjar;
 Quem o obrigou a passar
 Taes fustos? hum vélo de oiro.

C.

A hum estudante.

Naõ te louves, nem te gibes
 De ser hum bom estudante;
 Porque nesse mesmo instante,
 Que tu pensares, que sabes,
 Te firmas em ignorante.

CI.

*Como se ha de viver para com o Ceo,
e para com o mundo.*

Se viver para o Ceo queres,
Pela verdade suspira;
Mas se, como quem delira,
Vida mundana quizeres,
Toma a estrada da mentira.

CII.

A hum melindroso.

A sensação tal raiz
Nessa molleza lançou,
Que se hum mosquito voou,
E te foi dar no nariz,
Gritarás, que to quebrou.

CIII.

Quem vê longe, e quem vê perto.

Ninguem mais ao longe vê,
Do que hum defacautelado;
Sempre vê muito apartado
O perigo, ainda que
Elle esteja bem chegado.

Ninguem vê coifas mais perto,
 Do que hum, q̃ anda em pertençaõ:
 Coifas, que nunca feraõ,
 Está elle muito certo,
 Que as vê fechadas na maõ.

CIV.

O soberbo, e o endinheirado.

Se algum em tom decisivo
 Te fallar, e quer amem,
 Inda no que naõ convem,
 Ou elle he soberbo, e altivo,
 Ou muito dinheiro tem.

CV.

Do que se escuta a si mesmo.

Se em algum tempo fallares,
 Com quem falla de vagar,
 E se escuta no fallar,
 He escusado escutares,
 Que ahi naõ ha, que escutar.

CVI.

Das pelles para vestidos.

Pelles da Ruffia viraõ
 Contra o frio impertinente ;
 Mas para outra precauçaõ
 Pelles de raposa faõ
 As de que usa immensa gente.

CVII.

Oculos.

Hum estrangeiro vendia
 Oculos de varias cores ;
 Mas naõ dos que eu pertendia ;
 Que os oculos , que eu queria ,
 Eraõ de ver interiores.

CVIII.

Unhas.

Como és taõ pouco experiente ,
 Talvez pouco mal fuppunhas
 Andar das unhas doente ;
 Mas nós vemos muita gente ,
 Que morre de achaque de unhas.

Que

CIX.

Que coisa he , a que mais engana.
 Cuidas , que he huma cigana ,
 Quem mais engana ? ás avessas :
 O que nos prega mais peças ,
 E mais peffoas engana ,
 Quanto a mim faõ as promessas.

CX.

Enigma do engano.

Qual he , o que anda escondido
 Entre nós , para viver ,
 Que vive de se esconder ;
 E basta fer conhecido ,
 Para que deixe de fer ?

CXI.

Ao cabelo.

Porque mostras muita idade ,
 Cabello , nessa côr branca ,
 Tem-te a velha má vontade ;
 E até de ti quantidade ,
 Para se vingar , arranca.

Porém , quando se despica
 De tomares a côr alva ,
 Que velhice significa ,
 Com peor côr alva fica ;
 Porque lhe apparece a calva.

CXII.

A Laura remelosa.

Laura a perfeições taõ bellas
 Effes teus olhos chegaraõ ,
 Que delles se namoraraõ
 Até as mesmas remellas ;
 Porque nunca os desamparaõ.

CXIII.

Do sitio do entendimento.

Na cabeça , tenho lido ,
 Que assiste o entendimento ;
 Em algumas não duvido ;
 Que em muitas não tem podido
 Achar até hoje assento.

CXIV.

Ouvidos.

Portas para o entendimento
 Os nossos ouvidos são ;
 Falta-lhes guardaportaõ ,
 Para pôr impedimento ,
 No que não for discricião.

Porém dou , que concorria
 A parvoice , e os absurdos ,
 E que elle lhes resistia ,
 Armavaõ tal gritaria ,
 Que nos deixariaõ furdos.

CXV.

Ao olfato.

Meu olfato , poem-te ausente ;
 Que , se eu cheiro huma bonina ,
 Tambem não fico contente
 Do cheiro de alguma gente ,
 Que bota vento á furdina,

CXVI.

Da boca.

Comer, e fallar tambem
 He na boca natural ;
 Assim dois officios tem ;
 Mas se algumas passaõ bem ,
 Tambem outras passaõ mal.

CXVII.

Desprezo dos bens da fortuna.

Para que me hei de matar
 Por bens , que a fortuna deu ,
 E bem pouco haõ de durar ;
 Que em breve me haõ de deixar ,
 Ou hei de deixallos eu.

CXVIII.

Do jogador de parada.

Nescio he , quem jogando está ,
 Sem saber , de que maneira
 Carta , ou dado tombará ,
 Vendo o tombo , que dará
 O dinheiró da algibeira.

CXIX.

Do confiado.

O confiado parece,
 Que ha de causar confiança,
 Que he, o que nelle apparece;
 Mas em quem bem o conhece,
 Causará desconfiança.

CXX.

Do desvanecido.

Todo, o que he desvanecido,
 Se lhe mete no miolo,
 Que he formoso, que he valido,
 Que he sabio, que he entendido;
 E elle não he fenaó tolo.

CXXI.

*Que he necessaria maior cautela com
 o homem, que com a féra.*

Eu mais cautela quizera
 Com qualquer sujeito humano,
 Do que com a onça austéra:
 Além dos males da féra
 O homem tem o mal do engano.

Des

CXXII.

Dos nimiamente zombadores.

Vejo hum , que zomba sem fim ,
 Que tudo mete a feiçãõ ,
 Ainda a religiaõ ;
 Hum homem tal , quanto a mim ,
 Zomba até da salvaçãõ.

CXXIII.

Dos irresolutos.

Naõ sómente no Brasil
 Ha preguiça , aquelle bruto
 Tudo pezo , e nada ardil ;
 Tambem cá ha muitos mil ;
 Porque ha muito irresoluto.

Em hum negocio metidos
 Meditaõ muito de espaço ;
 Encontraõ tanto embaraço ,
 Que alli prezos , e detidos
 Saõ preguiça em dar hum passo.

CXXIV.

Que o nimio amor dos pais para os filhos he damnoso aos mesmos pais.

Pais, que aos filhos quereis
Mais, do que em razão he posto,
E por isso os não regeis,
O gosto, que lhes fazeis,
Ha de ser vosso desgosto.

Em vez de filhos creais
Huma perdição atrás
De paz, honra, e cabedais:
Esse amor, que lhes mostrais,
He hum odio para vós.

CXXV.

Entrada do mundo.

Com razão no mundo entramos
Sem algum conhecimento
Do máo lugar, onde estamos,
Até que habito façamos
De tal, ou qual soffrimento.

Que

Que se hum antes que nascia ,
 O que he este mundo visse ,
 Tal pavor conceberia ,
 Que primeiro a mãe morria ,
 Que o filho della sahisse.

CXXVI.

Homens brutos.

Nós , como brutos , nascemos ;
 Depois com trabalho , e lida ,
 Alguns , homens nos fazemos ;
 Outros , como muitos vemos ,
 Ficão brutos toda a vida.

CXXVII.

Mundo ás aveffas.

Para neste mundo andar
 Fóra dos seus eixos tudo
 No fallar , e no calar ,
 Cala , quem sabe fallar ,
 Falla , quem deve ser mudo.

O fraco faz-se temer
 Com muita fanfarronada ;
 O forte nem traz espada,
 Dá, quem deve receber ;
 Quem póde dar, não dá nada.

CXXVIII.

*Falta de engenhos , e remedio para
 ella.*

Julgar o mundo exaurido
 De engenhos , he injustiça ;
 Ha muito engenho escondido ,
 Que não tem diminuido ;
 Mas tem crescido a preguiça.
 E que remedio haveria ,
 Com que tomando ella medo
 Brilhasse a sabedoria ?
 Se viesse o premio hum dia ,
 Punha a preguiça em degredo.

CXXIX.

Nova opiniaõ a respeito dos homens.

Affirmaõ sujeitos serios ,
 Que só a terra homens tem ;
 Porém como outros convem ,
 Que ha huns demonios aeries ;
 Eu digo , que homens tambem.

CXXX.

Mudança.

Eu não fei , porque caminho
 Succedem tantas passagens :
 Hum , que hontem com murmurinho
 Vendia panno de linho ,
 Hoje já falla em linhagens.

CXXXI.

Cautela.

Naõ tema algum , que se entranha
 Na deferta soledade
 As raposas da montanha ;
 Livre-se porém da manha
 Das raposas da cidade.

CXXXII.

Homens inverfos.

Deve-se a cabeça erguer;
 O pé á terra se arrima;
 Mas muita gente has de ver,
 Que, por cabeça não ter,
 Anda de pernas acima.

CXXXIII.

A huma velha, que affectava ser moça.

Mulher de annos carregada,
 Por mais que affirmas, e mentes
 Não ser de idade avançada,
 Desfmente-te essa punhada,
 Que o tempo te deu nos dentes.

CXXXIV.

A huma mulher idosa.

Pasmado, e confuso estou
 De ver mulher semelhante:
 Já cincoenta completou;
 Porém nos trinta emperrou,
 E não quer ir adiante.

CXXXV.

A Theophrasto manhoso.

Quando para o Norte irás ,
 Affirmas , meu Theophrasto ,
 Que has de ir para o Sul ; e vás
 Como caco para trás ,
 Por te não darem no rasto.

CXXXVI.

*A hum cozinheiro , que fez hum
 guizado muito amargoso.*

Que amargo comer guizaste !
 Raro o poderá tragar :
 Parece-me , que pizaste
 A verdade , e lha lançaste
 Para haver de o adubar.

CXXXVII.

Honras.

Espicula honras em vão ,
 Nem creio , que a ellas reme ,
 Exceptuando na intençaõ ,
 Quem não teme , o que diráõ ,
 Nem tambem , quem muito o teme.

Ri-

CXXXVIII.

Rizo.

Rimos de huns por tais, e quais;
 Porém não nos rimos fós;
 Porque temos coifas tais,
 Que, em quanto rimos dos mais,
 Se riem muitos de nós.

CXXXIX.

De Planco.

Planco tendo por ventura
 Ver a mulher á cova ir,
 Foi-se meter a carpir
 Dentro em huma casa escura
 A fim de o não verem rir.

CXL.

Do que diráõ.

Já morreo o que diráõ;
 Sujeitos graves, e cultos
 Cheios de grande paixáõ
 Dizem, que não faltaráõ
 Daqui por diante insultos.

Da

CXLI.

Da lisonja.

Veio a lisonja a tal gráo ,
 Que nada faz melhor som ;
 Bom diz a tudo hum maráo ;
 E eu vejo o mundo mais máo ,
 Depois que tudo está bom.

CXLII.

Sitio do rio Lethes.

Muitos desejaõ faber ,
 Onde está aquelle rio
 Lethes , que faz esquecer :
 Eu havia de dizer ,
 Que no mando , e senhorio.

Sim ; porque alguns eminentes
 Em altos postos já vi ,
 Que se esquecerãõ alli
 De amigos , e de parentes ,
 E talvez tambem de si.

CXLIII.

Governo.

Quem tiver juizo inteiro
 Fugirá, como bem poucos
 Do cargo inda mais ligeiro;
 Só por não ser enfermeiro
 Do mundo casa de loucos.

LXLIV.

Gente, que nunca parece velha.

Lá nos Elyfios se diz,
 Que os homens nunca envelhecem;
 Tambem por mais que vivessem
 Alguns no nosso paiz,
 Sempre rapazes parecem.

Esta gente arrapazada
 Não he tal, porque floresta
 Em faude, e não padeça;
 Antes he sempre achacada
 De tonturas de cabeça.

CXLV.

Dos presumpçozos de entendidos.

Em alguns , que de entendidos
 Tem presumpção , me occorrendo,
 Vou-me , se posso escondendo,
 Que com estes presumidos
 De entendidos não me entendo.

CXLVI.

Conselho.

São huns engenhos selectos ,
 Os que abundão em bons ditos ;
 Porém sejaõ circumpectos ;
 Não comecem em discretos
 Para acabar em palitos.

CXLVII.

De Esopo.

Recolha de Esopo os frutos ,
 Quem intenta ser prudente ,
 Que hum author taõ excellente ,
 Que faz discretos os brutos ,
 Fará mais discreta a gente.

Du-

CXLVIII.

*Duvida-se qual he a nação mais
valente.*

Eu estimara saber,
Que nação ha, que na guerra
Possa mais acções fazer;
Que a todos oiço dizer,
Que a. gente da sua terra.

CXLIX.

Ao Leitor.

Terás gosto se comprehendes,
O que hum tanto escuro digo;
E se mais claro o pertendes,
Porque inda me não entendes,
Nem eu me entendo contigo.



LIVRO II.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

LEitor, não te dou paixaõ,
 Sendo bom o voto teu;
 Que tomar fatisfaçaõ,
 Se censuras com fazaõ,
 Seria não a ter eu.

II.

*A huma mulher, que tinha os olhos
 muito grandes.*

Nunca me pareceo bem
 A tua cabeça tofca;
 E inda duvido se a alguem;
 Que he qual cabeça de mosca,
 Que pouco mais, que olhos tem.

III.

*A qualquer , que intenta valer
por erudito.*

Se tu pertendes valer
Por hum dos mais eruditos ,
Olha , que te vás perder ;
Que os tolos tem mais poder ;
Porque estes são infinitos.

E , se depois de sentir ,
Que és dos tolos maltratado ,
Inda pertendes luzir ,
Vai-te com elles unir ,
Que és tolo por atilado.

IV.

Do povo.

Que tem o povo brutal ,
Que muitas vezes não quiz
Crer verdade trivial ;
E , se ouvio hum farrabal ,
Crê tudo , quanto elle diz ?

V.

Do mesmo.

Naõ ferá sabio qualquer,
 Inda sabendo bastante,
 Se o povo nescio o fizer;
 Que elle faz sabio, quem quer;
 E faz, quem quer, ignorante.

VI.

Credulidade do povo.

A' simples gente vulgar,
 Que petas naõ meteraõ,
 Depois della acreditar,
 Que se póde remoçar,
 Quem se lavar no Jordaõ?

VII.

O dinheiro quer-se com os mãos.

O dinheiro está contente,
 Com quem arma corriolas,
 Com o máo, com o insolente;
 Sim; porque rouba esta gente,
 Naõ paga, nem dá esmolas.

VIII.

Da inconstancia da fortuna.

A' fortuna chama alguem
Inconstante, e desleal;
Mas he, se lhe tira o bem,
Que se por ella lhe vem,
Ninguem a accusa de tal.

IX.

Conselho.

Se acafo tiveres parte
Em lugares justiceiros,
Os elementos primeiros
Sejaõ aprender huma arte
De conhecer embusteiros.

X.

Unhas kumanas.

Das unhas ouço fallar,
(Das noffas) que saõ damnosas,
Como o mesmo rosalgar;
E naõ se póde negar,
Que ha unhas bem venenosas.

Da

XI.

Da crueldade humana.

Naõ basta , que a natureza
Em toda a parte espalhasse ,
Com que o homem se mataffe ;
Foi preciso , que a fereza
Inda as armas inventasse.

Teme-se o ar pestilente ;
Verdade he , que prejudica ;
Porém á vista de gente ,
Que mata exercitos fica
A peste sendo clemente.

XII.

Arrependimento.

Naõ pões aos vicios limite ?
Que esperas , alma perdida ?
Esperas , que o appetite
Passe , e mais te naõ irrite ?
Passará primeiro a vida.

XIII.

Conselho.

Convem, que tenhas cautela,
 Com quem diz, que quer servir
 De te calçar a chinella:
 Olha, se esse homem he péla,
 Que desce para subir.

XIV.

Juiz.

Se injustiça o Juiz fez;
 Porque lhe pede hum augusto,
 He louco; porque bem vês,
 Que teme ser descortez,
 E não teme ser injusto.

XV.

Estudantes.

Nunca vós vereis lustrar,
 Os que vão livros volver,
 Para terem, que comer;
 Porque o fim de se estudar
 Não he comer, he saber.

Dos

XVI.

Dos tres inimigos da alma.

O mundo tem por serventes
Os sujeitos mais pomposos;
A carne, os que são formosos;
O diabo tem mil presentes,
Que lhe dão homens fogosos.

XVII.

Mundo enganoso.

Este mundo he enganoso,
Manda, que se espere, e aguarde,
Depois dá pena por gozo;
O defengano he gotoso,
Sempre chega muito tarde.

XVIII.

Devoção imprudente.

Se estando a mãe no sermão,
O filho de tenra idade
Chora cahido no chão,
Não me agrada devoção
Com tão pouca caridade.

XX.

Avarento.

Pondo a cabeça mais alta ,
 Põe olhos no Ceo o avaro ;
 Talvez por santo hum o exalta ;
 E elle olha a ver , se agua falta ,
 Para vender trigo caro.

XX.

Beatas.

Muitas por esse mundo ha
 Com virtude em quantidade
 De comer muito á vontade :
 Virtude tem , quem lho dá ;
 Porque tem simplicidade.

XXI.

A hum jaçtancioso.

A tua boca te exalta
 De tal modo , que te digo ,
 Que tinhas honra bem alta ,
 Senão houvesse huma falta ,
 E he , que os mais digaõ comtigo.

Qui-

XXII.

Quimera.

A duvida poem, e tira
 Gente, que a nega, e assevera
 O ser mentira a quimera;
 Pois, se a quimera he mentira,
 Bem muitas ha nesta era.

XXIII.

A cadeia hospital.

Ao que vós chamais cadeia,
 Chamaria eu hospital;
 Pois não vai a casa tal,
 O que tem a bolsa cheia;
 Vai quem não tem cabedal.

XXIV.

Vida longa.

Hum inerte, que se porte
 Desmedrado, e negligente,
 Vivirá perpetuamente;
 Que até parece, que a morte
 Não faz caso de tal gente.

XXV.

Do máo pagador.

Se hum grave, hum q̃ naõ namora,
Muito a alguma casa for;
E lá pouco se demora;
Sabe, que quem alli mora,
He muito máo pagador.

XXVI.

Lidar com bestas.

Que faber, e que prudencia,
Se bem com bestas lidamos!
E nós bem pouco a estudamos;
Sem olharmos, que he sciencia,
De que todos precisamos.

XXVII.

Homem verdadeiro.

Dizem, que fallas verdade:
Já te tenho por honrado;
Porém eu tenho observado,
Que homem dessa qualidade
Nunca foi affortunado.

Pre-

XXVIII.

Presumido de formoso.

O que por bem parecido
De si se namora , e agrada ,
E de bello he presumido ;
Se presume de entendido ,
Tem presumpção mal fundada.

XXIX.

Presumido de valente.

Quem com prenda de animais
Presume de valentia ,
Acompanhe com os taes ;
Será valente no mais ;
Mas he fraca companhia.

XXX.

Presumido de namorado.

Algum , que presumpção tem
De namorado sem fim ,
Com o seu parecer bem ,
Talvez que namore alguém ;
Mas não me namora a mim.

XXXI.

Culpa.

Culpaõ-me de muito frio ,
 Quando naõ sou porfiado ;
 De insoffrivel , se porfio ;
 Só naõ meterei fastio
 Fallando muito calado.

XXXII.

A hum de muitas hyperboles.

Olha , homem , que te inflãmas ,
 Se as hyperboles naõ tiras ,
 Que inda , que o nome lhes viras ;
 Porque hyperboles lhes chamas ,
 Os mais chamaõ-lhes mentiras.

XXXIII.

Dos que se picaõ com pouco.

Huns homens , q̃ erguem motim ,
 De pouco , ou nada picados .
 Sejaõ nos matos lançados ;
 Se se haõ de picar de mim ,
 Piquem-se nesses silvados.

XXXIV.

Homem Francez.

Ora o valor Portuguez
 Será grande , eu o concedo ;
 Porém se ouço alguma vez
 Fallar em homem Francez ,
 Fujo d'elle , tenho medo.

XXXV.

Raro vive satisfeito com duas coifas.

Duas coifas tem a gente ,
 Com que raro bem se quer :
 Ninguem vive commummente
 Com fua forte contente ,
 Nem com a fua mulher.

XXXVI.

A hum velho , que lhe tremia a cabeça em aceno , de quem diz não.

Naõ fei , que não quer dizer
 Effa cabeça em acção
 De nos acenar , que não ;
 Se he , que não queres morrer ,
 Acho-te muita razaõ.

Quem

XXXVII.

Quem tem peor visinhança.

Talvez que ninguem te disse,
 Quem he aquella, que tinha
 Visinhança mais damninha:
 Eu digo, que a velhice,
 De quem a morte he visinha.

XXXVIII.

Honras dos velhos.

As honras, e governanças,
 Que a velhos costumaõ dar;
 Tanto reger, e mandar
 He, como enfeitar crianças,
 Para irem a enterrar.

XXXIX.

Velhice.

As mudanças, em que andamos,
 Naõ posso bem entender;
 A ser velhos aspiramos;
 E depois que lá chegamos,
 Já o naõ queremos ser.

Ocio.

XL.

Ociosos.

A gente, que o mundo habita,
Em somno, e meza occupada,
He gente bem comparada,
A quem faz huma visita,
Onde merenda, e mais nada.

XLI.

*A hum que dormia, onde outros
conversavaõ.*

Censuraõ-te alguns pulidos,
Que conversando aggregados,
Te observaõ de olhos fechados;
Mas ouves com os ouvidos;
E sempre os tens destapados.

XLII.

A hum velho rabugento.

Enfadado, com quanto ha,
Tiras á lingua a ferrugem;
Sómente allivio nos dá
O ver, que cedo virá,
Quem te cure da rabugem.

Dos

XLIII.

*Dos olhos inflammados por causa
do vinho.*

Bebe a boca o vinho adusto,
Vem aos olhos o calor
Com inflammação, e dor;
He já mui antigo o justo
Pagar pelo peccador.

XLIV.

*Dá o Poeta razão de se não impri-
mirem todas as suas obras.*

Ha muito perguntador,
Que pergunta, porque não
Dou obras á impressão;
Sim dou; porém o Impressor
Sem paga não lhes poem mão.

XLV.

Doença do appetite.

Destá doença mofina
Do appetite desconfio,
He queixa muito malina
Para o máo fome canina,
Para o bom cruel fastio.

XLVI.

A hum que cuspia , e mentia muito.

Lanças faliva infinita:
 Bem póde regar herdades ;
 Tanto abunda em humidades
 A tua boca maldita ,
 Como he secca de verdades.

XLVII.

A hum temerario.

A tua transformação ,
 Temerario , me fez rir ;
 Pois mal te via leão ,
 Alli do pé para a mão
 Te vi corça no fugir.

XLVIII.

Dos varões fortes na guerra.

Dessa gente forte leio
 Ter feito muita proeza ;
 Mas de taes proezas creio
 Serem mais de medo alheio ,
 Que de propria fortaleza.

Ain.

XLIX.

*Ainda o mais cruel homicida se acclama
por bom em morrendo.*

Foi hum taõ grande homicida ,
Que até mata os proprios pais ;
Morreo , por bom se appellida :
Só se he bom por naõ ter vida ,
Para dar a morte aos mais.

L.

De galantaria a Brites de Almeida.

De quanto heroico se chama ,
Pódes , Brites , ser adorno ;
Porque o teu nome se acclama
Naõ só por bocas da fama ;
Mas pela boca de hum forno.

LI.

A variedade do mundo.

Olha o que vai pelo mundo ;
Hum cahe , outro se levanta ,
Aquelle chora , este canta ;
Hum jaz de todo no fundo ;
Chega ao outro a agua á garganta.

LII.

*Como se devem entender alguns Filo-
fos, que descrevem o varaõ forte.*

Descrevem sabios de porte
O varaõ forte sem medo:
Devem-se entender de forte,
Que seja esse varaõ forte
Formado de algum penedo.

LIII.

Dos perstigiadores, homens de engenho.

Huns de habilidades vem
Correndo esse mundo inteiro;
Fazem muitas dellas bem;
Porém melhor, que ninguem
A de nos sacar dinheiro.

LIV.

Dos agyrta, chamados saltimbancos.

Huns, que tem remedios taes,
Que promettem por ahi,
Que vos faráõ immortais,
Vem cá a matar os mais,
Para se curar a si.

LV.

Epitafio de hum bebado.

Naõ moro neste quartel:
Sempre tonel tinha sido;
Ando, onde tenho supprido
Das Belides hum tonel;
Porque estava já delido.

LVI.

*Das maçãs das Hesperides, e do ramo
de oiro, que Enéas colheo quando
desceo ao inferno.*

Opinaõ, que era o thesoiro
Das Hesperides fingido,
Nem houve taes maçãs de oiro,
Nem aquelle ramo loiro,
Que foi de Enéas colhido.
Quem diz, que saõ fingimentos
Recusa fallar sizudo;
Houve bens taõ opulentos;
Cahiraõ-lhe os avarentos,
E deraõ conta de tudo.

LVII.

A hum que roncava muito.

Onde estás a resonar
 Não sei eu, quem dormiria,
 Que o teu maldito roncar
 He bem capaz de acordar,
 Quem tem huma apoplexia.

LVIII.

A hum que lia muito mal.

Toda a pessoa, que chega
 A censurar, o que lês,
 Não entenderá talvez,
 Que tu lês em lingua Grega,
 O que está em Portuguez.

LIX.

A hum que perguntava muito.

Amigo, como tu queres
 Fazer perguntas sem fim;
 Se a minha casa vieres,
 Pergunta, quanto quizeres;
 Mas não perguntes por mim.

LX.

A hum que cuspia muito.

Como fei, que he manha tua
O cuspires sem cessar;
Apenas te vejo entrar,
Lembra-me por-me na rua
Com medo de me affogar.

LXI.

*Aos pais, que naõ ensinaõ a Doutri-
na Christã a seus filhos.*

Dessa omissaõ, em que estais,
Toda a consequencia he,
Que vós huns filhos tenhais
Bem semelhantes aos pais;
Porque saõ filhos sem fé.

LXII.

A huns mal casados.

Vendo as vossas guerras más:
Paz, e concordia em voz alta
Vos grita gente capaz:
Assim vós tivesséis paz,
Que concordia naõ vos falta.

Com

Com tal vontade abraçastes
 A concordia alternativa,
 Que logo apenas cafastes,
 Ambos os dois concordastes
 Em andar em guerra viva.

LXIII.

Do pai com o filho.

Se o pai por muita piedade
 Do filhinho, que se amua,
 Lhe faz em tudo a vontade,
 Depois de crescer a idade,
 Não lhe fará elle a sua.

LXIV.

Dá o Author a razão porque aborrece papagaios.

Perguntas, porque razão
 Nunca papagaios quiz:
 Nunca tive coração
 Para ouvir hum charlatao
 Fallar, sem saber, que diz.

LXV.

*Do ignorante , que quer ostentar
de sabio.*

Quem sabe , como hum lacaio ,
E fallar em tudo quiz ,
Foi homem , mas infeliz ;
Pois mudado em papagaio
Falla , e não sabe , o que diz.

LXVI.

A hum demandista.

Quando metido te vi
Em tanta vista , e revista ;
O que espero só daqui
He , que movas causa a ti
Por culpas de demandista.

LXVII.

O maior mal dos homens.

Se me perguntar alguem ,
De todos os males qual
Seja o maior , que homem tem ;
He conhecer mal , e bem ,
Deixar o bem , e ir-se ao mal.

Da

LXVIII.

Da demonstraçõ.

A demonstraçõ convem ,
 Onde chegar a razaõ ,
 Que onde ella lugar naõ tem ,
 A total perdiçãõ vem ,
 Quem busca demonstraçãõ.

LXIX.

Etimologia da Ode.

De *Odos* , isto he , cantiga ,
 O seu nome a Ode tem ;
 Agora ha humas , porẽm
 De tal gosto , que ha quem diga ,
 Que de odio o nome lhe vem.

LXX.

Erro do Poeta.

Do Corycio antro correndo
 Tespides com laurea rama.
 Que arenga vou dizendo ?
 Hia huma Ode fazendo ,
 E queria hum Epigramma.

Aos

LXXI.

Aos Sebastianistas.

Muitos ouço escarnecer
 Dessa vossa profecia ;
 Quando todos devem crer ,
 Que o Rei ha de apparecer ;
 E eu até fei , em que dia.

LXXII.

*Da negligencia dos nossos em escrever
 Epigrammas.*

Nossa lingua he excellente
 Para Epigrammas fazer ;
 Tentou-os bem pouca gente ;
 Não lhe chamo negligente ;
 Pois mostra , que hia a correr.
 Tomaõ-se em breve de cor
 Seus tratados por pequenos ;
 Mas o que eu acho pcior ,
 He , que fariaõ melhor ,
 Se ainda escrevessem menos.

LXXIII.

Do homicida.

Despreze esse vulgo errado
 O magarefe innocente ;
 Que eu tenho por mais honrado
 Aquelle , que mata gado ,
 Que aquelle , que mata gente.

LXXIV.

Do descuido em procurar a virtude.

Sem que o meio procuremos ,
 Andamos em taõ máo jogo ,
 Que pendendo para extremos ,
 Icaros na agua morremos ,
 Ou Phaetontes no fogo.

LXXV.

*Condemnaõ-se os equivocos em coisas
 sérias.*

Com razaõ em feriedade
 Equivocos naõ queremos ;
 E menos , que equivoquemos
 A virtude , e fantidade
 Com algum dos dois extremos.

Exem-

LXXVI.

Exemplo do verso de Horacio.

Dum vitant stulti vitia , in contraria currunt.

O nescio , para que mude
De huma prodiga largueza
Para outra menor despeza ,
Saltando em claro a virtude ,
Faz fincapé na avareza.

LXXVII.

Do cobarde.

Aquelle , que por medroso
Nunca pela espada puxa ,
Senaõ campa por forçoso ,
Campa por habilidoso :
Faz de hum phosphoro huma bruxa.

LXXVIII.

De huma pobre.

Huma pobre , que trazia
Em papel huma receita ,
De todos , quantos podia ,
Oito vintens extrahia ,
Para a mézinha ser feita.

Eu lhe perguntei, que tal
 Com a receita se dava,
 Respondeo-me, que' naõ mal;
 E era muito natural,
 Segundo o que ella lucrava.

LXXIX.

De hum Saloio, e hum Barbeiro

Hum Saloio se rapava
 Bem em casa de hum Barbeiro;
 E depois naõ lhe pagava,
 Dizendo, a quem o apertava:
 Senhor, naõ tenho dinheiro.

Depois de muito ralhar,
 O Saloio concluia,
 Que lhe tornasse a pegar
 As barbas no feu lugar,
 Que, como entrou, fahiria.

LXXX.

A hum glotaõ.

Virá fome , que tormento !
 Começou hum a dizer :
 Cuidámos profeta ser ;
 Mas sabido o fundamento ,
 Tinha-te visto comer.

LXXXI.

*A qualquer que na Igreja tem hum
só joelho no chaõ.*

Deos hum teu joelho tem ,
 Conservas o outro no ar ;
 Tu o guardas para alguém ;
 Deste teu modo de obrar
 Podemos crer para quem.

LXXXII.

A hum que se benzia mal.

Eu de entender naõ acabo
 Tuas benzeduras toscas ;
 Fazes voltas , fazes roscas ;
 Em vez de enchotar o diabo
 Parece , que enchotas moscas.

LXXXIII.

A hum velho tolo.

Se he velhice, ou mocidade
 Essa tua, não atino;
 As cãs mostraõ longa idade;
 Porém na capacidade
 Pareces-me inda menino.

LXXXIV.

A hum que comia muito doce.

Vejo, que em doce comer
 Outro nenhum te emparelha:
 Eu havia de dizer,
 Que tu devias nascer
 Não de mulher, mas de abelha.

LXXXV.

De que modo morremos.

Por sermos pessoas tontas
 A' vida muito applicadas;
 Da morte pouco lembradas,
 Morremos fazendo contas;
 E as mais dellas são erradas.

LXXXVI.

Ao hypocrita.

Sendo em virtudes remisso ,
 Finges ser dellas thesoiro ;
 Longe de duvidar nisso ,
 Bem creio , que no serviço
 Do nosso Deos és hum moiro.

LXXXVII.

Ao presumido de sabio.

Por sabio , e por entendido
 Queres-te a todos vender ;
 Lanças-te nisso a perder :
 Ser de sabio presumido
 Isso mesmo he não saber.

LXXXVIII.

*A hum que se não queria accommodar
a humas partilhas.*

Es , como diz muita gente ,
 Nas partilhas cabeçudo ;
 Não fei dizer , se ella mente ;
 Mas fei , que has de certamente
 Accommodar-te com tudo.

Tal

LXXXIX.

Tal he a vida , qual he a morte.

A nossa morte ha de ser ,
Qual a vida , que vivemos ;
Assim não posso soffrer
Temermos-nos de morrer ,
E não da vida , que temos.

XC.

*A hum prudente na especulaçãõ ,
e nescio na pratica.*

Tens (não o posso negar)
Habilidade mui alta ;
Porém que vem cá buscar ,
Se a tempo de a praticar
A habilidade te falta ?

XCI.

Da murmuraçãõ.

Do bom , e máo íe murmura ;
Feliz todo , o que cubiça ,
Que quando alguém o censura ,
Seja por inveja pura ,
E não por pura justiça.

De

XCII.

De Cardoso Taful.

Cardoso ao jogo se deu ;
 Mas taõ mal affortunado ,
 Que além do mais , que era feu ,
 Até o nome perdeu :
 Naõ he Cardoso , he cardado.

XCIII.

*Qual seja a principal coisa em vir-
 tude motriz.*

Vendo, o q̃ hum diz, e outro diz ,
 Sobre qual he o primeiro
 Ente em virtude motriz ,
 Por experiencia , que fiz ,
 Alcancei , que era o dinheiro.

XCIV.

Sogra , e nora , amo , e criado

Se alguma pessoa ignora ,
 Porque venho taõ pasmado ,
 Ovi dizer ainda agora
 Huma sogra bem da nora ,
 E de feu amo hum criado.

XCV.

Falla o caõ com o gato.

Guloso me chamas , gato ;
 Porque eu as sopas te mamoo ;
 Tu arranhas em teu amo ;
 E eu com te chamar ingrato ,
 Tudo , quanto he máo te chamo.

XCVI.

Resposta do gato.

Mais ingrato he , quem mo diz :
 Tu me quizeste trincar ;
 Porque eu hum dia te quiz
 Ir com a maõ ao nariz ,
 Para haver de te affoar.

XCVII.

Do caõ do cego.

Eu não fei , se alguem repara ,
 Que o caõ , que o cego governa ,
 Fóra a outras portas pára ;
 Mas se com taverna encara ,
 Entrou logo na taverna.

XCVIII.

Ao iracundo.

Dize-me, iracundo, quanto
 Ganhas em arder em ira?
 Nada, assim eu seja santo;
 Mas antes te tira tanto,
 Que de ti mesmo te tira.

XCIX.

Ao lascivo.

Intentando censurar
 Esse teu máo proceder;
 Tal asco fui nelle achar,
 Que nem me atrevo a fallar,
 No que tu ousas fazer.

C.

A hum máo relogio.

Parece-me, que estás perto,
 De que aos homens te pareças;
 Porque eu tenho descuberto,
 Que rara vez estás certo;
 Assim são nossas cabeças.

CI.

Se a Lua he habitada.

Gente na Lua! duvido,
 Que a ser isso verdadeiro,
 Já vagabundo estrangeiro
 Havia ter lá subido,
 A ver, se achava dinheiro.

CII.

Da Fé.

Sendo a santa Fé escura,
 Nos seus effeitos o nega;
 Porque parece figura
 Da luz mais clara, e mais pura,
 Que a huns illustra, outros cega.

CIII.

Dos que clamaõ por liberdade.

Naõ culpo, quem com justiça
 Quer huma ampla liberdade;
 Mas a maior quantidade,
 Que liberdade cubiça,
 Tem por justiça a vontade.

CIV.

*A hum amigo despachado em Juiz
de Fóra.*

Despachando sem demora
Faze, o que a justiça diz ;
E não dês tal volta agora,
Que por máo Juiz de Fóra
Fiques fóra de Juiz.

CV.

Do Iman.

Ver ir o ferro a correr
Ao iman por attracção
Dá aos sábios, que fazer ;
Mas dá mais, em que entender
Attrahir oiro o ladraõ.

CVI.

Philaucia, ou amor proprio.

Quem, qual Narciso, quer bem
A si, feliz namorado:
Como esse amor, que a si tem,
Delle sahe, e a elle vem,
Nunca póde ser frustrado.

Amor.

CVII.

Amor.

De huns a amarem-me rendidos
 Sem me verem, quero o amor;
 Porque tem a seu favor
 Amor, que entra por ouvidos,
 Entrar sempre por louvor.

CVIII.

Qual seja o verdadeiro amigo.

Rara amizade apparece,
 E muita ha, que assim se chama;
 Amigo he o que carece
 De ter de mim interesse,
 Nem inda, de que eu o ame.

Se hum meu amigo se chama;
 E quer, para eu lhe querer;
 Amigo não póde ser;
 Pois não ama a mim; mas ama
 Esse amor, que lhe hei de ter.

CIX.

Perfeito amigo.

Meu amigo, inda não faço,
 Quem tem só benevolencia;
 He seu amor muito eícaço,
 Precisa dar mais hum passo,
 Chegar á beneficencia.

Não faz bem, diz; q̄ he amigo;
 Mas longe de o ter por tal,
 Antes o reputo igual,
 A qualquer meu inimigo,
 Que me não faça algum mal.

CX.

*Não he amigo, o que pede coisas
injustas.*

Tenho amizade comtigo,
 Convidas-me, como tal
 Para hum acto criminal;
 Vai; que não és meu amigo;
 Pois me puxas para o mal.

CXI.

*Aos Thraces a respeito de Pylades,
e Orestes.*

Quando, Thraces, propuzestes
Distinguir, qual vos fizera
O furto em vaõ tal fizestes;
Que Pylades era Orestes,
E Orestes Pylades era.

CXII.

Lucro na perda.

Ha casos, em que estou vendo,
Que em perder lucro consigo;
Mas o caso, em que eu entendo
Ter maior lucro perdendo
He, se perco hum falso amigo.

CXIII.

Aos pedintes.

Sempre pedis mais, e mais;
Sois nisto, irmãos, excessivos;
Creio, que vós ignorais,
Que doações universais
Ficaõ nullas entre os vivos.

CXIV.

Se convem ter amigos.

Alguns sabios recusavaõ
Ter com alguém amifade,
Dizendo, que se a tomavaõ,
A outro se sujeitavaõ
Com perda da liberdade.

Mas se a amifade faz ser
Pessoa, que ama, e he amada,
Huma em outra transformada,
Taõ longe está de a perder,
Que a liberdade he dobrada.

CXV.

A felicidade adquire amigos.

Felicidade hum chuveiro
Traz de amigos, he verdade;
Mas se em tanta quantidade
Achares hum verdadeiro,
Essa he a felicidade.

CXVI.

De Diogenes.

Era o Cynico excellente
 Em abstinencia ; porém
 Era pobre juntamente ;
 E qualquer he abstinente
 De uma coisa , que não tem.

Senão tinha , por temer
 Os cuidados da opulencia ,
 Tal modo de proceder
 Não ferá ; mas mostra ser
 Mais preguiça , que abstinencia.

CXVII.

Quem he feliz neste mundo.

Tanto juizo profundo
 A definir o feliz ,
 C que hum diz , outro desdiz :
 Chamo feliz neste mundo ,
 Quem he menos infeliz.

Qual

CXVIII.

*Qual seja a raiz de todas as nossas
queixas.*

Naõ te cances em buscares
A raiz da displicencia ,
Da tristeza dos pezares ;
Escusas de te cançares ;
He a falta de innocencia.

CXIX.

*Que naõ póde haver esquecimento
da morte.*

Naõ fei , em que animo esteja
Ter da morte esquecimentos ,
Por mais obtuso , que seja ;
Pois naõ olha , onde naõ veja
Della tristes instrumentos.

CXX.

Naõ entende o Poeta como tenha vida.

Eu pareço vida ter ;
Mas naõ tenho , a que he já ida ;
Nem tenho , a que inda ha de se ;
Entaõ naõ posso entender ,
De que modo eu tenha vida.

CXXI.

He conveniente não entender.

Eu nasci sem entender ;
 Passando tempo entendi ,
 Para males conhecer ;
 Melhor fora sempre ser ,
 Como fui , quando nasci.

Talvez digas , que tambem
 Conheço o bem : não ha tal ;
 Porque nem eu , nem alguem ,
 Que conhecesse , o que he bem ,
 O trocara pelo mal.

CXXII.

*Ao que indo contar huma historia , a
 interrompe com muitas historias.*

Vás huma historia dizer :

Ella me deixa aturdido ,
 No que mal se póde crer ;
 E he , que antes de historia ser ,
 Tem mil historias parido.

Não

CXXIII.

*Naõ se devem crer do invejoso nem
louvores , nem vituperios.*

Em bem , ou em mal julgados
Por invejoso duvido ;
Porque abatendo os honrados
Louva algum , que por peccados
Tem em miseria cahido.

CXXIV.

A hum mudo.

Deves premiado ser ,
Mudo , por naõ murmurar ,
Nem mentir , nem praguejar ;
Mas que premio podes ter ,
Senaõ sabes adular ?

CXXV.

A hum rico.

Naõ tenho inveja , ao que tens ,
Se estaõ inda sem limites
Appetites , que retens :
Sê tu lá cheio de bens ;
E eu vasio de appetites.

Da

CXXVI.

Da inconstancia dos bens terrestres.

Que firmeza hei de eu fazer
 Nos bens, por quem fazes votos?
 Que constancia pódem ter,
 Vendo eu montes abater
 Por força de terremotos?

CXXVII.

A hum invejoso.

Sempre dizes mal de mim,
 Dizendo outros muitos bens:
 Vai fallando mal sem fim;
 Visto que fallas assim
 Por inveja, que me tens.

CXXVIII.

A hum impertinente.

Ora não sejas tão crú:
 Queres, que eu favor te faça;
 E dás-lhe tão boa traça,
 Que não fei, se és peor tú,
 Que na orelha huma carraça.

CXXIX.

Do camponez.

Feliz , quem só para fer
 Humilde a Deos verdadeiro ,
 Sabe o joelho torcer ;
 Ou ajoelha a beber
 De bruços no seu ribeiro.

CXXX.

A hum máo Barbeiro.

He impossivel , que acabes
 De fer Barbeiro infeliz ;
 Pois vejo , que menos cabes ,
 Com quem vio em si , que sabes
 A tua arte de raiz.

CXXXI.

*De huma mulher a hum , que dizia
 mal das mulheres.*

Dizes mal de nós , e já
 Daqui por máo te reputo
 Por esse mal , que em nós ha ;
 Porque de huma arvore má
 Não póde nascer bom fruto.

CXXXIII.

*A hum que julgava os homens me-
lhores , que as mulheres.*

Julgas o homem por melhor ;
E por peor a mulher ;
Nessa parte andas de cór :
O certo he fer o peor ,
Qualquer que mais mal fizer.

CXXXIV.

Do mal , e do bem.

Naõ fei , que comnosco tem
O mal , que taõ prompto o vemos,
Como preguiçoso o bem :
O rizo mais tarde vem ;
O choro apenas nascemos.

CXXXV.

*De hum , com os que cortezmente se
escusavaõ de lhe pagar.*

Daquella gente , que dera
Palavra de pagamentos ,
E em comprimentos se esmera ,
Comprimentos naõ quizera ;
Mas quizera cumprimentos.

CXXXVI.

Do tabaco.

Bem do tabaco não vem,
 Dizem huns á boca cheia;
 Mas nenhumá razão tem;
 Porque elle faz muito bem,
 A quem nelle negoceia.

CXXXVII.

De hum Piloto.

Hum Piloto me dizia,
 Temendo de me embarcar,
 Que nenhum risco corria;
 Eu lhe disse, que só cria
 Dizendo-mo o mesmo mar.

CXXXVIII.

Caso.

Encarecendo hum o estudo
 De outro, que muito sabia,
 Disse, que pegava em tudo;
 Respondeo outro: Bem rudo
 He, quem delle a bolsa fia.

Da

CXXXIX.

Da honra.

Pessoa, que he nobre, e rica,
 Se honra não dá, que dará?
 Maior mofineza implica;
 Pois não dá, o que lhe fica;
 Que a honra he de quem a dá.

CXL.

Chama para a oração.

Sem fallar com Deos não andes
 Buscando por focios teus,
 Os que tem braços por seus;
 Se queres fallar com grandes,
 Ninguem mais grande, que Deos.

CXLI.

Dos que rezaõ, e conversaõ juntamente.

Hum reza, e em conversa está;
 Com tudo eu não decidira,
 Se alli circumspecção ha;
 Pois não fei, se Deos lha dá,
 Ou, se o demonio lha tira.

Da

CXLII.

Da veneração a Deos.

Faltando á veneração
 Externa, fazes-te reo;
 Mas vê, que o Senhor do Ceo
 Quer mais o teu coração,
 Do que quer o teu chapéo.

CXLIII.

A hum Poeta bebado.

Em fazer versos com arte
 Dizem, que ha, quem te desmante;
 E eu posto da tua parte
 Não cesso de compararte
 Com Horacio, e Anacreonte.

CXLIV.

A hum corcovado.

Zomba de ti muita gente,
 E não a fazes em postas,
 Sendo hum homem tão valente,
 Que, como quem o não sente,
 Trazes hum oiteiro ás costas.

Por

CXLV.

*Porque razão os tolos são taõ amigos
de casar.*

Se algum me vem perguntar ,
Porque o salto de miolo ,
O que he tolo , o que he alvar ,
Morre tanto por casar ?
Respondo , que por ser tolo.

CXLVI.

*Ao Filosofo Protagoras tomando por
vingança de hum inimigo o casar
humã filha com elle.*

Foste dar ao inimigo
A filha para casar ;
Porque não pudeste achar
Outro mais cruel castigo ,
Para haver de te vingar.

Se faudoso ficaste
Da que elle quiz para si ,
Se achou dote , e graça alli ,
Duvido , se te vingaste
Tu delle , ou se elle de ti.

CXLVII.

Conselho ao homem para casar.

Procuras mulher perfeita ;
 Porém onde se achará ;
 He fazenda , que não ha :
 Indaga , examina ; e acceita
 A que achares menos má.

CXLVIII.

Conselho á mulher para não casar mal.

Procuras homem perfeito :
 Procuralho desse gráo
 He semear em calháo ;
 Nunca o terás sem defeito ;
 Toma , o que for menos máo.

CXLIX.

Ao velhaco.

Sabes , velhaco , porque eu
 Ando contigo de banda ,
 Sem te querer socio meu ?
 Nunca vi contrato teu ,
 Que não acabe em demanda.

Ao

CL.

Ao mão pagador.

Darte-ha só, quem tolo for,
 Seus dinheiros emprestados;
 Porque sendo elle credor,
 Tu o fazes pagador
 De Escrivães, e de Letrados.

CLI.

A huma mulher chocalheira.

Poem-te, mulher porta fóra;
 Já que és chocalheira assim;
 Que eu ouço de outros agora,
 E vejo, que ha de vir hora,
 Em que outros oução de mim.

CLII.

A huma mulher rixosa, ou bulbenta.

O posto, que Pallas tinha,
 Queres ter em lugar della;
 Mas acho, que te convinha
 Ter antes em huma vinha
 O lugar de taraméla.

CLIII.

Ao teimoso.

Talvez estás temeroso ,
 De que algum mal de ti digo :
 Sou , como tu , criminoso ;
 Porque eu tambem sou teimoso ;
 Mas em não teimar contigo.

CLIV.

Da recta razão.

A recta razão presida
 A qualquer humana acção ;
 O ponto he ser conhecida ;
 Que muita razão torcida ,
 Parece recta razão.

CLV.

Dos impios.

Os que do máo se cativaõ ,
 Abraçaõ a falsidade ;
 Posto que letras cultivaõ ,
 Para que á vontade vivaõ ,
 Entendem pela vontade.

Da

CLVI.

*Da indignação tomada em sentido
filosofico.*

Affecto de indignação
Teve a sua integridade,
Lá entre a gentildade;
Mas entre o povo Christão
Não tem fenaõ ametade.

CLVII.

Das letras, em quem tem máo coração.

Crês, que he a força em ladraõ
O dom mais mal empregado?
Oh como vás enganado!
Mais mal empregadas são
As letras em hum malvado.

CLVIII.

Da riqueza, e pobreza.

Tem a riqueza artificio,
Que faz, que tudo se mude;
Tem pobreza o mesmo officio;
No pobre a virtude he vicio;
No rico o vicio he virtude.

Do

CLIX.

Do invejoso.

O rapaz por defenhado
 Gosta de affanhar hum gozo ;
 Tambem eu por bem prendado ,
 Gostarei ver affanhado
 Contra mim hum invejoso.

CLX.

Do ladraõ.

Justiça he pura intençãõ
 De a cada qual o seu dar ;
 Porém todo , o que he ladraõ ,
 Inverte a definiçãõ ;
 E em vez de *dar* poem *tirar*.

CLXI.

Queixa da vontade ao entendimento.

Ah perverso entendimento !
 Sou cega por natural ;
 Tu és meu moço ; mãs tal ,
 Que me lanças fraudulentõ
 Nos precipicios do mal.

Ref-

CLXII.

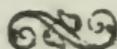
Resposta do entendimento.

Até mostras a cegueira
 Nessa queixa, que proferes;
 Tu tens liberdade inteira;
 Se cahes na ribanceira,
 Cahes mesmo, porque queres.

CLXIII.

Do ambicioso, e do avarento.

Segue o ambicioso o rumo
 De ser grande cavalheiro;
 Porém o avaro onzeneiro
 Deixa aquelle caçar fumo,
 E vai caçando dinheiro.



LIVRO III.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.
LEitor, avisar-te quiz,
 Que não leias mais, se és falto
 De penetração feliz;
 Que muitas coisas subtris
 Há de passar-te por alto.

Mas pouco subtil sou eu
 Em te dar hum tal aviso;
 Porque no conceito teu
 Inda ninguem te excedeo
 Em subtileza, e juizo.

II.

*Ao que sendo pobre se jacta de illustres
 ascendentes.*

Se és pobre não faças vida
 De dizer, que tens noventa
 Avós de gente luzida,
 Trata de buscar comida,
 Que o fumo não te sustenta.

III.

Ao oiro.

Tinhas , oiro , o teu assento
 Lá nas entranhas da terra ;
 Com quem gasta , estás violento ;
 Dás-te bem com o avarento ;
 Porque este outra vez te enterra.

IV.

Do murmurador.

A pena do detractor
 Era , que com mel untado
 Se fosse ao sol expor ,
 Para com todo o rigor
 Ser pelas bespas picado:
 Se esta pena taõ cruel
 Fosse no tempo presente
 Dada a todo o maldizente ,
 Donde havia de vir mel ,
 Para se untar tanta gente ?

V.

Do perjuro.

Cortou-se a lingua algum dia,
 A quem em tom de fizado
 Hia jurar, e mentia;
 Se agora tal pena havia,
 Haveria muito mudo.

VI.

A Ptolomeu Rei do Egypto, chamado o Parricida.

O' malvado Ptolomeu,
 Chamaraõ-te Parricida;
 Mas não to chamarei eu,
 Que não creio, que ta deu
 Esse, a quem tiraste a vida.

VII.

Da liberdade.

Não he justo, que se toque
 Na liberdade, que he pura
 Sem lei, sem rei, e sem roque;
 Mas receio, se equivoque
 Liberdade com soltura.

VIII.

*Do máo , que se queixa de lhe não
fazerem justiça.*

Oh não me fazem justiça !

Hum homem máo encarece :

Pois de justiça carece ,

Lance-se fóra a preguiça ,

Faça-se-lhe , a que merece.

IX.

A hum gago.

Como em huma ló dicção

Encalhas dessa maneira

Em a syllaba primeira ;

Vou-me ; e em tendo occasião

Te ouvirei a derradeira.

X.

A hum velbo com dentes postiços.

Dá-te oitenta annos de idade

A turba dos maldizentes ;

Para provar mocidade ,

Pódes dizer com verdade ,

Que ha pouco mudaste os dentes.

A

XI.

A hum que temia os eclipses.

Se vês o sol eclipsado,
 Grande medo te traspassa:
 Eu, que sou mais animado,
 Fico tambem affombrado,
 Se nuvem por elle passa.

XII.

Ironia a hum, que temia os comettas.

Naõ temas, o que he crinito,
 Nem o cometta barbado;
 O caudato he fem delicto;
 Teme o falcato maldito,
 Qual morte, de foice armado.

XIII.

Conselho.

Se huma criada inclinar
 Para algum máo proceder,
 Naõ a queiras no teu lar;
 Que mal se póde guardar,
 Quem morre, por se perder.

Da

XIV.

Da mulher feia.

Erra , quem honesta , e pura
 Toda , a que for feia crê ;
 Talvez ha , quem a procura ;
 Que ás vezes a formosura
 Vem dos olhos , de quem vê.

XV.

Fundamento para suspeitar.

Se hum vê , que anda mal direita
 A mulher com este , e aquelle ,
 E mostra , que não suspeita ;
 Por bom homem se sujeita ,
 A que suspeitem mal d'elle.

XVI.

Quem seja rico.

Quem muita fazenda tem ,
 Não he pessoa opulenta ,
 Se deseja maior bem ;
 Que sómente he rico , quem
 Com o que tem se contenta.

XVII.

*Empobrece , quem injustamente toma
posse do alheio.*

Quem tem por injusto meio ,
O que he de outro , empobreceo ;
Porque não o enriqueceo
O alheio por alheio ;
E faz-lhe perder o feu.

XVIII.

Da parcimonia.

A parcimonia convem ,
Para ajuntar cabedal ;
Mas no avaro he ella tal ,
Que em lugar de ajuntar bem
Ajunta fome , que he mal.

XIX.

*A hum que começando muitas obras
nenhuma acabava.*

Fim nunca costumás dar ;
Só principias : assim
Ninguem te póde culpar
De falta de trabalhar ;
Porque trabalhas sem fim.

Senaõ he, que na verdade
 A's tuas obras de preço
 Dás normas de qualidade,
 Que por tua habilidade
 O feu fim he o comêço.

XX.

Que se não deve dar presente a avarento, nem acceitar-lho.

Dado, que eu dê hum milhaõ
 Ao avarento maldito,
 Achará pouca porçaõ;
 Se me der meio tostaõ,
 Cuida, que dá infinito.

Nada o meu muito agradece;
 E quer, que eu muito agradeça
 O nada, que me offerece:
 Para negocio, como esse,
 Tenho muito má cabeça.

Os sete Epigrammas, que se seguem, tem por objecto sentenças dos sete Sabios de Grecia.

XXI.

Cleobúlo disse: Modum serva. Isto he, guarda meio.

Cleobúlo conveio
Em eu o meio guardar:
Diz muito bem: eu o creio:
Assim elle désse meio,
Para eu esse meio achar.

XXII.

Pithaco disse: Ne quid nimis. Isto he, não haja excessão.

Rigores pedem rigores:
O que o Sabio diz convinha,
Se metesse a machadinha
Na cabeça a falladores,
Que me vem quebrar a minha.

XXIII.

Periandro disse : Iram rege. *Isto he , rege a ira.*

Periandro nos avisa

A reger a ira atroz :

Quer por-lhe certa ballifa :

De ira ás vezes se precisa ;

E mais de nós para nós.

XXIV.

Solon disse : Respice finem. *Isto he , olha para
o fim.*

Solon manda , que attendamos

Para o fim ; e eu bem quizera ,

Que com seu conselho vamos ;

Pois , se no fim não cuidamos ,

Muito máo fim nos espera.

XXV.

Bias disse : Plures mali. *Isto he , os máos são
muitos.*

Ha muitos máos , disse Bias :

E tantas pessoas más

Resistem ás que são pias ;

Levão lucros , e honrarias ;

E os bons ficam para traz.

*Thales disse : Noli spondere. Isto
he , não promettas.*

Thales diz , que não promettas ;
E só em prometter sonha
O caloteiro ; e dá petas ;
E faz , que em perdas te metas ;
E elle só perde a vergonha.

XXVII.

*Chilon disse : Nosce te ipsum. Isto
he , conhece-te.*

Chilon diz , que te conheças ;
Tal sentença desprezada
Faz , que tu te ensoberbeças ,
Que hum numen a ti pareças ,
Sendo pouco mais de nada.

XXVIII.

Do que lê sem reflexaõ.

O que lê , e não se applica :
*Nada , do que tenho lido ,
Me fica , diz mui sentido ;
E diz bem ; que nem lhe fica
O tempo que tem perdido.*

Do

XXIX.

Do mal , que se diz das mulheres.

Das mulheres escarneiaõ
 Muitos : nunca isto se acaba :
 Espero , se huma se gaba ,
 Que mil diabos se nomeiaõ ,
 Naõ se nomeia huma *diaba*.

XXX.

A' calma.

Calma , neste mez de Agosto
 Naõ estou comprimenteiro ;
 Se tu queres ter o gosto
 De me veres com bom rosto ,
 Vem em Dezembro , e Janeiro.

XXXI.

Dos pensamentos.

Que confusaõ , que mistura !
 Se se meditasse bem
 Nos pensamentos , que vem
 Taõ visinhos á loucura ,
 Dava em louco , quem os tem.

XXXII.

Do não cuidei.

Quando algum me perguntar,
 Que coisa no mundo fei,
 Que mais quedas faça dar,
 E as mais dellas de matar,
 Respondo, que o não cuidei.

XXXIII.

*Nem quem muito falla, nem quem
 muito cala.*

Nunca quiz, quem muito cala,
 Nem quem muito falla quiz,
 Que entrasse na minha falla:
 He tolo, quem tudo falla;
 He tolo, quem nada diz.

XXXIV.

*A hum covarde, que se jaçtava muito
 de valente.*

Que muito, que de repente
 Mate o basilisco olhando,
 Se nós te temos presente,
 Que fallando matas gente,
 E só a matas fallando.

XXXV.

*A hum que se queixava de dizerem
muito mal delle.*

Inda que sejas hum santo ,
Será muito natural
O dizerem de ti mal ;
Porém o dizerem tanto
Naõ he muito bom final.

XXXVI.

A hum nescio muito amigo de disputar.

Disputa ; mas em questaõ ,
Que te naõ seja nociva ,
Como , se és tu nescio , ou naõ ;
Que todos nesta estarão
Pela parte affirmativa.

XXXVII.

Do velho fallador.

Vendo hum velho impertinente
Em fallar , estou pasmado ;
Porque errou desde innocente ,
E naõ se dá por contente
Do muito que tem errado.

XXXVIII.

A hum que fallava comfigo.

Cenfura-te alguma gente ;
 Porque tu fallas comtigo ;
 Essa acção he de prudente ;
 Tenha-a todo o impertinente ,
 Que houver de fallar comigo.

XXXIX.

A' temperança.

Haja poder, que limite
 Nossas vontades taõ más :
 Oh temperança ! onde estás ?
 Desterrou-te o appetite
 Com destemperos , que faz.

XL.

Se ha Centaurós.

Quem os Centauros negar ,
 Carece de engenho , e arte ,
 Antes no feu opinar ,
 Depois de os ver , e tratar ,
 Parece Centauro em parte.

XLI.

De hum banquete de Nero.

De linguas de pavaõ deo
 Nero hum banquete : os prudentes
 Dizem , que a norma perdeo ;
 Porque taes linguas cozeo ,
 Naõ linguas de maldizentes.

XLII.

Do pintor Zeuzis.

Dizem , que Zeuzis pintou
 Uva tõ formosa , e bella ,
 Que as aves hiaõ a ella :
 Poucoenganou , se enganou
 Pardas de boca amarella.

XLIII.

Qua Poesia naõ he arte liberal.

Sei razaõ fundamental
 A Pesia , inda que honrada ,
 Libel arte he chamada ;
 Naõ he arte liberal
 Hum arte , que naõ dá nada.

Por-

XLIV.

*Porque razão as mulheres são mais
vexadas do demonio, que os homens.*

O motivo saber queres,
Porque os démos as arrastaõ
Mais; e a nós menos contrastaõ;
He, que sabem, que as mulheres
Para nos vexarem bastaõ.

XLV.

*De huma mulher, ouvindo lêr prece-
dente Epigramma.*

Ouvindo certa pessoa
Nossa jocosa lembrança,
Tambem disse em tom de cança,
Que o demonio nos perdoa
Em razão da similhaça.

XLVI.

Admoestaçaõ.

Homem anda acautelado;
Naõ queiras a ti mentir,
Chegando-te a persuadir,
Que he breve o tempo passio,
E que he longo, o que ha a vir.

XLVII.

De Simaõ cabido em pobreza.

Bem dó tenho de Simaõ,
 Que teve, e está exaurido;
 E além, do que tem perdido,
 Convertendo-se em papaõ
 Tudo d'elle tem fugido.

XLVIII.

Da palavra percevejo.

B por V devia ter
 O nome de percevejo:
 Já que elle com seu morder
 Tanto se faz perceber,
 Chamemos-lhe percebejo.

XLIX.

*Que naõ ha deos do somno, mas sim
 diabos d'elle.*

Fez a Morptheo gente ruim
 Por deos do somno festejos;
 Naõ ha tal deos, quanto a mim;
 Diabos do somno isso sim;
 Saõ pulgas, e percevejos.

Des-

XL.

Desprezo das riquezas.

Naõ figo as riquezas bellas ;
 Pois vejo gente sem fim
 Ir correndo atraz daquellas ;
 E se eu correr atraz dellas ,
 Correráõ atraz de mim.

L.

Aos ambiciosos.

Homens , que buscais respeito
 Em lugares levantados ,
 Cuidais , que correis direitos
 Atraz de muitos proveitos ,
 Correis atraz de cuidados.

LI.

Aos mesmos.

Para ver se governais
 Tomais hum trabalho atroz ;
 Aqui vos mortificais :
 Como haveis cuidar nos mais ,
 Se cuidais taõ mal em vós ?

LII.

Ao avarento.

Sempre , avaro , a cahir vens
 No mal , que te sobrefalta ,
 Que he a perda dos teus bens ;
 Temes faltar-te , o que tens ;
 E na verdade te falça.

LIII.

Modo de viver.

O saber tem feu lugar ;
 Mas hum juizo profundo
 Finge-se ás vezes alvar :
 Naõ se póde bem passar
 De outro modo neste mundo.

LIV.

Ao prodigo.

Es muito largo em gastar ,
 Esperando , o que naõ vem ;
 Por isso o teu esperar
 Faz muitos desesperar ;
 Pois naõ pagas a ninguem.

Ao

LV.

Ao filho de hum avarento.

Depois de livre se ver
 O dinheiro encarcerado,
 Que foi dar a teu poder,
 Bem mostra no seu correr,
 Que esteve antes reprezado.

LVI.

A hum perdulario.

Que maõ tens, que naõ consente
 Reter coisa de valia:
 A maõ escorregadia
 Em vez de pelle de gente
 Mostra ter pelle de enguia.

LVII.

*A Artemisia sobre o alto sepulchro;
 que erigio a seu marido Mausolo.*

Sepulchro de grande altura,
 Artemisia, he huma empreza,
 Que de balde se procura;
 Porque em sendo sepultura
 Por força dá em baixeza.

LVIII.

*Aos que mandaõ gravar inscripções
na pedra da sepultura.*

Quem seu nome faz gravar
Na pedra da sepultura,
Quer em memoria ficar:
Faça antes por se estampar
Em papel, que he de mais dura.

LIX.

*A Alexandre Magno erigindo ao seu
cavallo Bucephalo hum tumulo.*

Quando Alexandre fez pôr
Ao cavallo por privança
Hum tumulo de primor,
Bem mostrou, que aquelle amor
Nascia da similhaça.

LX.

Da adoraçãõ q̃ davaõ aos Imperadores.

Adorou povo maldito
Imperadores polutos;
Como deoses absolutos;
Seriaõ deoses do Egypto,
Onde adoravaõ os brutos.

LXI.

De Diogenes.

Diogenes persuade ,
 Que tudo he vaõ , e sem pezo ;
 Mas á vaidade andou prezo ;
 Desprezava por vaidade ;
 Porque prezava o desprezo.

LXII.

Dos que disputaõ entre si sobre a nobreza hereditaria, ou adquirida.

Hum diz : Eu sou bem nascido ;
 Outro : Eu brilho por soldado ;
 Outro : Eu lustro por letrado ;
 Cada qual toma partido ,
 Para ser mais nobre , e honrado.
 Naõ sou daqui , nem dalli ;
 Porém , quem cortar direito ,
 Terá por maior sujeito
 Homem , que se fez a si ,
 Que aquelle , que outro tem feito.

LXIII.

*As pyramides, que eraõ sepulturas
dos Reis do Egypto, e huma das
sete maravilhas do mundo.*

Alguns por vossa grandeza
Maravilha vos diráõ ;
Eu cá por outra razaõ ,
Que he ver em vós tal despeza ,
Para guardar podridaõ.

LXIV.

A caveira de Alexandre Magno.

Que he do meditar profundo
Em tantas honras, e emprezas ,
Em grandezas sem segundo ?
Que grandezas as do mundo ,
Se effe he o fim das grandezas !

LXV.

Dos meditabundos inuteis:

Medita gente infinita ,
Sem que comece, ou acabe
Obra alguma, que se gabe :
Eu não sei, o que medita ;
E creio, que ella o não sabe.

LXVI.

A Andorinha.

Andorinha , não me encantas
 Fazendo musica tal ;
 As tuas girias são tantas ,
 Que no tempo bom me cantas ;
 No máo foges ; máo final.

LXVII.

A hum máo Pintor.

Ouço de ti murmurar
 Os Pintores em commum :
 Póde-los defafiar ,
 Que vão hum monstro pintar ,
 A ver , se te ganha algum.

LXVIII.

A hum máo Cozinheiro.

Dizem , que és máo : eu assento ,
 Que és Cozinheiro de brio
 Para qualquer avarento ;
 Porque fazes aliniento ,
 Que a todos mete fastio.

Da

LXIX.

Da Prudencia.

Se pelo bom natural
 Da Prudencia nós convem
 Andarmos atraz do bem,
 E darmos costas ao mal,
 Bem poucos prudencia tem.

LXX.

Da Aurora.

Homero disse, que tem
 A Aurora dedos de rosas;
 Mas ninguem nisto convem;
 Que a Aurora não cheira bem.
 A criadas preguiçosas.

LXXI.

Da mulher tola.

A tola mal não fará;
 Porque a sua patetice
 A tanto não chegará;
 Mas traz o mal feito já;
 Que he grande mal a tolice.

LXXII.

Dos avarentos em ensinar.

Como besta se conduz
 Gente de sciencia rica,
 Que a ninguem a communica,
 Sendo o saber, como a luz,
 Que se dá, e sempre fica.

LXXIII.

*Dá a razaõ, porque as mãis tem mais
 amor aos filhos pequenos, que aos
 adultos.*

Tem as mãis melhor vontade
 A filhos na meninice;
 Que estes pela pouca idade
 Mostraõ nellas mocidade;
 E os mais adultos velhice.

LXXIV.

Ao q̃ diz, q̃ vê a agua debaixo da terra.

Dizes ver o nascimento
 Da agua, ondẽ naõ he patente;
 Eu faço maior portento,
 Que vejo o teu pensamentõ,
 E vejo, que elle, que mente.

LXXV.

*Epitafio a huma mosca , que morreo ,
cabindo em bũa chicara de chocolate.*

Huma mosca jaz no fundo
 Desta triste sepultura ,
 Que procurando doçura ,
 Pelo costume do mundo
 Achou pessima amargura.

LXXVI.

Da linguagem, q̃ o Poeta deseja saber.

Queira Tianeo aprender ,
 O que as aves , e macacos
 Querem guinchando dizer ;
 Que eu mais desejo entender
 A linguagem dos velhacos.

LXXVII.

A huma formosa.

Porque a amor muitos obrigas ,
 Andas de vaidade cheia ;
 Mas he menino , e perigas
 De te morrer de bexigas ,
 Se ellas te fizerem feia.

LXXVIII.

Abum que se jaëtava de valente.

Das forças, que tens contigo
Te pódes jaëtar á larga;
Que em nada te contradigo;
Antes, onde chego, digo,
Que és muito bom para carga.

LXXIX.

Da preversaõ de costumes.

Donde vem tal defatino,
Tanta culpa, tanto réo?
Quer antes povo mofino
Estar metido n'um fino,
Do que metido no Ceo.

LXXX.

A Miaro.

Vás mil insultos fazendo;
E quando eu alguma vez
Dos erros te reprehendo,
Acodes logo dizendo:
Eu sou, como Deos me fez.

No que toca a Deos me calo;
 Que elle tudo faz bem feito;
 Quando te noto o defeito,
 Lá no que Deos fez, não fallo;
 Mas fallo, no que tens feito.

LXXXI.

A Adolesco.

Lendo a livros tiro o pó:
 Vens-me estorvar fufurrando;
 Porque dizes, que tens dó
 De me ver estar taõ só;
 Mais só fico em tu chegando.

LXXXII.

A hum usurario.

Por usurario affamado
 Es mil vezes reprehendido,
 Dizes: Levo, o que me he dado;
 Mas nunca tens declarado,
 Que levas, o que he devido.

LXXXIII.

Dos pedintes.

Se alguém pobres examina,
 Dos que á porta vem carpir,
 Achará tanta ruina,
 Que os mais delles da doutrina
 Só sabem o bem pedir.

LXXXIV.

Dos mesmos.

Infinitos encoitados
 Vejo em moletas andar,
 Que façõ pelos seus peccados
 Para pedir aleijados,
 E bem são para acceitar.

LXXXV.

A lingua de Santo Antonio.

■ Lingua, que foste vivendo
 De milagres preegoeira,
 Já morta estás hum dizendo,
 Que o Senhor está fazendo
 Em te conservar inteira.

Qual

LXXXVI.

Qual seja o maior gosto do avarento.

O maior gosto , que logra
Hum avaro , he , quando alcança
Como bemaventurança
O morrer-lhe sua fogra ,
E deixar-lhe grande herança.

LXXXVII.

Dos sabichões do tempo.

Nenhuma razão alcanço ,
Iara andar empanturrada
Esta gente illuminada :
Eizem , que os velhos tem ranço ;
E elles menos ; que tem nada.

LXXXVIII.

*Abum ladraõ , que furtou de casa ao
Poeta huma caixa de prata.*

Naõ vejo , com que razão
De mim essa caixa affastes ,
Veido tu , que ainda naõ
He Natal , nem Saõ Joaõ ,
Par se mudarem trastes.

LXXXIX.

*A hum que foi prezo em casa de huma
embusteira , onde se benzia.*

Indo benzer-se Agostinho
A casa de huma embusteira ,
Levando-o prezo o Meirinho ,
Hia-se pelo caminho
Benzendo da benzedeira.
- Por quantas ruas elle hia ,
Officiaes , e aprendizes ,
Com outra gente dizia ,
Que cuidou , que se benzia ,
E que quebrou os narizes.

XC.

*A hum que affectava imitar os Ingle-
zes em tudo , e por tudo.*

Meteo-se-te no miolo
Imitar em tudo o Inglez ;
Mas por mais voltas , que dê ,
Sempre tu ficas hum tolo
Em muito bom portuguez.

XCI.

*Que o Poeta não estranha ouvir con-
versações insulsas.*

Todos podem destemidos
Frioleiras proferir ;
Que eu não as posso sentir ;
Porque já trago os ouvidos
Calejados de as ouvir.

XCII.

Da droga chamada rapaõ.

Inventou para o veraõ
Droga arraiada o estrangeiro ,
A qual com muita razaõ
Tem o nome de rapaõ ;
Porque nos rapa o dinheiro.

XCIII

Da causa de muitos erros.

Tanto nescio, tanto infano !
Donde vem tal defatino ?
Tudo nasce de hum engano,
Que he pelo poder humano
Medir o poder Diviño.

XCIV.

A hum demandista.

Creio , que tens pouco fizo ;
 Talvez nisto não convens ;
 Poderás ter outros bens ;
 Mas tanta vez a juizo
 He final , de que o não tens.

XCV.

Da averção do Poeta a mulheres tolas.

Mulher tola me intimida ;
 Pois me tenta a descompolla :
 Antes summo de cebola
 Nos meus olhos esprimida ,
 Do que aturar mulher tola.

XCVI.

*Que o juizo nem sempre he acto do
entendimento.*

Julga com o entendimento
 Gente de outra qualidade ;
 E só tem habilidade
 O Juiz , que he avarento.
 De julgar com a vontade.

XCVII.

A hum máo Poeta.

Fizeste a Saõ Pedro hum Canto,
 Que te sahio por pateta
 Obra taõ pouco discreta,
 Que só poderia o Santo
 Aturar taõ máo Poeta.

XCVIII.

*De Democrito tirando os olhos para
 melhor filosofar.*

Democrito se privou
 Dos olhos ; e parecia ,
 Que sem vista ficaria ;
 Porém tanto a accrescentou ,
 Que até os atomos via.

XCIX.

A hum que dormia muito.

Nos sete Dormentes ha
 Pessoas bem pouco crentes ;
 Mas do somno , que te dá ,
 Fico crendo nelles já ;
 E que foraõ teus parentes.

C.

A acção de Julio Cesar , quando cahindo para morrer traspassado com vinte e tres punhaladas , acodio a compor a toga , para que não cabisse descomposto.

A vida em tal crueldade
 Não foi de todo perdida:
 Cesar teve habilidade
 De salvar a honestidade,
 Da qual tinha feito vida.

CI.

A Lucrecia pertendendo matar-se.
 Lucrecia , porque maldade
 Em perder a vida trata?
 Cuidas morta a castidade?
 Olha , que isso he falsidade ;
 Agora he , que tu a matas.

CII.

*Ao que não póde fallar em publico
sem vergonha.*

Se em publico has de fallar,
As palavras se te somem:
Não fei, porque se consomem;
Se he, porque temes errar,
Teme tambem de ser homem.

CIII.

Do escaravelho.

He muito de reparar
Neste bruto pela sua
Natureza não commua,
Que para se adiantar
Nas suas obras, recua.

CIV.

*Meditação do Poeta junto a hum
grande monte de caveiras.*

Que pensamentos, que assumptos
Em ser pessoas primeiras
Por sabias, e por guerreiras,
Teriaõ estes defuntos?
Tudo parou em caveiras.

CV.

Aos que fallaõ na Igreja.

Foraõ no Templo açoitados
Vendilhões, que alli fallavaõ
Menos, do que vós, culpados,
Que fallais por mal criados;
E elles, pelo que ganhavaõ.

Pelo que ahi conversais,
Fazeis de huma Igreja praça,
E naõ pelo que lucrais;
Que vós de graça fallais;
Porém eu naõ lhe acho graça.

CVI.

Porque se chama ao soberbo inchado.

Chamas o soberbo inchado;
Naõ sei, com que fundamento;
Porém cá me tem lembrado,
Que por ser elle achacado
De hydropesia de vento.

CVII.

*Ao que tem vaidade pelas honras
dos seus antepassados.*

Achas vergonha trazer
Os vestidos emprestados ;
Tambem a devias ter
De virem-te engrandecer
Emprestimos dos passados.

CVIII.

*Que devemos subir por merecimentos
proprios, e não por intercessão alheia.*

Quem de humas terras, e razas
Tem tomado por conselho
Subir a mais altas cazas,
Convem, que suba com azas,
Não suba por aparelho.

CIX.

Conselho para bem mandar.

Eu sempre vacilar vi,
O que manda outros mortais :
Quem entrar em mandos taes,
Saiba mandar bem a si,
Saberá mandar os mais.

CX.

Da natureza de alguns bobos.

Huns, que a bobo andaõ metidos
Com feu ar de lifongeiros,
Saõ tolos porém fingidos,
Para que dos entendidos
Façaõ tolos verdadeiros.

CXI.

Da mansidaõ.

Naõ te deixes enganar
De excessivas mansidões:
Os que sem já mais se irar,
Bom, e máo deixaõ passar,
Naõ faõ mansos, faõ poltrões.

CXII.

*De Julio Cesar, irando-se contra
hum trovaõ.*

Contra hum trovaõ se indignou
Cesar muito agoniado;
Em tanto o trovaõ cessou;
E talvez elle cuidou,
Que cessou de envergonhado.

CXIII.

Do marmurador.

Se me censurar alguem ,
 Eu terei por grande dita
 Ser tal a teima , que tem ,
 Que de nada diga bem ;
 Que assim ninguem o acredita.

CXIV.

*A hum , a quem mordeo hum caõ na
 barriga da perna.*

Buscou-te o malvado caõ
 Pela parte posterior ;
 Porém tem consolação ,
 Que ficou esse vilaõ
 Com infamia de traidõr.

CXV.

A hum bobo , q̃ Tiberio mandou matar.

Todo o povo imaginou ,
 Que tu eras engraçado ;
 Mas ficou defenganado ,
 Quando Tiberio mostrou ,
 Que tu eras desgraçado.

CXVI.

A hum tolo presumido de engraçado.

Tu ficas muito contente
Vendo, que tudo se ri
Quando fallas imprudente;
Mas ri-se toda effa gente,
Naõ das graças, mas de ti.

CXVII.

Ao desenvergonhado.

Como o teu rosto inda naõ
Foi com vergonha encarnado,
Chamaõ-te alguns descorado;
Mas eu com maior razaõ
Te chamara descarado.

CXVIII.

Do esforço, e covardia.

Por huma coisa excellente
Se reputa a valentia;
Mas eu vejo cada dia,
Que apanha, quem he valente,
Livra, quem tem covardia.

CXIX.

Ao affrontado.

Envergonhado appareces
 De obrares contra direito ;
 Muita compaixão mereces
 Por esse mal, que padeces ;
 Mas mais pelo que tens feito.

CXX.

*Ao propriamente vergonhoso, isto he, o
 que teme o descredito se obrar mal.*

He a vergonha terror ;
 Porém nessa covardia
 Tens o teu maior valor ;
 Porque do mesmo temor
 Te nascerá valentia.

CXXI.

Côr da virtude.

Haverá gente letrada ,
 Que nenhuma côr supponha
 Na virtude : vai errada ;
 Que ella tem côr encarnada ;
 Que esta he a côr da vergonha.

CXXII.

A hum anonymo.

Se he immortal, ou mortal
 Da nossa alma a natureza;
 Perguntas talvez por mal:
 Eu não fei, se he immortal;
 E tenho, de que o he, certeza.

Digo-te a pura verdade;
 Parece-te inconsequencia;
 Não verás contrariedade
 Sabendo a diversidade,
 Que ha entre fé, e sciencia.

CXXIII.

Do adulator, e contraditor.

Beija-me hum adulator;
 Morde-me outro, que seapura
 Em fer meu contraditor;
 Não fei, qual faz maior dôr,
 Se o beijo, se a mordedura.

CXXIV.

Do louvor, e vituperio.

Se o merito predomina,
 Não me parece homem sério,
 O que o louvor abomina;
 Mas se o vituperio ensina,
 Amo mais o vituperio.

CXXV.

Metamorfose do adulator.

Converte o adulator
 Em Hercules, o que he fraco,
 Hum jumento em hum doutor,
 Hum peralvilho em senhor;
 E a si converte em macaco.

CXXVI.

Ao contraditor.

Es todo contradicção;
 Mas has de convir em fim,
 No que eu tiver na tenção;
 Quero o teu fim, direi não,
 Quero o teu não, direi fim.

CXXVII.

Ao mesmo.

Inda que tu te arrenegues ,
 Que és sombra, e não homem, digo:
 Vê-se , por mais que tu negues ;
 Pois , se eu te fujo me segues ;
 E foges-me , se eu te figo.

CXXVIII.

*Concordancia entre o adulator , e
 contraditor.*

Convem hum adulator
 Em tudo ; e em nada convem ,
 Quem dá em contraditor :
 Ora , quem ha de suppor ,
 Que elles similhaça tem ?
 Pois esta contrariedade
 Em huma coisa conspira ;
 Fazem á sua vontade
 Da mentira huma verdade ,
 Da verdade huma mentira.

CXXIX.

Ao Sofista.

Tu presumes de talento ;
 Mas se he a pura verdade
 Objecto do entendimento,
 Naõ o tens, que o teu intento
 He achar a falsidade.

CXXX.

De Favorino.

Louvou Favorino a febre
 En elegante escriptura ;
 Teve com ella ventura ,
 Que em paga , de que a celebre ,
 O pregou na sepultura.

CXXXI.

Da affabilidade.

Se qualquer me perguntar
 Qual he da affabilidade
 A maior habilidade ?
 Respondo, que he agradar
 Hallando sempre a verdade.

De

CXXXII.

De Anaxagoras.

Ser negra a neve , affirmava
 Anaxagoras ; e não
 O culpo : foi illusão ;
 Via mal , que lhe faltava
 A clara luz da razaõ.

CXXXIII.

A hum murmurador.

Sem lei , sem fé , sem piedade
 Faltas alheias declaras ;
 Reprehendem-te a maldade ;
 Dizes , que fallas verdade ,
 Melhor he , que não fallaras.

CXXXIV.

Ao arrogante.

Se alcançar fama te agrada
 Pelas prendas excellentes ,
 Faze-as menos eminentes ;
 Quando não ficas sem nada ;
 Porque todos vem , que mentes.

CXXXV.

Do simulado.

Tudo, o que he teu desfiguras
 Por muita diminuição;
 Não fei, qual he a razão;
 Mas suspeito, que procuras
 Ganhar vida por anaõ.

CXXXVI.

Da Medicina.

Crer tudo da Medicina
 He cahir em hum abyfmo
 De patranhas, que ella ensina;
 Tambem crer, que em nada atina,
 He cahir no pyrrhonifmo.

CXXXVII.

*Ao que não tendo graça, presume
 de engraçado.*

Porque tens na fantasia,
 Que tens graça, sem tal ter;
 Fazes, que de ti se ria;
 Cóm que affim galantaria
 Só a tens em não a ter.

CXXXVIII.

A galantaria.

Galantaria , mui mal
 Teu nome á detracção passa ,
 Que he hum peccado mortal ,
 Sendo tu virtude tal ,
 Que até te chamarão graça.

CXXXIX.

A hum que dizia graças , e não gostava , que lhas dissefsem.

Ou graças , ou parvoices
 Me dizes ; e gostas pouco
 De ouvir minhas chocarrices :
 Oxalá não as ouviffes ;
 Que he final , que estavas mouco.

CXL.

Que se não devem dizer graças , a quem está triste.

Diz graças a bem má hora ,
 O que se poem gracejando ,
 Com quem se está lamentando :
 Quem diz graças , a quem chora ;
 Deve ir das graças chorando.

CXXI.

*As graças devem ser proporcionadas
às pessoas, que as fazem, ou dizem.*

As graças devem de ser,
Conforme as pessoas são:
Mal lhe havia succeder,
Se o burro fosse fazer
As graças, que faz o caõ.

CXXII.

*Que he necessaria prudencia para se
gracejar com os superiores.*

Grças para os superiores
Precisaõ de tanta traça,
Que he melhor naõ as expores;
Pois se a dizer grças fores,
Talvez decaias da graça.

CXXIII.

A hum nescio.

Naõ me espanto de te ver
De grças taõ avarento;
Nem póde deixar de ser;
Que, para grças dizer,
He preciso entendimento.

CXLIV.

Do tolo, e do velhaco.

Por vezes tolos soffri ;
 Mas os velhacos faõ taes ,
 Que sempre delles fugi ;
 O tolo faz mal a si ;
 O velhaco mal aos mais.

CXLV.

Conselho.

Foge de hum , que com razãõ
 De ter grande tempestade
 Dentro do feu coraçãõ ,
 Mostra no rosto feiçãõ
 De grande serenidade.

CXLVI.

Da morte.

Ninguem vive sem comida ,
 E ferá bem rara , e má ,
 A que sem morte virá ;
 A morte nos tira a vida ;
 A morte a vida nos dá.

CXLVII.

A hum máo dançador.

Zombaõ de toda a mudança,
 Que dançando vás fazendo:
 Eu, que alegria pertendo,
 Alegro-me de huma dança,
 Que excita rizo, em se vendo.

CXLVIII.

A hum Copeiro bebado.

Teimas na etymologia
 Do nome Copeiro topo:
 Teima alguẽm, que te viria
 De copa; mas eu diria,
 Que elle te veio de copo.

CXLIX.

A hum máo Medico.

Com os remedios trocar
 Te vás lançando a perder;
 Porque em vez de receitar
 Remedios para curar,
 Receitas para morrer.

CL.

A hum Boticario , do qual bavia fama publica, que falsificava os remedios.

Que falsificas receitas
 Dizem : eu digo , que implica ;
 As receitas falsifica ,
 Quem sabe , como são feitas ,
 E vai á tua botica.

CLI.

A hum Viajeiro.

Viste muito em viajar ;
 Vejo o mesmo com me pôr
 Neste , ou naquelle lugar ,
 Que tu não podes passar
 De ter visto luz , e côr.

CLII.

A vigia.

O sonho com larga mão
 Dando-nos , quanto bom ha ,
 Serve de consolação :
 Tu , vigia , és hum ladrao ,
 Que roubas quanto elle dá.

Res-

CLIII.

Resposta da vigia.

Lança-te hum toiro açanhado
 O fonho , e mil inimigos ;
 Faz-te rodar despenhado ;
 Gritas muito agoniado ;
 E eu te livro dos perigos.

CLIV.

Dos trabalhos passados.

Os trabalhos , que passaraõ ,
 Daõ gosto , quando lembrados ,
 Naõ pelo mal , que causaraõ ;
 Mas porque naõ me acabaraõ ;
 E elles estaõ acabados.

CLV.

A hum máo Ferrador.

Chega-te hum bravo animal ;
 E tu dentro em breve espaço
 O pões em mansidaõ tal ,
 Que já , para fazer mal ,
 Apenas dará hum passo.

CLVI.

A hum mão Alveitar.

Ha gente, que te procura
 Para a besta lhe farar ;
 E eu não fei adivinhar ,
 Se he mais besta , a que se cura ,
 Se a que a manda a curar.

CLVII.

A hum mão Grammatico Grego.

Com dicções Gregas á vista
 Procuras aqui , e alli
 Hum *circunflexo* , ou em *mi* ;
 Culpas o Diccionarista ,
 Devias culpar a ti.

CLVIII.

A hum mão Grammatico Latino.

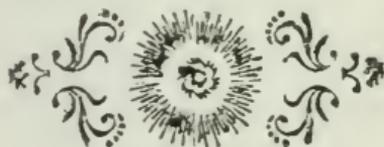
Se traduzes com o fim
 De entenderem-te , he em vão ,
 Que os que Latinos não são ,
 Entendem mais o Latim ,
 Do que a tua traducção.

Da

CLIX.

Da meditação na morte.

Talvez, que bem se comporte,
Quem meditar sem medida
Nessa morte aborrecida;
Mas não vejo, de que importe
O meditar-se na morte,
Sem se meditar na vida.



LIVRO IV.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.
DE palavras jógo ás vezes ;
 Sé tu só fábes de ouvido ,
 Talvez terás aprendido
 De alguns sábios Portuguezes ,
 Que este jogo he prohibido.

Essa he a regra geral ;
 Mas já , que és dos sabixões ,
 Pergunto-te as excepções :
 Talvez não ouvisses tal :
 Então não me dêz razões.

II.

Remedio para não haver guerras.

A tantas guerras , que vão ,
 Só podia pôr limite
 Outra guerra , e dissençaõ ,
 Que he a guerra da razaõ
 Contra o perverso appetite.

III.

A huma mulher muito feia.

Acharás fevero, e crû,
 Quem de teu agrado for;
 Porque metes tal horror,
 Que eu duvido, que até tu
 Tenhas a ti mesma amor.

IV.

Do adulado, e do adulator.

Cameliaõ o adulado,
 O mesmo he o adulator;
 Hum por naõ ter certa côr;
 Outro, porque he sustentado
 No vento do vaõ louvor.

V.

Do homem de bem.

Muito de insignias reais
 Naõ faz hum homem de bem;
 Tal predicado convem
 A' aquelle, que soffre mais
 A' aquelle, que mais se abstem.

VI.

De duas especies de tempo.

Corre hum tempo despedido ,
De azas velozes armado ,
Outro em moletas firmado ;
Aquelle he de hum divertido ;
He este de hum desgraçado.

VII.

Do exemplo dos pais para os filhos.

Dás ao filho bom conselho ;
Mas tuas obras são más ;
Com boas bom o farás ;
Que he como imagem no espelho ;
O mesmo que fazes , faz.

VIII.

Da má companhia.

Tu tens da bondade o dom ;
Vás com hum vil , hum maráo ,
Hum perverso em summo gráo ;
Não diráo , que o máo he bom ;
Mas diráo , que o bom he máo.

De

IX.

Do teimoso.

Nunca já mais me affligi,
 Se sem razão teima alguém;
 Digo-lhe, que elle diz bem;
 E que succede daqui?
 Mais afno vai, do que vem.

X.

A humá má lavandeira.

Mulher, sem fazer-te affronta,
 Quero-te defenganar;
 Eu dou a roupa a lavar;
 Erras se fazes de conta,
 Que ta dou eu a fujar.

XI.

A outra.

Mil trabalhos queres ter,
 Rompendo, o que se te dá;
 Eu me dô-o de tal ver;
 Deixa-te desse romper;
 Lava, que eu romperei cá.

XII.

A hum bobo.

Com graças , que taes não ha ,
 Vás comendo como hum lobo ;
 E dizem , que tu és bobo ;
 He mais bobo , quem to dá.

XIII.

Qual seja o fim da guerra.

Pergunta-me hum imprudente
 Da guerra o fim verdadeiro ;
 Tem ella hum fim bem patente ,
 Que he dar fim de muita gente ,
 E fim de muito dinheiro.

XIV.

Da paz.

Que a paz he bem sem igual
 Não deve negar alguem ;
 Porque he muito natural ,
 Sendo a guerra o maior mal ,
 Ser a paz o maior bem.

XV.

De huma pobre.

Huma pobre me dizia,
 Que não tinha inda comido
 Comer de lume esse dia;
 E he certo; pois se comia
 Tal comer tinha morrido.

XVI.

A hum que chorava estando bebado.

Vinho alegre o coração
 Do homem; porém vejo, e escuto,
 Que enche esse teu de paixão;
 Porque bebes de feição,
 Que não és homem, mas bruto.

XVII.

Da pobreza.

Dizem, que a pobreza he boa;
 Porém não ha quem a queira;
 Se hum a louva, e apregoa,
 Dais-lhe hum dobrao pela loa,
 Mete-o logo na algibeira.

XVIII.

A Deos nosso Senhor.

O meu coração quereis;
 Eu já por vosso o número;
 Mas com que razão espero,
 Meu Senhor, que o querereis,
 Se elle he tal, que eu o não quero.

XIX.

Da riqueza.

Perguntou-me huma pessoa,
 Se a riqueza he mal, ou bem?
 Conforme a mão, a que vem;
 Se he bom, quem a tem, he boa;
 He má, se he máo, quem a tem.

XX.

A hum bebado.

Ser cruel, e fer damninho.
 Sempre com vinho te vi:
 Vás pondo tudo a caminho:
 Oh, se fugisses do vinho,
 Como se foge de ti.

XXI.

A outro.

Bom he , que o fummo da vinha
Te provoque a adormecer ;
Porque a deixar de assim ser ,
Nenhuma pessoa tinha
Já vinho para beber.

XXII.

A outro.

Se enches de vinho os ilhais ,
Tudo geralmente ri ,
Galhofas universais ;
Tu fazes galhofa aos mais ;
Elles a fazem de ti.

XXIII.

A huma benzedeira.

Que eu tinha olhado convinhas ;
E se mal ha taõ damnado ;
Eu creio , que tinha olhado ;
Pois tu olhado me tinhas.

Já com grossas contas vinhas
 A benzer-me ; eu , que tal vi ,
 Na arenga não consenti ,
 Que tu me havias dizer ;
 Que eu melhor me fei benzer ,
 Não do olhado ; mas de ti.

XXIV.

A nossa Senhora.

Vós fois mãe dos peccadores ;
 Vós fois dos Santos Rainha :
 Confesso , que por mãe minha
 Me fazeis muitos favores.

Por elles vos dou louvores ;
 Mas , como filho , vos fallo ,
 Que me dá hum grande abalo
 Em puro filho ficar ;
 Antes queria passar
 De filho para vassallo.

XXV.

Ao ambicioso.

O que andas de diligente ,
 Por te pôr em grande altura !
 Nenhum lugar eminente
 Te livrará finalmente
 De huma baixa sepultura.

XXVI.

Ao soberbo.

Dou , que és sabio , que és gentil,
 Que és forte , e bens em ti ha ,
 Que o fangue illustre ferá ;
 Que importa , se és fervo vil
 Da soberba ama bem má ?

XXVII.

Da falta de fé.

De andarmos nós opinando
 No mais , não tomo paixão ;
 Porém doe-me o coração
 De ver , que se vai mudando
 A fé para opiniaõ.

Da

XXVIII.

Da vaidade.

Disse , quem sabia bem ,
 Que em tudo vaidade ha ;
 Não o negará alguém ,
 Vendo gente , que até tem
 Vaidade de ser má.

XXIX.

Ao preguiçoso.

Mais faceis são de mover ,
 Que tu desmarcados feixos :
 Vejo , que ha de succeder
 Deixares tu de comer ,
 Por não moveres os queixos.

XXX.

*A hum que indagava como podia o
 Poeta compor tantos livros.*

Tu vendo os livros , que ponho
 No prélo , andas inquirindo ,
 De que modo eu os componho ;
 Porque te parece sonho :
 Não os componho dormindo.

XXXI.

A huma mulher muito porca.

Naõ duvida nesciamente
 Aquelle, que saber quer,
 Vendo a porqueira presente,
 Se tu és mulher de gente,
 Ou se és do porco mulher.

XXXII.

Da variedade de toucados.

Nenhuma mulher acerta
 Em tanta moda encontrada
 Com cabeça bem toucada;
 Antes quem mais a concerta,
 A tem mais desconcertada.

XXXIII.

A hum mentiroso.

Com effe mentir sem fim
 Enganarás hum milhaõ;
 Naõ me has de enganar a mim;
 Tomo o teu naõ pelo fim,
 E tomo o fim pelo naõ.

De

XXXIV.

De Mendo inutil.

Mendo, que o occupe, aperta ;
 Porém he de modo aquelle ,
 Que será coísa mais certa
 Achar-se a ilha encuberta ,
 Que achar-se prestimo nelle.

XXXV.

A hum má Musico.

Orpheo as pedras movia
 Cantando suavemente :
 Quanto delle és diferente !
 Pedras aquelle attrahia ;
 Tu fazes fugir a gente.

XXXVI.

A huma taverneira , que vendia vinho muito azedo.

Sendo tu má taverneira ,
 Pódes fazer hum milagre ,
 Que he vender vinho , e vinagre
 Por huma mesma torneira.

XXXVII.

*A hum taverneiro, que deitava muita
agua no vinho.*

Mil applausos debes ter ;
Porque tens a discriçaõ
De taõ bom vinho vender ,
Que o pódem Mouros beber ,
Sem quebrantar o Alcoraõ.

XXXVIII.

A's moscas.

Os homens , que vós beijais ,
Saõ em finezas escaços ;
E as aranhas liberais ;
Pois se vós beijos lhes dais ,
Correspondem com abraços.

XXXIX.

Da justiça.

Hum punha certo labeo
Na justiça , outro a poz alta ,
Dizendo , que era do Ceo :
Assim he , dizia hum réo ;
Por isso ella cá nos falta.

Que

XL.

Que não devemos accumular riquezas.

He louco, quem por milhões
Se mete em trabalho forte,
Vendo, que essas possessões,
Se escaparem de ladrões,
Ha de rouballas a morte.

XLI.

Queixa do dinheiro do avarento.

Ah miseravel de mim,
Que aqui me tem prezoneiro!
Por livrar do cativeiro,
Desejo a meu amo o fim;
E mais lho deseja o herdeiro.

XLII.

Consolação, que o avarento dá ao dinheiro, tendo noticia da queixa deste.

Queixas-te dessa prizaõ,
Com que eu tanto me contento;
Não tens de queixa razaõ;
Que eu nem cuido em salvaçaõ,
Cuidando no teu augmento.

De

XLIII.

De alguns, que murmuraõ das honras.

Muita gente pertinaz,
 Que naõ diz das honras bem,
 Como quem caso naõ faz,
 Naõ diz mal dellas por más;
 Mas diz, porque naõ as tem.

XLIV.

*Dá a razaõ, porque se pinta o amor
 rapaz, sendo elle taõ antigo.*

Discorrendo eu na razaõ
 De pintar-se o amor rapaz,
 Sendo elle muito anciaõ;
 Naõ vejo causa, fenaõ
 As travessuras, que faz.

XLV.

A hum anonymo.

Escreve-te, naõ lei quem,
 E diz: Meu bem; mas he tal
 A ingraticidaõ, que tem,
 Que vendo, que és o seu bem
 Se faz o teu maior mal.

XLVI.

A outro.

Para que he tal praguejar?
 Dás ao diabo hum, que se deu
 Todo a matar, e roubar;
 Escufavas de lho dar,
 Que eu creio, que era já feu.

XLVII.

Que o pobre he desconhecido.

Em passando o rico, ou nobre,
 Conhecem: dizem: Aquelle
 Tem dinheiro, que lhe sobre;
 Mas ninguem conhece o pobre,
 Senaõ para fugir delle.

XLVIII.

A hum ladraõ.

Nunca pedi a ninguem.
 Deste modo te gabavas;
 Mas vindo alli, naõ sei quem,
 Te disse: 'Tu dizes bem;
 Naõ pedias; mas tomavas.

Que

XLIX.

*Que não convem , que o marido faça
todas as vontades á mulher.*

Se bom , e máo , que quizer ,
A tua mulher fizeres ,
Faz-fe insolente a mulher ,
Para fazer , o que quer ;
E não , o que tu quizeres.

L.

Do máo casamento.

Casa mal , o que não pensa
Em conservar paz de forte ,
Que não viva em defavença ,
Que no casado he doença ,
Que só acaba com morte.

LI.

A respeito de conseguir fama.

Aquelle , que estima , e ama
Ter para a fama bom porto ;
Não faça vida de cama ;
Que não vivira por fama ,
O que viveo , como morto.

LII.

Do suor do Heróe.

Teve hum suor mui cheiroso
 Alexandre Magno : alguém
 O terá por milagroso ;
 Mas não ha Heróe famoso ,
 Sem suor , que cheire bem.

LIII.

A hum anonymo.

Andar em grande cuidado
 Por hum officio te vi :
 Depois que a outro foi dado ,
 Dizes que he mal empregado :
 Ficava peor em ti.

LIV.

Do Rabula.

O Rabula , que he matreiro ,
 Cuida em ter livros-bastantes ;
 Não os revolve ; mas antes
 Cuida em revolver dinheiro
 Da bolsa dos litigantes.

LV.

A hum anonymo.

Pedes a avaro fechado ;
 Mas descuida de levar ;
 Porque elle cuida em guardar
 Com taõ esteril cuidado ,
 Que he escusado aguardar.

LVI.

Da riqueza , e pobreza.

He como enguia a riqueza
 Depressa escorrega , e passa ,
 Sem nella se fazer preza ;
 Mas a maldita pobreza
 Pega-se como carraça.

LVII.

A hum litigante.

Dessa causa , que correste ,
 Vens-nos dizendo : Venci.
 Segundo , o que despendeste ,
 Naõ sei se tu a venceste ,
 Ou se venceo ella a ti.

Das

LVIII.

Das mulheres.

Mulheres se queixaraõ
 De estarem a leis sujeitas ,
 Que dadas por homens saõ ;
 Mas tambem ellas lhas daõ ,
 Por final pouco direitas.

LIX.

A hum relogio.

Relogio , vai profeguindo ,
 Que eu me vou defenganando ;
 Porque tu me estás mostrando
 O tempo , que vai fugindo
 A' morte , que vem chegando.

Oh , de modo eu me despoje
 Do mal , que parece bem ,
 Que fique o coração sem
 Saudades , do que foge ,
 Nem temores , da que vem.

LX.

Aos Exorcistas.

Podia-se dar por dito ,
 O que creio , não ignora
 Hum Exorcista perito ;
 E he , que não sustente o espirito
 De espiritos , que deita fóra.

LXI.

A huma velha.

De humas dores , que não sentes ,
 Sempre queixando-te vens :
 Vai fazer lá outros crentes
 Das tuas dores de dentes ;
 Que eu já fei , que não os tens.

LXII.

Do hypocrita.

Quando se lhe dá louvor
 De ter grande santidade ,
 Diz o hypocrita impostor :
 Eu sou grande peccador.
 Só entaõ falla verdade.

LXIII.

De hum simples.

Hum homem simples ouvi
 A hum hypocrita rogar,
 Que fosse por elle orar:
 Em quem nem ora por si,
 Bom proveito hia buscar.

LXIV.

Do hypocrita , e do bobo.

O hypocrita sem lidar,
 Tem casa, cama, e comida,
 Tem que vestir, e calçar:
 Ninguem poderá negar,
 Que he homem de boa vida.

A algum bobo se confere
 O mesmo: anda muito fresco,
 Sem trabalho, que o exaspere:
 He hypocrate, differe
 Puramente em ser burlesco.

LXV.

Da velhice.

De annos não só patetice ;
 Mas muitos achaques vem ;
 Porém ninguem ha , que visse
 Mulher , que culpe a velhice ,
 Nem dos dentes , que não tem.

LXVI.

Do esquecimento da morte.

Da morte andais esquecidos ,
 Havendo quem vos exhorte
 Da morte inda adormecidos ;
 Que são muito parecidos
 Hum com outro o somno , e morte.

LXVII.

Veneno.

Muita gente se intimida
 Do veneno ; porque offende ;
 Mas outra d'elle depende
 Para conservar a vida.
 Quem póde ser ? o que o vende.
 De

LXVIII.

De algumas mulheres.

No mundo ha mulheres tais ,
 Que eu certamente affirmara ,
 Que seriaõ immortais ,
 Se renovassem o mais ,
 Como renovaõ a cara.

LXIX.

Dos Poetas lascivos.

Huns Poetas occupados
 Em seus amores cantar ,
 Bem lhes podemos chamar
 Homens , que cantaõ peccados ,
 Os quaes deviaõ chorar.

LXXX.

Oraçaõ injusta.

Se ha quem pede a Deos , q̃ faça
 Morrer seu irmaõ morgado ,
 Este he louco confirmado ;
 Porque pertende por graça
 Fazer outro desgraçado.

Dos

LXXI.

Dos benzedores.

Naõ sei, com que parecer
 Benzedores aturais,
 Sendo huns ignorantes taes,
 Que naõ se sabem benzer,
 E querem benzer os mais.

LXXII.

A hum jaõtancioso.

Falto em todo de saber
 Nada ha, de que naõ te gaves;
 He força, que nescio acabes;
 Porque o primeiro saber
 He saberes, que naõ sabes.

LXXIII.

*A hum velho, que lhe tremia a cabeça
 em acção de quem acena, que sim.*

Dás a toda a casa penas
 Fazendo grande motim?
 A ti mesmo te condemnas;
 Pois com a cabeça acenas,
 Como quem me diz, que sim.

LXXIV.

A hum anonymo prodigo.

Tu promettes a credores ;
 Depois mentiras inventas :
 Gastas com aduladores ;
 Por sustentar comedores ,
 A palavra não sustentas.

LXXV.

A hum caçador pobre.

Tudo com cães desbaratas ;
 E tu com fome emmagreces ,
 Em quanto desses cães trataas :
 Se fome canina matas ,
 Fome canina padeces.

LXXVI.

A hum que affectava de sabio.

Em huma questaõ te ouvi
 Do teu saber bem alheia :
 Com presumpçaõ , de que alli
 Darias conta de ti ,
 Deste com o pé na peia.

LXXVII.

Viuvo.

O que casa , em enterrando
 A mulher , chora sómente ,
 Não lhe morrer de repente ;
 Que evitava estar gastando
 Com ella , em quanto doente.

LXXVIII.

Pranto de huma viuva.

Ai , miseravel de mim !
 Huma viuva dizia ,
 Que comi com companhia ;
 Mas agora como assim :
 E ella pelos dois comia.

LXXIX.

A hum bebado soberbo.

Vês esse da cabelleira ,
 Que mil vezes outra tem ?
 Diz , que de bons troncos vem ;
 Cuido que são de parreira ;
 Porque elle bebe-lhe bem.

LXXX.

A hum avarento, que tinha hum grande nó de garganta.

Vejo o teu nó de garganta
Mais, e mais apparecer;
Trabalha pelo deter,
Senaõ foge em fome tanta,
E vai buscar que comer.

LXXXI.

A hum avarento.

Se a tua boca tamanha
Servisse só de comer,
Nós a haviamos de ver
Com suas teias de aranha
Por falta de se mover.

LXXXII.

A hum Poeta ineptissimo.

Huns versos denominados
Nos vens aqui imbutir,
Que nos deixaõ nauseados:
Moucos bemaventurados,
Que te não pódem ouvir.

LXXXIII.

A hum soldado jaſtancioſo

Das tuas victorias trataſ ,
 Das batalhas dos perigos ,
 Com que tanto nos maltrataſ ,
 Que creio , que mais nos mataſ ,
 Do que mataſte inimigos.

LXXXIV.

*Do que ſendo pobre quer oſentar
 de fidalguia.*

Faz a ſoberba inimiga ,
 Que grandes males padeça ,
 Quem quer , que ſe compadeça
 Trazer fome na barriga ,
 Fidalguia na cabeça.

LXXXV.

Dos pedintes.

Os mendigos fingem ſommas
 De queixas com tal deſtreza ,
 Que parecem natureza ;
 E ellas todas ſão ſymptomas
 Da peſtilente pobreza.

LXXXVI.

A hum poetastro.

Por não feres cenjurado
 De versos, que eu arrenego,
 Acolheſtes-te a ſagrado;
 Porque nunca tens paſſado
 De compor lendas de cego.

LXXXVII.

A hum avarento.

Dizes, que lidas por ter,
 Com que viver; eſſa lida
 Vai durando até morrer;
 Lidas por ter, que viver,
 Quando não tiveres vida.

LXXXVIII.

Epitafio de hum avarento.

Podia ter vida extenſa;
 Mas vim mais cedo aqui dar,
 Por me eximir de gaſtar:
 Não me matou a doença;
 Matou-me não a curar.

LXXXIX.

A hum calvo.

Bem vejo, que a cara viras,
 Quando passando te falvo;
 E que a ninguem chapeo tiras;
 Outros se accendem em iras;
 Eu não, que vejo que és calvo.

XC.

Do máo Advogado.

A Letrado charlataõ
 Expor tua causa vens;
 Elle fim será ladraõ;
 Mas não te furta a razaõ;
 Antes ta dá, se a não tens.

XCI.

De homens, que voaõ.

Tu por fabula condemnas
 O voar Dedalo; e eu não;
 Pois vejo de homens centenas,
 Que voaõ com suas pennas,
 Principalmente o Escrivaõ.

XCII.

A hum anonymo.

Sei remedio verdadeiro ,
 Com que faltas tirarás ,
 Que te poem ; e muito más ;
 Em naõ tendo a do dinheiro ,
 Nenhuma falta terás.

XCIII.

A hum insigne mestre de picaria:

Temo brutos nomeallos ;
 Pois taes sinaes de razaõ
 Mostraõ com tu ensinillos ,
 Que vemos , que faõ cavallos ;
 E duvidamos se o faõ.

XCIV.

Falla a noite ao dia.

A mim venere , a mim siga
 Gente , que quer bom conchego ;
 E de ti seja inimiga ;
 Que tu lhe dás a fadiga ,
 E eu lhe dou della o socego.

Ref.

XCV.

Resposta do dia.

Inda mais que és venerada ?
 Naõ te procuraõ milhões
 De gente , que he bem honrada ?
 Por exemplo a namorada ,
 Matadores , e ladrões.

XCVI.

A opiniaõ.

Naõ posso ter paciencia
 Com a tua má relé ;
 Excitas muita pendencia ;
 Naõ te unes com a sciencia ;
 Es inimiga da fé.

XCVII.

*Que mentem os homens , dizendo que
 andaõ á sua conveniencia.*

Mentis dizendo , que andais
 A' vossa conveniencia :
 Inda a de cá , se a buscais ,
 Na lei do Senhor a achais ,
 E fazeis-lhe resistencia.

XCVIII.

A borboleta.

Inda que alli te derretas ,
 Achas o fogo jucundo ,
 Para que nelle te metas :
 Que de humanas borboletas
 Eu vejo por esse mundo !

XCIX.

A hum que dizia ditos picantes.

Alguns que de fóra estaõ
 Louvaõ teus ditos felizes
 Pela sua discriçaõ ;
 Porém tal nunca diráõ
 Aquelles , a quem os dizes.

C.

A formiga.

O Sabio manda aprender
 De ti , e bem pouca gente
 Aprende a ser providente ;
 Muita a guardar ; e esconder ;
 E velhos principalmente.

CI.

Da etymologia da botelha.

Naõ sei bem , porque razaõ
 A' garrãfa , que se esgota ,
 Nome de botelha daõ ;
 Eu fora de opiniaõ ,
 Que he botelha , porque bota.

CII.

A hum que tinha as pernas grossas.

Vendo effa perna remota ,
 Parece tronco de azinho :
 O que de perto se nota ,
 He , que precisa huma bota
 Taõ larga , como a do vinho.

CIII.

Dos homens , que naõ tem boca.

Dizem , que ha no Oriente
 Gente , que boca naõ tem :
 Tambem cá no Occidente
 Ha sem boca muita gente ;
 Mas he , para dizer bem.

Ho-

CIV.

Homens de grande orelha.

Ha homens de huma nação ,
 (Se havemos crer certo Author.)
 Que de taes orelhas são ,
 Que huma serve de colchaõ ,
 Serve outra de cobertor.

A coherencia me aconselha
 A ficar hum pouco crente ;
 Que inda que não emparelha ,
 Tambem de mui grande orelha
 Temos por cá muita gente.

XV.

Homens extraordinarios.

Qualquer que diz, que homens ha
 Com rabo , de fé careça ;
 Porém affentado está
 Por certo , que temos cá
 Muitos homens sem cabeça.

CVI.

Definição da velhice.

Sempre, quanto soube, disse,
 A quem o quiz aprender;
 Agora queres saber,
 Que coisa seja velhice?
 He ir deixando de ser.

CVII.

A Aulo.

Ensina, Aulo Latim,
 A Rhetorica, o Francez:
 Hum prodigio és para mim;
 E mais, quando a saber vim,
 Que nem sabes Portuguez.

CVIII.

Apologia pelos papeis dos cegos.

As que o cego anda a vender
 Dizes, que são obras más;
 Obras más não podem ser,
 As que ajudaõ a viver
 Author, e cego, e rapaz.

E se essa lingua taõ louca
 Censurando engenhos tardos,
 Acha em papeis graça pouca;
 Nem todos saõ de má boca,
 Ha burros, que comem cardos.

CIX.

A hum jaetancioso.

Fazes huma misturada
 De tantas prendas, e bens,
 Que as grandezas, com que vens,
 Mostraõ naõ te faltar nada,
 Nem falta; que nada tens.

CX.

A huma mulher presumida de discreta.

Com voz de tiple fingida,
 A tua boca torcendo,
 Taes arengas vás dizendo,
 Que se crês, que és entendida,
 Eu juro, que naõ te entendo.

CXI.

A huma mulher cabeçuda.

Inda que gente fizuda ,
 Que és cabeçuda encareça ;
 Naõ fei , que se compadeça
 O feres tu cabeçuda
 Tendo falta de cabeça.

CXII.

A hum bobo.

Vás comendo como hum lobo ,
 Vestes bem , tens boa cama ,
 Por teres de bobo a fama ;
 Eu naõ fei , se tu és bobo ,
 Ou , se he bobo , quem to chama.

CXIII.

A' morte.

De trabalhos allivias ;
 Porque te havemos temer ?
 Oh , que nos podes meter
 Em maiores agonias :
 Façamos por naõ as ter.

De-

CXIV.

Definição do mundo.

O mundo he huma morada
 Por dois dias concedida,
 Com duas portas formada;
 A vida he porta de entrada,
 A morte he a da sahida.

CXV.

Falla a cortezia.

Todo o mundo a mim se inclina
 Com amor, e complacencia;
 Porém ha quem me arrruina;
 Pois de modo me refina,
 Que me faz impertinencia.

CXVI.

Se ha lobishomens.

Se os lobishomens são ditos
 Por constar de lobo, e homem,
 Ha muitos destes malditos;
 Porque ha homens infinitos,
 Que são lobos, no que comem.

CXVII.

A hum que tinha medo de defuntos.

Se me acometerem juntos
 Defuntos , dou delles fim ;
 Porque a tal esforço vim ,
 Que me temo de defuntos ,
 Como os defuntos de mim.

CXVIII.

Da brevidade da vida.

Dizemos , que he breve a vida ;
 Mas nas más obras mostramos ,
 Que ella passa da medida ;
 E para não ser comprida ,
 Fazendo mal a encurtamos.

CXIX.

Do pedinte moço.

Moço , que anda a mendigar ,
 Costuma bem repetir :
 Antes pedir , que furta ;
 Mas não póde encarrilhar :
 Antes lidar , que pedir.

CXX.

Ao invejoso.

Se algum em bens vês crescer,
 Lhe tomas hum odio tal,
 Que lidas pelo perder;
 Eu estimara saber,
 Se o bem d'elle te faz mal.

CXXI.

A hum avarento.

Para deixar ao herdeiro,
 Com que elle veste, e elle come,
 O trabalho te consume;
 E para fechar dinheiro
 Abres a boca com fome.

CXXII.

Ao prodigo.

Sem conta, pezo, ou medida,
 Vás derramando dinheiro:
 Que se espera dessa vida?
 Não lhe dou outra sahida,
 Ou ladraõ, ou caloteiro.

CXXIII.

Do objecto do amor.

Naõ fei como póde fer
 O bom objecto do amor,
 Se he máo o mundo traidor,
 No que nos dá, que soffrer;
 E elle tem muito amator.

CXXIV.

Da mulher amiga de gozos.

Tem mulher tal afeição
 A feu caõsinho Cupido,
 Que, se a escolher lhe daõ,
 Que morra o marido, ou caõ,
 Ha de dizer, que o marido.

CXXV.

*Dos hypocritas, e de qualquer pessoa
 fingida.*

Zombaõ de Deos, e da Igreja,
 Naõ posso hypocritas ver;
 Mas seja qualquer que seja,
 Aborreço, quem deseja
 Mais parecer, do que fer.

Do

CXXVI.

Do contradicção.

Se tu chegares a ver,
 Quem, sem olhar a razão,
 Se empenha em contradizer,
 Tem presumpção de saber;
 Mas tem só a presumpção.

CXXVII.

A hum apaixonado pelos Authores do seculo de quinhentos.

Se cuidas, que a habilidade
 Nos de quinhentos está,
 E nenhuma em outra idade;
 Mais, ou menos na verdade
 Cá, e lá más fadas ha.

CXXVIII.

Dos que pertenderão introduzir-nos a lingua antiga.

No fallar o uso me importa;
 Por isso he má tentativa,
 A da pessoa, que exhorta,
 Que gente ha seculos morta
 Venha ensinar lingua viva.

CXXIX.

Aos mesmos.

Debalde trabalhais fós,
 Para que nos embutais
 Lingua de nossos avós:
 Que importa querereis vós,
 Senão quizerem os mais?

CXXX.

Dos meditabundos inuteis.

Vejo huma gente exquisita
 Em meditações pasmada;
 Em executar parada;
 Não sei, em que ella medita;
 Cuido, que em não fazer nada.

CXXXI.

A hum ocioso.

Quero ler, quero estudar;
 Tu malvado com rosnares,
 Não basta o tempo gastaes,
 Queres-me tambem gastar.

Desejo de me enfadar ;
 Porém vendo , que te deu
 Em gastar o tempo teu
 Com hum fallar frio , e vaõ ,
 Enfadarme-hei sem razaõ ;
 Porque me gasta o meu.

CXXXII.

Do amor cego.

Ser amor cego , ou naõ fer
 Naõ he questaõ , que eu sustenha ;
 Mas se cego o conceder ,
 Creio , que naõ póde haver
 Cego , que mais moços tenha.

CXXXIII.

*Da displicencia , que os moços tem
 com os velhos.*

Dizem-me , que a mocidade
 Tem a velhos averfaõ ,
 Sem outra maior razaõ ,
 Que estes fallarem verdade ;
 Mas para que defagrade
 Esta razaõ , com que vem ,

Huma grande objecção tem ;
 E he , que mil velhos verias ,
 Que mentem noites , e dias ;
 E mais não lhes querem bem.

CXXXIV.

A hum velho garrido.

Tu queres imitar effes
 Moços , que com muito rizo
 Dizem , que já entonteces ;
 E eu digo , que bem pareces
 Moço ; mas he no juizo.

CXXXV.

A hum valentaõ.

Tu presumes de valerçs
 Por valentaõ singular ;
 E eu tenho disso prazeres ;
 Porque he bom para poderes
 Com muitas que has de apanhar.

CXXXVI.

*Abum que dizia (e com razaõ)
que não cria em bruxas.*

Naõ crês, que haja alguma bruxa:
Oh, como vás enganado !
Sangue o dinheiro he chamado ;
E ha tal, que de modo chucha,
Que deixa tudo esgotado.

CXXXVII.

A Plutumeno insolente.

Foste bom, quando eras pobre ;
Tens, desprezas teu irmaõ :
A riqueza errou a acçaõ ;
Pois faz muita gente nobre ;
Mas a ti fez-te vilaõ.

CXXXVIII.

Maxima.

Naõ te queiras odiar,
Nem com infimo vilaõ :
Qualquer se póde vingar ;
O bem custa muito a dar ;
O mal sempre está á maõ.

CXXXIX.

A hum desavergonhado.

Por tua patifaria
 Merecias feito em pó;
 Porque em muita companhia
 Fazes o que não faria,
 Por pejo, outro estando só.

CXL.

A Pomerio.

Sempre andas a perguntar,
 Porque não hei de applaudir
 Tuas coisas, nem louvar:
 Tem pouco que adivinhar;
 He que não quero mentir.

CXLI.

Do rico, e do pobre.

Porque anda de bom humor
 O pobre, e sempre de chança;
 Triste o rico, e com má côr?
 Reina no rico o temor,
 Reina no pobre a esperança.

CXLII.

A hum fallador:

Fallas hum dia de Maio ,
 Sem teres a voz cançada ;
 Ninguem contigo quer nada ;
 Se tu fosses papagaio ,
 Serias coisa estimada.

CXLIII.

A hum velho namorado.

Depois de com cans te ver ,
 Sem dentes , e encarquilhado ,
 Velho te havia de crer ;
 Mas isto não póde ser ,
 Que eu vejo-te namorado.

CXLIV.

A hum pobre soberbo.

São tuas soberbas tais ,
 Que por ellas te dão chascos :
 Não vi desgraças iguais ;
 Além de pobre no mais ,
 Também és pobre de cascos.

CXLV.

A hum que promettia , e não dava.

Promettes em quantidade ;
 Nada dás : ha quem te entenda ;
 O prometter talvez renda
 Fazer-te alguém a vontade ;
 Não dar gasta a fazenda.

CXLVI.

*Das regras , que se dão para as
 composições.*

Para compor vejo dar
 Regras de hum proveito fraco ;
 Ensinaõ-me a imitar ;
 Se eu nellas quizer ficar ,
 Não sou author , sou macaco.

CXLVII.

Louvor da Batrachomiomachia.

Se Homero aqui intentou
 Mostrar-se principiante
 Na arte , em que depois lustrou ;
 Nem na Iliada mostrou
 Engenho mais relevante.

Que

CXLVIII.

*Que não devemos seguir cegamente
os antigos.*

A antiguidade he sciente ;
Louvo-a ; mas não me arrebatá
A seguilla cegamente ,
Fazendo-me asno , e ella gente ,
Que vá comigo á arreata.

CXLIX.

O burro discreto.

Hum burro está a comer
Farelos , em caõ chegando ,
As orelhas agachando
Dá couces , e quer morder
Algum furto receando.

Porém se fevada tem
Diante , com a chegada
Do caõ não se inquieta nada ;
Porque sabe muito bem ,
Que o caõ não come fevada.

CL.

A Nero matricida.

Culpa-te gente entendida
 De ires da vida privar,
 A quem vida te foi dar;
 Mas mesmo por te dar vida,
 Lha devias tu tirar.

CLI.

*A Manlio matando seu proprio
filho.*

Dêste ao filho morte infana,
 Por quebrar lei paternal;
 Mais mereces pena tal,
 Que elle quebrou lei humana;
 E tu a lei natural.

CLII.

De certo Historiador.

Naõ minta o Historiador.
 E naõ he mentira leve
 Aquella de nos propor,
 Que vai historia compor,
 E encomios dos seus descreve.

CLIII.

A hum criado preguiçoso.

Nós devemos discutir,
Qual he o fim de hum criado;
Eu julgo, que he o servir;
Tu julgas, que he o dormir;
Hum de nós anda enganado.

CLIV.

Dos muitos que se lançã a pedir.

Mal aos pobres ha de vir,
Se isto vai, como se vê,
Porque indo, como o vejo ir,
Todos darão em pedir,
Sem haver algum que dê.

CLV.

*A hum que andando ausente lhe fugio a
mulher, vendendo o q̃ havia em casa.*

Em quanto por fóra andaste,
A mulher além de se ir,
Não te deixou nem hum traſte:
Cala-te, que bem ganhaste
Em'a mulher te fugir.

CLVI.

A hum que pedia muito.

Arre com tal perseguir ;
 Já te não posso aturar ;
 Outra teima hei de seguir ;
 Não fazes fim em pedir ;
 Não farei fim em negar.

CLVII.

*Sobre as gaitinhas , que nos vendem
 os estrangeiros.*

Que som saberão tanger
 As gaitinhas do estrangeiro ?
 Pouco mais sabem fazer ,
 Que tocar a recolher ,
 Com que recolhem dinheiro.

CLVIII.

*Falla a alma de hum avarento ao seu
 herdeiro.*

Onde estou atormentado ,
 Por ajuntar com usura ,
 Irás tu por estragado ;
 Mas tu irás regalado ;
 E eu morri á fome pura.

CLIX.

Resposta do berdeiro á alma do avarento.

Mentes em te nomear,
 O que faltou ao preciso,
 Para rico me deixar;
 Porque elle só por não dar,
 Nem me daria esse aviso.

CLX.

A hum máo tangedor de viola.

Homem, desse teu tocar
 Ignoro; qual he o fim;
 Se he por te mortificar,
 Vai lá para outro lugar,
 Não mortifiques a mim.

CLXI.

Da escolha de mulher.

Aquelle, que presumir
 De mulher boa escolher,
 Para não se arrepender,
 Escolha-a, pelo que ouvir,
 Não a escolha pelo ver.

CLXII.

*A hum anonymo a respeito de Balbino
avarento, e descortez.*

Que esperas tu de Balbino,
Fazendo-lhe cortezias ?

Que te dê ? loucas porfias,
Que o maldito he taõ mofino,
Que nem nos dá os bons dias.

CLXIII.

Tempo velocissimo.

He mui veloz hum veado ;
Inda he mais veloz o vento ;
Mais veloz o pensamento ;
Mais o tempo decretado
A fazer hum pagamento.

CLXIV.

A hum anonymo a respeito de Jano.

Duas caras te dizia,
Que tinha Jano : disparas
Em negar : louca porfia ;
Que estás vendo cada dia
Pessoas de muitas caras.

LIVRO V.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

F Aço Epigrammas a centos:
 Perguntas donde me venha
 Ter taõ varios pensamentos?
 Saõ todos os meus intentos,
 Que outros mais varios naõ tenha.

II.

A hum anonymo tolo.

Sempre fallas ao revez,
 Do que pede a discriçaõ:
 Hum homem, como tu és,
 Naõ nascer de quatro pés,
 Foi hum erro de impressaõ.

III.

*Do que se desagrada , ou mostra , que
se desagrada de muitos.*

Se vejo hum , que descontente
A muita gente amofina ,
Chamando-a má , e insolente ,
Naõ creio má essa gente ;
Creio máo quem a crimina.

IV.

Dos chapeos á estrangeira.

Olha de modas , que fazem
Os malvados chichisbeos ;
E talvez que contra os Ceos ;
Seus chapeos de hereges trazem :
Queira Deos , que só chapeos.

V.

Dos que cantão modinhas pela rua.

Quem pela rua caminha ,
Exercitando a guela
Em exercitar sua modinha ,
Sempre foi suspeita minha ,
Que lhe falta huma aduela.

Dos

VI.

Dos bordões de nós.

Para haver de se mostrar,
 Que a lifura anda bem fóra
 De em muita gente habitar,
 Até deraõ em usar
 Huns bordões de nós agora.

VII.

*A huma mulher, que por muito ri-
sonha se fazia ridicula.*

Mostras bem pouco juizo
 Em te andar arreganhando,
 Sem veres como, nem quando.
 He frase o espojar com riso,
 Frase, que em ti vem frizando.

VIII.

A hum exactissimo em cobrar dinheiro.

Por bom cobrador te vou
 Ao Gallego comparar,
 Que mandando-o acompanhar
 Noffo Senhor, perguntou,
 Quem lhe havia de pagar.

IX.

Da moda de dois relogios.

Eu não fei, para que festa
Se traz de huma, e outra banda
Relogio, que pouco presta;
Porque ha muita gente desta,
Que não sabe ás quantas anda.

X.

Da muita gente, que frequenta as aulas, e que sabe dellas como entrou.

Eu pasmo de ver, que acuda
Tanta gente a aulas trilhar,
Que vem de lá nescia, e ruda:
Suspeito, que, se ella estuda,
He só em não estudar.

XI.

Conselho.

Pais, informai-vos primeiro,
Que o filho entre nas lições,
Se elle tem disposições;
Que o mais he gastar dinheiro
Em sustentar mandriões.

Naõ

Não basta para sciencia,
 Ter mais engenho, que Crofio ;
 Quer trabalho, e paciencia,
 Que engenho sem diligencia
 He caravina de Ambrosio.

XII.

Filhos mal criados.

São filhos bem mal criados,
 Se os pais nunca lhes retem
 Appetites tolerados ;
 Que a licitos costumados,
 Mal de illicitos se abstem.

XIII.

Conselho.

Fugi futeis diffenções ;
 Que he huma grande loucura
 O quebrarem sabichões
 A cabeça com questões,
 Que não darão para a cura.

XIV.

A hum falso Profeta.

Já que Profeta te fazes ;
 E toda a vida te vi
 Fazer obras incapazes ,
 O que Eliseo a rapazes ,
 Façaõ rapazes a ti.

XV.

A hum Arrieiro.

Huma mula te pedia ,
 Que não fosse aspera , e brava :
 Fizeste mais que eu queria ;
 Pois tal mansidaõ trazia ,
 Que apenas passada dava.

XVI.

Conselho.

Naõ queirais ouvir a voz
 De huns, a que eu chamo Asmodeos,
 Gente, que por impia, e atroz
 Diz, que Deos não cuida em nós:
 Ella he, que não cuida em Deos.

XVII.

*Da liberdade , com que gente impia
profana o estado Ecclesiastico.*

Vi gente sacerdotal
Profanada , e me affligi :
Dizem ; mas eu não o cri ,
Que vem parte deste mal
De profanarem a si.

São juizos de homens vãos ,
Muito diversos dos meus ;
Que não crem juizos sãos ,
Que quem toma Deos nas mãos ,
Tenha o coração sem Deos.

XVIII.

A hum anonymo.

Fazendo de vicios gala ,
Dizes , que tempo virá
Em que deixes fama cá :
Escusas de procuralla ;
Que já a tens ; porém má.

XIX.

Dos chichisbeos.

Ora eu affento , que faõ
 Taõ puras como agua pura ,
 As que com chichisbeos vaõ ;
 Mas casa , que tem pontaõ ,
 Eu naõ a dou por fegura.

XX.

A hum attribulado.

Grande tristeza te vem ,
 Vendo que a morte fatal
 Te ha de tirar algum bem ;
 Alegre-te ella tambem ,
 Que te ha de tirar o mal.

XXI.

A hum de más palavras:

A tua boca se arrede ;
 Pois tem hum fedor mortal :
 E se alguem naõ sabe qual ,
 Seja a boca , que mais fede ;
 He a de quem falla mal.

XXII.

*Que coisa ha muito necessaria , que
nada custa a aprender , e rara a
aprende.*

Que coisa se ha bem mister ,
Que não custa a aprender nada ,
E não a aprende qualquer ?
Pois he em huma mulher
O saber estar calada.

XXIII.

A hum velho namorado.

Deu-te , velho em namorar ,
Sem tirar mais beneficio ,
Que hum rir , outro escarnicar ,
Fóra tolo outro gritar.
Amigo velho , outro officio.

XXIV.

Da vulgaridade dos relogios.

Naõ vejo melhoramento
Sendo o relogio taõ basto ,
Que tudo nelle faz gasto :
Só se o compraõ com intento
De gastar tempo mal gasto.

XXV.

Da leitura por mãos livres.

Quem lê perversa escritura,
 Senão lê para impugnar,
 Parece-me delirar;
 Porque não vê, que he loucura
 Querer aprender a errar.

XXVI.

Da occasião.

Tem monete a occasião;
 Dizem, que foje, se já
 Não lançares della mão:
 Será da boa, que não
 Creio tal coisa da má.

XXVII.

Das Beatas falsas.

Huma gente abeatada,
 Que não tem outro destino
 Mais que vida regalada,
 Não tem de divina nada,
 Senão comer ao divino.

Das

XXVIII.

Das endemoninhadas fingidas.

A muita gente ouvi já,
 Que ha mulher, que finge ousada,
 Que endemoninhada está;
 Mas eu digo, que não ha
 Fingida endemoninhada.

Talvez alguém me poem raso,
 Gritando, que he muito crer;
 Porém o meu parecer
 He, que em similhante caso
 Basta fingir para ser.

XXIX.

*Propoem-se hum objecto notavel das
 nossas orações.*

Sério te quero fallar:
 Para que males abrandes,
 Convem muito a Deos orar,
 Que elle nos queira livrar
 De erros de pessoas grandes.

XXX.

A hum velho muito mentiroso.

Porque fallaõ a verdade ,
 Diz-fe , que odio a velhos tem ;
 Tu dêste na habilidade
 De mentir sem piedade ;
 Tudo te ha de querer bem.

XXXI.

Ao que promette , e não dá.

Tu promettes largamente ;
 Mas em dar nunca te canças ;
 E por este modo alcanças ,
 Que te sirva muita gente
 Sem mais paga , que esperanças.

XXXII.

Bondade do máo defunto.

Houve hum , que não teve dom
 De virtude , e santidade ,
 Antes foi pura maldade ;
 Morre , diz tudo , que he bom ;
 Cara lhe custa a bondade.

XXXIII.

Regalos do mundo.

Gente pobre, e maltratada
 Não se queixa nem de calos ;
 Essa gente regalada
 Anda sempre empalamada :
 Não entendo taes regalos.

XXXIV.

*A huma mulher pouco ajuizada por
 nome Maria.*

Es louca, e observei hum dia,
 Que criança balbuciante
 Indo a chamar-te Maria,
 Deu-te o nome de Mania,
 Que era o mais conveniente.

XXXV.

A hum Poeta.

Em qualquer Poema, que obres
 Queres, que todos os teos
 Pensamentos sejaõ nobres :
 Se remedio não descobres,
 He pô-los todos em Deos.

Con-

XXXVI.

Conselho.

A fabia gente , que explora ,
 Qual he no corpo o lugar ,
 Onde a alma está , e mora ,
 Não cuide onde está agora ;
 Mas cuide onde ella ha de estar.

XXXVII.

Estimação dos authores santos , e desprezo dos authores impios.

Com Jeronymo caminho ;
 Gregorio me ha de guiar ;
 E deviaõ-me amarrar ,
 Se hum Ambrosio , e hum Agostinho
 Por quatro birbas trocar.

XXXVIII.

Dos que se mostraõ afeiçoados a authores impios.

Huns que os impios escritores
 Louvaõ fóra dos limites ,
 Saõ falsos enganadores ;
 Não seguem effes authores ,
 Seguem os seus appetites.

XXXIX.

Do fallar por pendurados.

Pendurados só achais ,
 Em quem lhe entra no miolo
 O distinguir-se dos mais ;
 E com pedantifimos tais
 Distingue-se ; mas por tolo.

XL.

Dos que fazem ostentaçaõ de eruditos.

Bastante gente ha tentada
 Em mostrar , que he a primeira
 Em sciencia consumada :
 Em tudo quer dar pennada ;
 E dá ; mas diz muita asneira.

XLI.

*Naõ quer o author festejar os seus
annos.*

Festa de annos ! façaõ esta
 Pessoas mais pacientes ;
 Festejem , quem as molesta ;
 Que eu naõ quero fazer festa ,
 A quem me arrancou os dentes.

Dos

XLII.

Dos versos satyricos.

Se faz sátyras alguém
 A sujeitos nomeados,
 Taõ más artes nisto tem,
 Que inda sabendo a arte bem,
 Sempre faz versos errados.

XLIII.

Dos que trazem flores no peito.

Com o devido respeito,
 Que não fei se hum delles és:
 Quanto a mim todo o sujeito,
 Que traz sua flor no peito,
 Merece cravos nos pés.

XLIV.

*Dos que dizem, que lhes apparecem
defuntos.*

Se algum vos diz, que lhe tem
 Hum defunto apparecido;
 Vereis, se observareis bem,
 Que esse defunto só vem
 Depois de elle ter bebido.

Dos

XLV.

Dos homens de virtude.

Dou , q̃ huns gabando-se venhaõ
 De homens de virtude , quem
 Crê taes homens , naõ vai bem ;
 Porque , pára que a naõ tenhaõ ,
 Basta dizerem , que a tem.

XLVI.

Da nossa má inclinaçaõ.

Quanto o genio da pessoa
 Humana he mal inclinada ,
 Rapazes o tem mostrado ,
 Que nenhum faz coisa boa ,
 Senaõ se for obrigado.

XLVII.

Dos escandalosos no Templo.

Quem na Casa de oraçaõ
 Taõ pouca vergonha tem ,
 Que nem dizella convem ,
 He gente de devoçaõ ;
 Porém devoçaõ a quem ?

XLVIII.

*Dos que são difficultosos em tirar o
chapeo.*

Vendo algum com cola ao Ceo,
Disposto em ar de Milor,
Sem querer tirar chapeo,
Ou he grande tabaréo,
Ou soberbo, que he peor.

XLIX.

A Rodrigo, q̃ se honrava ser de Lisboa.

Es da Cidade maior,
Com isso te honras, Rodrigo;
Mas na verdade te digo,
Que te era muito melhor,
Que ella se honrasse contigo.

L.

O numero dos tolos he infinito.

Numero infinito monta
O dos tolos, vou contado
Nelle, posto que me affronta;
Mas quem quer fugir da conta,
Esse he o mais refinado.

Aos

LI.

Aos que vem dançar o urso.

Esse urso máo dançador
 Era caçador primeiro,
 Enfinou-o o estrangeiro
 A ser melhor caçador;
 Porque vos caça o dinheiro.

LII.

*Sobre os que usão de alenterna
 magica.*

De Severo hum máo privado
 Venda de postos fazia;
 Severo ordenou irado,
 Que morra em fumo affogado,
 Visto que fumo vendia.

Igual castigo presumo,
 Que mandaria ir fazendo,
 Em o da alenterna vendo,
 Que, se outro vendia fumo,
 Elle anda sombra vendendo.

LIII.

A hum que reprehendia os mais, e não emendava a si.

Mostras com avifos tantos
Ser tanto nosso amador,
Que a ti tens menos amor;
Pois nos queres todos santos,
Ficando tu peccador.

LIV.

A hum que lhe chamaraõ ridiculo.

Foi ridiculo hum chamar-te;
A colera te fervia:
Antes deves contentar-te
De teres taõ boa parte,
Que nos causas alegria.

LV.

Aviso a hũ velho, q̃ affectava ser moço.

Com mocidade affectada,
Naõ se te sabendo a era,
Vás com a perna curvada
A correr por huma escada;
Morte de queda te espera.

LVI.

A hum Poeta impertinente.

Já te não posso aturar ;
 Porque ha dias repetidos
 Me vens versos empurrar ;
 Se os lê's para me agradar ,
 Agradaõ-me mais não lidos.

LVII.

*A hum que perguntava ao author ;
 porque não comprava hum papagaio.*

Papagaio com fallar
 Nas minhas lições me atraza ;
 Assim longe de o comprar
 Tomara-me eu descartar
 De alguns que me entraõ em casa.

LVIII.

Economia.

A qualquer direi , que não
 Pague obras adiantadas ,
 Que mudaõ de condiçaõ ;
 De adiantadas , que são ,
 Ficaõ obras atrasadas.

LIX.

A hum que de todos dizia mal.

Mais estranho natural,
Do que esse teu, nunca o vi;
Porque tens hum genio tal
De dizer de todos mal,
Que até o dirás de ti.

LX.

A hum anonymo.

Que não te enfadas de ler
Tens mil vezes repetido;
Dizem que não póde ser;
Mas eu não deixo de crer;
Porque tu nunca tens lido.

LXI.

Da soberba, e do merecimento.

A soberba he mal commum,
O merecimento hum bem,
Em que os homens desconvem;
Todos cuidaõ, que tem hum,
Nenhum cuida, que outra tem.

LXII.

A hum que celebrava muito os seus ditos , sendo elles puras frioleiras.

Ninguem ha que não desfaça
Nesses teus ditos ; porém
Es mais subtil , que ninguem ;
Porque achas em ditos graça ,
Que nenhuma graça tem.

LXIII.

A hum jaçtancioso de sabio.

Basta , que tu te me gaves
Desse teu muito entender ,
Para me fazeres crer
Não sómente , que não sabes ;
Mas que nem pódes saber.

Dá-te vontade de rir
De profecia tão má ;
Mas bem certa ha de fahir ,
Que não se póde instruir ,
Quem cuida , que sabe já.

LXIV.

A hum ambicioso sem merecimento.

Tu buscas exaltação,
 He melhor não a buscar;
 Pois cuidas, que vás gozar
 De huma grande estimação;
 E tu vás-te deshonnar.

Poucos sabem tua falta;
 Porém ferá ao revéz,
 No que cuidas, que te exalta;
 Que grita a inveja em voz alta,
 E pública, o que tu és.

LXV.

Doença extraordinaria.

Hum mal dá por muita gente,
 Que faz grande prejuizo;
 E quem mais está doente
 Desse mal menos o sente:
 He a falta de juizo.

LXVI.

Do desprezo.

Sem horror, e sem espanto,
 Não posso desprezos ver,
 No que vai ruas varrer,
 Quando Deos o prezou tanto,
 Que quiz por elle morrer.

LXVII.

Da demasiada presumpção.

Ora eu não fei se sou rudo;
 Porém sem duvida alguma
 Tenho por verdade summa,
 Que quem presume de tudo,
 Nada tem de que presume.

LXVIII.

Incredulidade do author.

Supponho, que vem hum cento,
 Para certo me fazerem,
 Que algum tem merecimento,
 He lançar vozes ao vento,
 Sem as obras mo dizerem.

Dizendo gente bastante,
 Que he damnado o caõ, morreo
 A' voz do povo ignorante;
 Assim se faz hum gigante
 Do mais pequeno pygmeo.

LXIX.

Nobreza, e vileza.

He muito pouco subtil,
 Quem vê, como qualquer obre;
 E com isso não descobre,
 Que ha muita nobreza vil,
 E muita vileza nobre.

LXX.

Das romarias.

Os que a romarias vão,
 Poderão ir mal, ou bem;
 Elles lá o faberão:
 Não fei, se tem devoção;
 Mas gaita de foles tem.

LXXI.

Conselho.

Em mula de manha ruim
 Outros caminhanes vão ;
 Mas se conselho te dão
 De ir em mula , que diz *sim* ,
 Dize tu logo , que não.

LXXII.

O louvor falso não me obriga.

Se hum , que dependente está
 Hum louvor falso me deu ,
 A nada me obrigará ;
 Porque o louvor , que me dá ,
 Nunca fica sendo meu.

LXXIII.

Descobrimento de tolo.

Pelle de leão achou
 Hum burro ; e por precaução
 De modo alli se embrulhou ,
 Que entretanto não zurrou ,
 Sempre passou por leão.

Já vi burros, que tomaraõ
 Gesto de hum homem prudente;
 E entretanto naõ fallaraõ;
 Ou em quanto naõ zurraraõ,
 Sempre passaraõ por gente.

LXXIV.

A hum vingativo.

Dizes que has de dar com páo
 Em hum vilaõ te offendendo,
 A' tua honra attendendo:
 Quererte honrar com o máo
 He honra, que eu naõ entendo.

LXXV.

A hum anonymo.

A' cara meter-nos queres,
 Que he fer á musica dado
 Sinal de predestinado:
 Gostas só da de mulheres,
 He final de condemnado.

LXXVI.

Da mulher.

Na velhice a mulher ver
 Muito perto a sepultura
 Lá lhe dá em que entender ;
 Mas ella antes quer perder
 A vida , que a formosura.

LXXVII.

A hum mouco , que perguntava muito.

Perguntas ; e o responder
 He , que não sei , por fugir
 De gritando enrouquecer :
 Dizes , que vá aprender ;
 Vai tu aprender a ouvir.

LXXVIII.

Do heróe da guerra.

Vejo , que por heróe passa ,
 O que na guerra he valente ;
 Porém parece-me graça ,
 Que a gente hum heróe o faça ;
 Porque mata a mesma gente.

LXXIX.

Homem indigno de se soffrer.

Homem, que me vem fallando
Em fitas, e rocicleres,
Que me vem modas gabando,
Ou fujo delle, ou o mando,
Que vá fallar com mulheres.

LXXX.

Advertencia.

Se vires com magestade
Hum entre gente de bem
Fallar com mais liberdade,
Affectando authoridade;
Sabe que nenhuma tem.

LXXXI.

De hum Saloio bebado.

Quiz á infamia occorrer
Da bebedice hum Saloio;
E disse, que hia a pender,
Naõ pelo muito beber;
Mas por ter o vinho joio.

LXXXII.

Conselho ás mulheres.

Confervai vossa decencia ,
 Mulheres , cuidai em vós ;
 Que se entrou a flatulencia
 De dáreis em infolencia ,
 Sereis peiores , que nós .

LXXXIII.

A Aphulação.

O fasto , o jogo omittiste ,
 Para pagar a acredores ;
 Como sem jogo te viste ,
 Para não andares triste ,
 Tomaste , não fei que amores .

Deixa-te dessa alegria ,
 Toma o teu jogo , e o teu fasto ;
 Bem vejo , que isto feria
 Ir de mania a mania ;
 Porém vás com menos gasto .

LXXXIV.

Que não se deve crer em todos os que se queixaõ de dôr de cabeça.

Diz algum : Doe-me a cabeça :
 Póde fer , que diga bem ;
 Porém talvez aconteça
 Ser engano , e lhe pareça ,
 Que tem cabeça ; e não tem.

LXXXV.

Do que se busca , e não se quer achar.

Gente rica ; porém brusca ,
 Que se vai complimentar
 Pelo interesse o mandar ,
 He a coisa , que se busca ,
 E que não se quer achar.

LXXXVI.

A hum desconfiado.

Tu poderás fer leal ;
 Mas que o és , inda não cri :
 Como tens o natural
 De julgar de todos mal ,
 Eu julgo peor de ti.

LXXXVII.

A discriçaõ na tolice.

Es bem tolo , fenaõ vires
 Taes tolices por ahi ,
 Que do teu ferio te tires ;
 Mas se tu dellas te rires ,
 Alguem se rirá de ti.

Se és na discriçaõ completo ,
 Dirá , que tens máo miolo ,
 Quem naõ tem juizo recto :
 Para fer sempre discreto ,
 Convem fer ás vezes tolo.

LXXXVIII.

A hum incredulo.

Tu negas a Providencia ;
 Porém eu apostaria ,
 Que a veres , que te servia
 A certa conveniencia ,
 Havias teimar , que a havia.

De Deos providente aqui
 Vemos finaes a milhares ;
 Mas teimas em affirmares ,
 Que não cuida Deos em ti ,
 Só para em Deos não cuidares.

LXXXIX.

Ao mesmo.

Dizes , que em castigo eterno
 Já mais havemos ter parte :
 Ora digo , que tens arte
 Em nos livrares do inferno ,
 Quando nelle vás lançar-te.

XC.

*A hum , que conversando se
 escutava.*

Perguntas , por que fugi
 De contigo conversar ?
 Tem pouco que adivinhar ;
 Porque te escutas a ti ,
 Não te quero eu escutar.

XCI.

A hum impertinente.

Dizes , que te naõ visito :
 Perguntas-me , com que fim :
 Devias suppollo dito ;
 He por ver se assim evito ,
 Que me visites a mim.

XCII.

A hum impio.

Que sou fanatico clamas :
 Dás-me hum epitheto honroso ,
 Quando cuidas , que me infamas ,
 Que tu fanatico chamas ,
 A quem he religioso.

XCIII.

Seculo illuminado.

Se acafo alguem me procura ,
 Porque este seculo errado ,
 Que he illuminado jura ?
 Perdeo a fé , que he escura ;
 E chamou-se illuminado.

XCIV.

A hum que affectava ser engraçado.

Pertendes fazer-me rir ;
 Quanto mais nisso te esmeras ,
 Menos te sahe o que esperas :
 Melhor te havia sahir
 Se cócegas me fizeras.

XCV.

*A hum que repetia nas conversações as
 mesmas historias , e muito compridas.*

Vens sempre os mesmos contar
 Contos de marca maior ;
 Se he para eu os decorar ,
 Escusas de te cançar ;
 Porque eu já os fei de cor.

XCVI.

*A huma pessoa , que pertendia eleger
 director.*

Eu não fei se haverá reo ,
 Do que me lembrou aqui ,
 Que he director para ti ,
 Que dirija para o Ceo ,
 Não dirija para si.

XCVII.

A hum Algarvio.

Es praguejador eterno ;
 E não acho razão pouca
 De escrever neste quaderno ,
 Que a tua boca he de inferno ;
 Pois tens o diabo na boca.

XCVIII.

A hũ que gostava de ouvir murmurar.

Gostas de ouvir detracção ;
 Indo o detractor dahi ,
 Lá para onde outros estaõ ,
 Estes tambem gostaraõ
 De ouvir murmurar de ti.

XCIX.

Distinção a huma opiniaõ vulgar.

Culpais de pouco atilados
 Os morgados por inteiro :
 O fenaõ he verdadeiro ,
 Se vós fallais dos morgados ,
 Que estaõ faltos de dinheiro.

C.

Da riqueza , e pobreza.

Pare a fecunda riqueza
 Parentes em quantidade :
 Por contraria natureza
 Faz a abortiva pobreza
 Nelles grande mortandade.

CI.

Lisboa embaraçada.

O miseravel humano ,
 Que andar a pé por Lisboa ,
 Para se livrar de damno ,
 Necessita fer hum Jano ,
 Ou hum Argos em pessoa.

Daqui com hum carro encalhas ;
 Vás para delle fugir ,
 Já vês huma sege vir ;
 Ou em ceiraõ , ou cangalhas
 Muito grandes vás cahir.

Daqui bestas de moleiros ;
 Dalli as de ribeirinhos ,
 De lacaios , e arrieiros ;
 Em fim burros a milheiros ,
 E estes saõ os mais damninhos.

CII.

A Theodorico.

Queres ir , meu Theodorico ,
 Morar na Corte , e confessas ,
 Que has de fer lá muito rico ;
 Serás , eu to certifico ;
 Mas rico só de promessas.

CIII.

Lamentação.

O' Igreja de Deos viva ,
 Muito por peccados meos
 Vejo em ti da primitiva ;
 Mas he em tanta invectiva
 Contra os Ministros de Deos.

CIV.

*Indecencia , não sei se real , se ap-
parente.*

Quando vejo a diligencia ,
Que huns fazem por governar ;
Não me parece decencia ,
Que hum voto de obediencia
Se empenhe tanto em mandar.

CV.

A Ascaſto.

Creio no que ensina a Igreja ;
Mas já affirmarte ouvi ,
Que a minha crença he sobeja ;
E eu não creio , que ella o feja ,
Senaõ quando eu crer em ti.

CVI.

Succeſſo extravagante.

Para me defenganar ,
Hia ouvir o Prégador ;
Dei lá com hum a pintar ,
Com que aſſim fui-me enganar ;
Que eu não queria Pintor.

CVII.

A hum pai.

Por deixar bens sem medida
 A filhos , dizes que não
 Olhas , a que vá perdida
 Saude , descanso , e vida :
 Accrescenta a salvaçãõ.

CVIII.

A outro.

Tens já hum filho escolhido
 Para o mundo : bens lhe aprontas ;
 O mais no claustro metido ;
 No Ceo digo ; mas duvido
 Se o Ceo está pelas contas.

CIX.

Da reverencia aos velhos.

Quando Roma não estava
 Como agora , em decadencia ,
 Apenas velho passava ,
 O moço se levantava
 A fazer-lhe reverencia.

Hoje não ha graça tanta ;
 Mas quando o velho appareça ,
 Talvez moço se levanta ,
 Para ver se lhe quebranta
 Com huma pedra a cabeça.

CX.

*A Androde Grammaticastro , sobre
 huma sua composição latina.*

Hum accusativo , Androde ,
 Puzeste aqui de maneira ,
 Que não fei onde o accommode ;
 Nem accommodar-se póde ,
 Senão se for na algibeira.

CXI.

A hum presumpçoso.

Tua pessoa não tem
 Huma coisa de louvar ;
 E não te podem tirar
 De cuidares , que és alguem ,
 E só és em o cuidar.

Pre-

CXII.

Preplexidade.

Hum homem bem governado,
 Que certo officio servio,
 Veio a morrer empenhado;
 Outro pobre, e carregado
 De familia se seguio.

Depressa mudou de forte,
 Grande tratamento he visto
 Nelle, filhas, e consorte;
 Comprou quinta, joga forte:
 Eu não posso entender isto.

CXIII.

A Anicula hypocrita.

Em quanto moça te vi
 Muito pomposa, e enfeitada
 De untura, e testa rapada;
 E se olhavaõ para ti,
 Mostravas-te consolada.

Tanta pompa já deu fundo ;
 Vejo-te em modestia posta ;
 Mas eu farei huma aposta ,
 Que te desgostas do mundo ;
 Porque o mundo te não gosta.

CXIV.

A hum que procurava humas ratoeiras.

Que ratoeiras procures ,
 Coisa he , com que não engraço :
 Em procurallas não cures ;
 Antes dellas te segues ;
 Porque as ha a cada passo.

CXV.

A hum hypocrita.

Serás humilde ; mas tais
 Sinaes vejo , que te digo ,
 Que tens muito máos finais ,
 Em quererem tu os mais
 Humildes para comtigo.

CXVI.

A huma hypocrita.

De feres justa tens dado
 Huns finaes , mas pouco cridos ;
 Que eu de justas naõ me agrado ,
 Que tenhaõ tanto cuidado
 De ajustar bem os vestidos.

CXVII.

A hum escandaloso.

Que dia ha , que eu te naõ veja
 Por Igrejas ? e naõ vi
 Outra obra , que boa seja :
 He bem bom , que entres na Igreja ;
 Mas melhor , que entres em ti.

CXVIII.

A Poner o achacado.

Tenho de ti muito dó ,
 Que és nos votos infinito ,
 Por curar corpo maldito ;
 Porém naõ fazes hum só ,
 Para curares o espirito.

CXIX.

A hum anonymo.

Dizem-me, que queres dar
 Huma lampada a hum santo ;
 Eu louvo o dom singular ;
 Mas, se lhe fazes gravar
 As armas, não louvo tanto.

CXX.

Do casamento por amor.

Ha quem reprova ir casar
 Por amor, e me parece,
 Que escusa de o reprovar ;
 Que amor não tem já lugar ;
 Casa-se por interesse.

CXXI.

Das discordias entre os casados.

Tem infinitas tramoias
 Entre casados havido ;
 Porque a mulher tem sentido
 De se carregar de joias,
 E de magoas o marido.

CXXII.

Conselho.

Ha quem conselho não quer
 De mulher: eu lhe aconselho,
 Quando o conselho vier,
 Não olhe se he de mulher;
 Olhe se he bom o conselho.

CXXIII.

A hum anonymo.

Dizias mal das mulheres,
 Muito mal do casamento;
 Que era affectação assento;
 Porque hoje casar-te queres
 Tendo de annos quasi hum cento.

CXXIV.

Optimo segredo.

Amar a tua o casado,
 Sem amar outra por mal,
 Seria hum segredo tal,
 Que era melhor tello achado,
 Que a pedra filosofal.

CXXV.

A huma anonyma.

Tu queres mostrar aos mais
 Que andas com intenções bellas ;
 Mas saõ muito máos finaes
 Ter livros espirituaes
 Com os livros de novellas.

CXXVI.

Duvida.

Huma viuva no dia ,
 Em que lhe morre o marido ,
 Diz que mais naõ casaria ;
 Que lhe dure esta porfia
 Mais de oito dias duvido.

CXXVII.

A huma viuva.

Tendo o esposo fallecido ,
 Banhada em choro te vi ;
 Mas desse choro duvido ,
 Se he por amor do marido ,
 Ou se he por amor de ti.

CXXVIII.

A hum anonymo.

Procuro hum homem sciende :
 Tu , que não tens conhecido ,
 Que ha muito lente fallido ,
 Apontas-me com hum lente :
 He o ponto , se elle he lido.

CXXIX.

Tentaçaõ dos velhos.

He valente tentaçaõ
 Dos velhos o edificar :
 Em quanto na fundaçaõ
 Das casafas cavaõ o chaõ ,
 Cava outro , onde os enterrar.

CXXX.

Do homem falto de razaõ.

Se vires hum , que porfia
 Contra a razaõ demonstrada ,
 E não dá por ella nada ,
 Prende-o em huma estribaria ,
 Deita-lhe palha , e sevada.

CXXXI.

Regra de gastar bem o tempo.

Se queres fer bem regrado
 Em o tempo confumir,
 Faze que tempo passado
 Não te deixe amedrentado
 Para o tempo, que ha de vir.

CXXXII.

Aos ociosos.

Ociosos tal, ou qual
 Queixa sempre vos contrasta;
 Vem-vos cedo a hora final;
 Pois gastais o tempo mal,
 Vingá-se elle, e mal vos gasta.

CXXXIII.

Consolação.

Huma vida, que virá,
 Me consola em tanta lida,
 Quanta esta vida nos dá:
 Que consolação terá,
 Quem não crê em outra vida?

CXXXIV.

Definição vulgar da felicidade.

Perguntais , não sei a quem ,
 Que coisa he o ser feliz ;
 Diz , que o ter muito vintem ,
 Comer bem , e beber bem ;
 Mas viver bem não se diz.

CXXXV.

Da felicidade terrena.

Felicidade presente ,
 Digo a de cá , he bem feia ;
 Seu proprio nome desmente ;
 Porque se faz commumente
 Da triste miseria alheia.

CXXXVI.

Das ricos.

Como ha muito quem se applica
 A ser rico , sem querer
 O seu officio aprender ,
 Ha muita pessoa rica ;
 E poucas , que o saibaõ ser.

CXXXVII.

Do avarento.

Em tendo dinheiro junto,
 Vai enterrallo o avarento;
 Bem gente tem sentimento
 De a não levar o defunto
 No seu acompanhamento.

Naõ quer o avaro malvado
 Neste enterro companhia:
 Grande mal, que se a soffria,
 Eu aposto, que o enterrado
 Nessa noite refurgia.

CXXXVIII.

A hum avarento.

Quem murmura, que a ninguem
 Fazes bem, como eu ouvi,
 Maldita a razaõ, que tem:
 Como farás a outro bem,
 Se nem o fazes a ti?

Da

CXXXIX.

Da usura , e simonia.

Pertenderão viajar
 Usura , e mais simonia ;
 Mas qualquer dellas temia ,
 Que ouvindo-se nomear ,
 Lhe façãõ descortezia.

Mudaõ o seu nome , e vaõ ;
 Sahio-lhes taõ bem a traça ,
 Que pelo lucro , que daõ ,
 Em vez de defattençaõ
 Gente infinita as abraça.

CXL.

Do avaro.

Hum avaro naõ se prende
 A amores ; só se se ajusta
 Com coisa , que muito rende ;
 Mais amores naõ entende ,
 Que bem sabe o que isso custa.

CXLI.

Caso.

Hum filho quiz ir nadar,
 A triste mãe receando
 Lhe começou a gritar:
 O' vai-te lá affogar,
 E vem para cá chorando!

CXLII.

Parallelo.

Como mentira corresse
 Da minha vida acabar,
 Escreveo-me certo alvar;
 Que se eu morri lhe escrevesse,
 Para se defenganar.

CXLIII.

A hum velho namorado.

Morde-te gente bastante,
 Olhando a quem tens amor:
 Serás prudente amador,
 Se te fizeres amante
 De Medico, e Director.

CXLIV.

A hum anonymo.

Estudas a arte de amar ;
 Essa he arte de esparrellas :
 Se queres aproveitar ,
 Deves huma arte estudar ,
 Para te livrares dellas.

CXLV.

*A hum perverso , que dava muitos , e
bons conselhos.*

Tu me dás sem lucro algum
 Bons conselhos , e darás ;
 Não quero ficar atraz ;
 Melhor , que todos , dou-te hum ,
 E he , que tomes os que dás.

CXLVI.

*Excepção da regra , que diz , que
o amor vence tudo.*

Gente de bastante estudo ,
 E de claro entendimento
 Com hum geral documento
 Diz , que o amor vence tudo ;
 Eu exceptuo o avarento.

Mas fallo de outros amores ,
 E naõ do amor do dinheiro ;
 Que em amallo he o primeiro ,
 Sem delle esperar favores ;
 E chamaõ-lhe interesseiro.

CXLVII.

*A hum que se agoniava de o contra-
 dizerem.*

Mal comigo te puzeste ,
 Só porque te contradigo :
 Tu primeiro mo fizeste ;
 Porque primeiro disseste
 O contrario , do que eu digo.

CXLVIII.

Temor pessoal.

Mais temo a mim , que inimigo ,
 Que me possa dar o fim :
 Tenho em mim maior perigo ;
 Pois para onde vou me figo ,
 Sem poder fugir de mim.

CXLIX.

Do juramento do taful.

Em vão o taful procura
 Com jurar fazer-me crente ;
 Não posso crer huma gente,
 Que todos os dias jura,
 E todos os dias mente.

CL.

Morte do rico.

Morre hum rico ; e quem o sente
 He pobre ; a quem deu esmola ;
 Porque toda a sua gente,
 Ou da herança está contente,
 Ou com ella se consola.

CLI.

Da Oração funebre a sujeito indigno.

A Príncipe, que vivendo
 Foi não só máo, mas maldade,
 Louva-o o pulpito em morrendo ;
 Neste ponto não entendo
 Tal cadeira da verdade.

Panc-

CLII.

Panegyrico molesto.

Bem máo sou, visto que tanto
Hum Prégador me molesta,
Que por lucrar tanto, ou quanto,
Em vez de prégar do Santo,
Préga de quem faz a festa.

CLIII.

*Do individuo, que faz grandes
edificios.*

Faz hum, que dividas tem,
Edificio de primor;
E quando espera louvor,
Se algum da obra diz bem,
Muitos dizem mal do author.

CLIV.

Do Peralta com palito na boca.

Por mostrar, que tem comido,
Traz Peralta na vasia
Boca hum palito metido;
E talvez fó tem roido
Palito naquelle dia.

CLV.

A hum anonymo.

Hoje és pessoa exemplar,
Foste pessoa perdida;
Vás disposto a te salvar,
Se essa mudança durar,
Em quanto durar a vida.

Deos queira ser tua guia,
Para não téres o cabo
De rapaz, que outro o feria:
Jesus, Jesus principia;
E acaba em valha-te o diabo.

CLVI.

*Que tambem se muda o nome no ma-
trimonio.*

Algum que for recebido
Com senhorita, daquelle
Nome antigo, e appellido,
Dê-se já por despedido;
Que ella ha de lhe chamar *elle*.

CLVII.

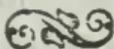
*Do modo com que vaõ os moços , e
velhos na procissão.*

Gente moça em procissão
Vai com os olhos no Ceo;
Só peticego anciaõ
Leva os seus olhos no chaõ
Com medo de algum boléo.

CLVIII.

Duvida , e reposta.

Algum ha de duvidar ,
Porque escrevi tantos chistes:
Quiz tristes alliviar ;
Que custa já muito a achar
O livro Allivio de Tristes.



LIVRO VI.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.
HA muitos livros, que são
 Qual talha de azeite immundo:
 No fundo borras estão;
 Eu cuidarei, em que não
 Aches as borras no fundo.

II.

Que o mundo he mascarada.

Este mundo he mascarada,
 Ninguem nelle he conhecido,
 Toda a gente anda tapada;
 He mui diversa a fachada,
 Do que está dentro escondido.

Tanta maçã de Sodoma,
 Que por este mundo vão,
 Fóra tudo he perfeição;
 Dentro não ha quem as coma;
 Que estão cheias de carvão.

III.

Arrependidos.

Homens ha de condiçãõ ,
 Que se não pôdem soffrer ;
 Porém vem-se a arrepender ;
 E se alguma coisa faõ ,
 He , porque deixaõ de ser.

IV.

A hum anonymo.

Contas-me , que contendias
 Com muitos Mouros , e aquelles
 Inteiramente vencias ;
 Eu creio , que os vencerias ,
 Em ser mais Mouro , do que elles.

V.

A Oinoco taverneiro.

Oinoco , trago huma magoa
 Bem grande no mais interno
 Do meu coração ; e trago-a ,
 Vendo que carga de agoa
 Vás dar no fogo do inferno.

VI.

A hum anonymo de hum ingrato.

Mil annos, que viva cá,
 Diz, que obrigações, que deve,
 Nelles te não pagará;
 Eu creio, que assim será;
 Pois nunca tal tenção teve.

VII.

De Treponio soldado.

Vens, Treponio, a requerer,
 Acho-te razão bastante
 Para despachado fer;
 Porque ao menos no correr
 Ninguem te poz o pé diante.

VIII.

Da vida.

Ha gente, a quem muito amarga
 Liberdade restringida;
 Quer vida larga, e mais larga,
 Sem ver, que quem muito a alarga,
 Esse encurta mais a vida.

IX.

Homens inertes.

Ha muitos homens, que trazem
 Hum animo propendente
 A arrastar, como serpente,
 Ficaõ-se em homens naõ fazem
 Diligencia por fer gente.

Nem sabem, nem se foccorrem
 De faudaveis conselhos,
 Com que amigos lhes occorrem;
 Nascem, como escaravelhos
 No esterco, e no esterco morrem.

X.

A hum tolo.

Es especie de animal
 Com taõ pouca intelligencia,
 Que eu naõ sei se és racional;
 Mas dado, que sejas tal,
 Só o ferás em potencia.

XI.

Do uso de côr no rosto.

Ha quem censura a mulher,
 De que côr no rosto ponha;
 Ponha-a, e dê, donde der;
 Que talvez, se a não puzer,
 Nem côr terá de vergonha.

XII.

Do soberbo.

Ninguem cortez attençaõ,
 Em hum soberbo viria:
 Sollicita exaltaçaõ,
 E mostra fer hum vilaõ,
 Que nem sabe cortezia.

XIII.

Da fortuna.

A ver, se fortuna obtem,
 Muita gente súa, e anela:
 Bem tolo he quem se desvela;
 Que fortuna só a tem,
 O que não faz caso della.

Do

XIV.

Do augmento da maldade.

Contra os que tem santos dons
 Ha máos em tal quantidade ,
 Que receio , que a maldade
 Exclua os bons , que por bons
 Lhe fazem má sociedade.

XV.

A humia mulher barbuda.

Nas barbas homem pareces ;
 Que és mulher , sempre tens dito ,
 E nesse traje appareces ;
 Em fim tu lá te conheces :
 Eu julgo-te hermafrodito.

XVI.

Qual he o melhor julgador.

He o melhor julgador ,
 O que he sabio , o que he prudente ,
 O que odio em si não consente ,
 E se julgar por amor ,
 Seja á justiça sómente.

XVII.

A hum velho presumido de valente.

Para as tuas valentias
Só basta, que te pareça,
Que eu fujo; pois me feguias;
Torpeçavas, e cahias,
E quebravas a cabeça.

XVIII.

Do juiz pobre.

Naõ he muito, que justo obre
O rico, que naõ o atiga
A pobreza, a que se dobre;
Mas justiça em juiz pobre
Pede hum louvor de justiça.

XIX.

*A huns meninos de escola de ler, cujo
mestre para os exercitar em picaria,
os fazia montar em canas.*

Nessa falsa picaria
Vosso mestre vos engana;
Porque he louca fantasia
Aprender cavallaria
Em huns cavallos de cana.

O que em taes cavallos vai,
 Nunca será cavalleiro:
 As vossas canas deixai;
 E no mestre vos montai,
 Que he cavallo verdadeiro.

XX.

Dos soberbos:

Juntas aranhas bastantes
 Entre si se mataraõ;
 Assim os soberbos faõ,
 Sendo todos semelhantes
 Nunca tem boa uniaõ.

XXI.

*A hum alfaiate, que lhe tardava
 com hum vestido.*

O meu fato não se talha,
 Nem cuidas em se fazer;
 Ora avia, defencalha;
 Que he fato, não he mortalha,
 Que venha, quando eu morrer.

XXII.

*A hum (como dizem) levantado
do pó da terra.*

Hontem de taõ pouco preço,
Hoje estás no galarim;
Mas taõ mudado do aveço,
Que quasi te naõ conheço;
Tu inda menos a mim.

XXIII.

A hum soberbo.

Sabes tu, por que nos vens
Com essa cola taõ alta
Inchado com os teus bens?
He por cuidar, no que tens;
Naõ cuidar, no que te falta.

XXIV.

A hum glotaõ.

Quando tu és convidado,
Para encher effes ilhais,
Se estás de antes avifado,
Dizem-me, que vás purgado,
Para accommodares mais.

XXV.

A hum que tinha muito medo da morte.

Dõe-te levemente hum dedo ;
 Tomas hum medo taõ forte ,
 De que venha a morte cedo ,
 Que te matará o medo
 Primeiro , que a mesma morte.

XXVI.

A hum que comia terra.

Comes terra ; e ouço dizer ,
 Que respondes muito inteiro ,
 A quem te vai reprehender ,
 Que , se ella te ha de comer ,
 A queres comer primeiro.

Tu dizias bem , a feres
 Livre de te comer essa
 Com tu primeiro a comeres ;
 Mas isso mesmo he fazeres ,
 Que te coma mais depressa.

XXVII.

*A hum que permanecendo nos vicios ,
admoestava os mais a que vivessem
virtuosamente.*

Os mais á virtude chamas ;
Tu nunca vás para ahi :
Tal caridade não vi ;
Porque o teu proximo amas
Mais que tu amas a ti.

XXVIII.

Da memoria.

Naõ sei que coifas darás
Mais que a memoria valente ;
Volta o tempo para traz ;
Pois o que he passado faz ,
Que nos seja inda presente.

XXIX.

*Do Mestre , que o Author tem para
ser acautelado.*

Mestre , que presente está ,
Faça alguém acautelado
Com doutrinas ; mas eu cá
Tenho hum Mestre , que não ha ,
Que he o tempo já passado.

XXX.

A hum Geografo muito porco.

No de longe estás bem certo ;
 Mas sempre porco te vi ;
 Es para o de longe esperto ;
 Mas he máo , que de ti perto
 Te esqueças tanto de ti.

XXXI.

A hum caõ , que se lhe deitava em cima da cama.

Senhor caõ , que sempre o vejo
 Na minha cama vestido ;
 Naõ se despe por ter pejo ;
 E eu tenho grande desejo
 De o ver no campo despido.

XXXII.

A hum que tinha grande memoria.

Tua memoria he portento ;
 Sabes de livros centurias ;
 Porém eu mais me contento
 Com o teu esquecimento ,
 Que he sómente das injurias.

XXXIII.

Conselho.

Arreda-te sem preguiça,
Do que abunda em parvoisse;
Porque se alguém inquiresse,
Que queixa ha mais pegadiça,
Eu dissera, que a tollice.

XXXIV.

A hum que tinha as ventas largas.

Pedias huma thesoira
Para alguns lenços cortar;
Lenços não podem bastar;
Precisas pá, e vassoira
Para as ventas alimpar.

XXXV.

Que nas arduas empresas não nos devemos fiar só no nosso entendimento.

Occorrendo hum arduo intento,
Tomar conselho convém;
Que se entaõ se fia alguém
Só no seu entendimento,
Fia-se no que não tem.

XXXVI.

Da vontade.

A vontade he desigual ;
 Azas tem , e azas não tem :
 Não pódes entender tal ;
 Pois tem azas para o mal ,
 Não tem azas para o bem.

XXXVII.

De Calliergo presumpçoso de gentil.

Anda toda a terra cheia ,
 Que de gentil , e de airoso
 Calliergo se glorieia :
 Em homem coisa he bem feia
 O presumir de formoso.

XXXVIII.

A hum que sempre andava levantando o calção.

Tu sempre andas a subir
 O calção : a gente ri-se ;
 Mas posso-me persuadir ,
 Que mais se havia de rir ,
 Se de todo te cahisse.

De .

XXXIX.

De Phaulo.

Phaulo louvores queria ,
 Sem ter , que lhe elogiaſſem :
 Extratonica ſeguia ,
 Que era calva , e pertendia ,
 Que o cabello lhe louvaſſem.

XL.

Conſelho.

Mulher , que eſtás taõ ſujeita
 A linguas do povo errado ,
 Se queres honra perfeita ,
 Has de fugir da ſuspeita
 Tanto , como do peccado.

XLI.

Ao Mundo.

Debalde moſtrando vens
 Grato , o que em dois dias paſſa :
 Quem acha graça nos bens ,
 Que tu , falſo mundo , tens ,
 Tem pouca , ou nenhuma graça.

Da

XLII.

Da elevação, e depressão dos homens.

Sibir vejo huns dos mortaes ,
 Para baixo outros correr ,
 Sen algum focego ter ;
 Mas os que descem saõ mais ,
 Que he mais facil o descer.

XLIII.

*Que não ha fundamento para a vã-
 gloria.*

Como he máo tudo o qué he meu,
 Delle me não vãgloreio ;
 Se de vãgloria ando cheio
 Pelos bens, que Deos me deu,
 He ter vãgloria do alheio.

XLIV.

Que só tem honra , quem a merece.

Quem em meritos florece ,
 Dado que o não honre alguém ,
 Nem assim de honra carece :
 Quem a tem , e a não merece ,
 Cuida que a tem , mas nada tem.

Que

XLV.

Que não creamos facilmente na fama, que algum tem de sabio.

Se hum tem fama de sciente,
Ninguem no seu saber creia
Sem hum contraste eminente;
Que o saber de muita gente
Nasce de ignorancia alheia.

XLVI.

Que se ama o que se não conhece.

Dizem, que ninguem tomara
Amor, a quem não conhece;
O contrario me parece;
Pois ninguem o mundo amara,
Se o mundo bem conhecesse.

XLVII.

Displicencia das assembleas.

Acho lugares mais gratos;
A assemblea não me agrada;
Muita gente misturada
Faz conversação de patos;
Gritaõ, não se entende nada.

XLVIII.

Conselho.

Naõ queiras dos vicios nada ;
 Que , se huma vez os recebes ,
 Faça-te a sede pegada ;
 E saõ , como agua salgada ,
 Mais sede , quanto mais bebes.

XLIX.

*Que pouco , ou nada vale , quem se vã-
 glorieia , por ver outros inferiores a si.*

Quem por ver outro inferior
 De ser nobre se glorieia ,
 Naõ póde ter esplendor ;
 Porque todo o seu valor
 Lhe vêm da miseria alheia.

L.

A hum que cria em bruxas.

Que ha bruxas tens assentado ;
 Nunca cri peta tamanha ;
 Mas vejo que vou errado ;
 Porque tu só embruxado
 Pódes crer em tal patranha.

LI.

*A hum que detrabia nos mais para
se elevar.*

Ninguem he bom, que naõ ande
De ti muito escarnecido;
Se queres outro abatido,
Para fazer de ti grande,
Es grande em certo sentido.

LII.

A hum que se fingia profeta.

Queres, que eu faça juizo,
Que és profeta verdadeiro:
Digo-te em todo o meu fizo,
Que eu o fou; pois profetizo,
Que tu és fino embusteiro.

LIII.

A hum peccador publico.

Com a iná fama, que cobras
Muita gente contaminas,
Por isso os peccados dobras;
Porque peccas, pelo que obras;
E peccas, pelo que ensinas.

Da

LIV.

Da utilidade da virtude.

A virtude de hum sujeito
 Faz muitos affortunados :
 Mil, e mil, e alguns malvados,
 Estaõ tirando proveito
 Da virtude dos passados.

LV.

A hum que cuspia muito.

Se profegues em cuspir,
 Será esta casa hum mar :
 Tu deixa-te ahi ficar,
 Que eu boto já a fugir
 Com medo de me affogar.

LVI.

Dos amplificadores da liberdade.

Liberdade sem limite
 Querem muitos ; porém vaõ
 Muito mal ; porque elles daõ
 Liberdade ao appetite,
 E cativoiro á razãõ.

LVII.

Paranesis.

Obedecei á regencia ;
 Que se vos não sujeitais ,
 Tudo vai em decadencia :
 Faltando á obediencia ,
 A quanto he voffo , faltais.

LVIII.

Dos que estudaraõ para burros.

Huns , que dizem , que estudaraõ ,
 E foraõ , como vieraõ ,
 Melhor he , que se calaraõ ,
 Que a preguiça não mostraraõ ,
 Ou rudeza , que tiveraõ.

Sendo nescios confirmados ,
 Buscaõ todas as maneiras
 De se mostrarem letrados ,
 Metem-se a licenciados ,
 Mais , que outros , dizem asneiras.

LIX.

A hum máo Alfaiate.

Naõ te causara eípanto,
Se obra na loje te tarda;
Pois dizem, que sabes tanto,
Que foste talhar hum manto,
E te sabio huma albarda.

LX.

*Que naõ devemos crer, que outros
saõ nescios.*

Naõ tirarás bom partido
Crendo nascia alguma gente:
Ha muito nescio fingido;
Vê-te desapercebido,
Faz-se sabio de repente.

LXI.

De quanto o nescio he abominavel.

Terá muito que sentir,
Quem se chega a sujeitar;
Mas quizera antes achar
Hum sabio para o servir,
Que hum nescio para o mandar.

Que

LXII.

*Que o tolo he prompto em resolver
duvidas.*

Occorre hum caso intrincado ;
O varaõ fabio , e prudente ,
Vê-se nelle embaraçado ;
Chega hum tolo confirmado ,
E resolve de repente.

LXIII.

Da ingratakaõ do avarento.

Naõ ferás correspondido ,
Se a avaro fazes favor ;
He beneficio perdido ;
Que elle he taõ agradecido ,
Como hum morto he fallador.

LXIV.

A bum que ria intempestivamente.

Ris sem que , nem para que ;
Mas pódes-te persuadir ,
Que o sujeito , que te vê
Rir sem saberes de que ,
Já sabe , de que ha de rir.

LXV.

Conselho ao adúlador.

Lifonjeiro, deixa o intento
 De louvar o desvario
 De hum avaro macilento;
 Que adular hum avarento
 He malhar em ferro frio.

LXVI.

De hum anonymo a respeito do ingrato.

Naõ te queiras chegar perto
 De hum ingrato descarado;
 Porque he inferno o malvado
 Para receber aberto,
 E para largar fechado.

LXVII.

A hum toureiro.

Sortes fazes a pessoas,
 Que te daõ hum bom importe;
 Vê lá como te abotoas,
 Que entre tantas sortes boas
 Eu te temo huma má sorte.

Da

LXVIII.

Da senirazaõ.

Odio, e amor taõ longe estaõ
 De em razaõ a coisa pôr,
 Que fóra della a poraõ;
 E hoje naõ ha mais razaõ,
 Que a que dá odio, ou amor.

LXIX.

Sobre hum dito de Plutarcho.

Serve pouco a valentia,
 Onde ha falta de razaõ,
 Hum fabio antigo dizia:
 No seu tempo assim feria;
 Mas no noõso tempo naõ.

LXX.

A hum anonymo.

Em quanto foste abaftado
 Eras mui prompto em gastar;
 Ficaste em todo esgotado,
 Es agora governado;
 Mas naõ tens, que governar.

LXXI.

Do guloso.

Todo o varaõ virtuoso
 Cuida em procurar o meio ;
 Porque o extremo he vicioso :
 Naõ quer meio , o que he guloso ,
 Quer o estõmagõ bem cheio.

LXXII.

Que nem todo o agente obra por amor do fim.

Dizem que todo o agente
 Trabalha para algum fim ;
 Quem ajunta , e naõ consente
 Gastar nem inda doente ,
 Parece naõ ser assim.

LXXIII.

Qual he o melhor conselho.

Dá-se muito parecer ;
 Mas nenhum mais singular
 Conselho me pòdem dar ,
 Que aquelle , que faz saber ,
 Com quem me hei de aconselhar.

LXXIV.

A hum anonymo , que lia novellas.

Porque causa te desvélas
Novellas lendo? eu diria;
Que te deixaffes tu dellas:
Para que has de lêr novellas,
Se as ouvimos cada dia?

LXXV.

A huma mulher , que dava no marido.

Fallaõ com pouco sentido;
Cadaqual diz o que quer;
Dizem que dás no marido;
Mas eu estou persuadido,
A que tu dás na mulher.

LXXVI.

Da liberdade em fallar.

He final de fidalguia
A liberdade em fallar;
Naõ sei que antigo o dizia;
Porém eu antes diria,
Que he final certo de errar.

LXXVII.

Do cativoiro.

Cativamos por dinheiro
 Almas por Deos resgatadas;
 Sejaõ estas libertadas,
 E ponhaõ-se em cativoiro
 Linguas soltas, e damnadas.

LXXVIII.

Da liberdade.

Huma inãeira liberdade
 Nunca neste mundo a vi;
 Porque huns servem a maldade,
 Alguns a sua vontade,
 Todos finalmente a si.

LXXIX.

Das causas das doencas.

Calores, e frialdades,
 Alimentos depravados,
 Aguas de más qualidades,
 Causa saõ de enfermidades;
 Mas a maior saõ peccados.

LXXX.

Da faude.

Se o corpo não está são,
 Todos os gostos tem fim;
 Assim com muita razão
 Tem faude, e salvação
 O mesmo nome em Latim.

LXXXI.

Dos espiritos fortes.

Gente de tal debilidade,
 Que julgando, que não póde
 Praticar com equidade
 Lei de tanta sociedade
 O jugo della sacode;

Gente, que suspeite nullo
 O seu systema de forte,
 Que desfmaia em vindo a morte;
 Temendo de errar o pulo,
 Porque se ha de chamar forte?

Mas já sei. donde lhe vem
 Esforço taõ singular,
 Que forte se quer chamar:
 He pelo animo que tem
 De no inferno se lançar.

LXXXII.

A hum Medico.

Experiente dizes ser:
 Póde haver ahi fallencia;
 Assim não te posso crer,
 Sem eu experiencia ter
 Da tua mesma experiencia.

LXXXIII.

*Que coisa he mais frequente no
 mundo?*

Talvez que hum sabio, e prudente
 Me não saberá dizer,
 Que coisa costuma ser
 Neste mundo mais frequente:
 Pois he nascer, e morrer.

Que

LXXXIV.

*Que o caminho de ser , he caminho
de não ser.*

Sem crescer não fomos nada ;
Para ser se ha de crescer ,
Que he caminhar a morrer ;
Com que assim a mesma estrada
He a de ser , e não ser.

LXXXV.

Dos que criaõ flores.

Huns do tempo gastadores
Criaõ flores , e eu reputo
Inuteis taes creadores ;
Que de homens , que criaõ flores ,
Não se espera muito fruto.

LXXXVI.

A hum Estudante preguiçoso.

Teu pai notavel escolha
Para o estudo de ti fez ,
Despachado Portuguez ,
Que , para mudar a folha
Do livro , gastas hum mez.

LXXXVII.

De Deos.

Eu não me atrevo a dizer,
 Que he Deos coisa muito escura;
 Porque para o conhecer
 Basta-me só attender
 A' mais pequena creatura.

Se observa qualquer pêssoa
 A trombeta de hum mosquito,
 Inda que ella pouco sôa,
 He trombeta, que apregôa
 Aquelle ser infinito.

LXXXVIII.

Qual he o maior perigo?

Que perigo era o peor,
 Perguntou hum meu amigo;
 E eu de repente lhe digo,
 Que o perigo, que ha maior
 He não lembrar do perigo.

LXXXIX.

Inconveniente dos Autores subtis.

Es hum agudo escritor ;
 Quasi tudo entende pouco ;
 E o que he máo entendedor ,
 Em vez de te dar louvor ,
 Vai dizendo, que és hum louco.

Hias fama procurar
 Com teu agudo escrever ;
 Não a podes alcançar ;
 Porque o caminho de achar
 He caminho de a perder.

XC.

De huma criada janelleira.

Huma ferva taõ poupada
 Tenho (disse hum) e taõ bella ,
 Que para a boa criada
 Não terra casa occupada ,
 Foi morar para a janella.

XCI.

Da tristeza da nossa vida.

De Heraclito ouço dizer,
 Que o seu choro teve fim
 Só depois de elle morrer;
 Mas eu tomara saber,
 Quem ha que não seja assim.

XCII.

Do choro do herdeiro.

Se virdes algum chorar
 Na morte de hum avaro,
 Do qual elle espera herdar,
 Deixai-vos de o consolar,
 Que chora por comprimento.

XCIII.

*A hum que chorava seu irmão au-
 sente.*

Ausente de teu irmão
 Não fazes mais que chorar;
 Mas tem a consolação,
 Que a ausencia te dá paixão;
 A ausencia ta ha de curar.

Do

XCIV.

Do Filosofo Clazomeno.

Clazomeno perguntado,
 Para que nasceo, dizia:
 Para ver o claro dia,
 A Lua, e o Ceo estrellado.
 Que mandriaõ que feria!

XCV.

Da confeiçaõ anacardina.

A anacardina se exalta
 Por dar a memoria augmento;
 Mas quem a beber affento,
 Que se á memoria lhe falta,
 Mais lhe falta o entendimento.

O que bebe tal bebida
 Dizem, que perde hum sentido;
 Mas como elle arrisca a vida,
 O de pessoa entendida
 Leva de ante maõ perdido.

XCVI.

Da occasiaõ.

Occasiaõ para o bem
 Deve ter lugar primeiro ;
 Mas poucos devotos tem ;
 A de fazer mal porém
 Compra-se por bom dinheiro.

XCVII.

De Laura rica , que casou com Bermudo pobre , por ter bons dentes.

Namorada dos bons dentes
 Casou Laura com Bermudo ;
 Naõ foi pensamento rudo ;
 Deraõ prova de excellentes ;
 Porque lhe comeraõ tudo.

XCVIII.

A Rodrigo.

Se me encontras , meu Rodrigo,
 Fazes perguntas frequentes ;
 Porque naõ sou eu amigo
 De ter negocios contigo ?
 Ha fama , de que tu mentes.

Da

XCIX.

Da alegria:

Os que trataõ da alegria
 Affirmaõ; que he muito bella;
 Mas talvez já se veria
 Tal, que nojo meteria,
 Conforme o motivo della.

C.

Da raiz dos maiores pezares.

Que máos climas; que máos ares!
 Que vaõ de pálidos rostos!
 Causas de pena a milhares;
 Mas os maiores pezares
 Nascem dos maiores gostos.

CI.

A hum mentiroso.

Quando naõ fallás verdade,
 Dás juramentos frequentes,
 Para nos fazeres crentes;
 E eu com menos falsidade
 Posso jurar, que tu mentes.

CII.

Ao mesmo.

Eu ouço-te referir
De hum modo agora huma historia ;
De outro ta vou logo ouvir:
Fraco mestre he de mentir ,
Quem tem taõ fraca memoria.

CIII.

A huma mulher chocalheira.

Entre os teus máos procederes,
Que eras chocalheira ouvi:
Naõ és ; porque , para o feres ,
Convém chocalho trazeres
Para fugirmos de ti.

CIV.

*Que difficulosamente se vive em
paz.*

Tanto mal a guerra traz,
Quanto bem a paz encerra ;
Mas está de modo a terra ,
Que o mesmo he hum querer paz ,
Que porem-lhe os outros guerra.

Da

CV.

Da verdade.

Quem a verdade conhece
 Diz, que ella tem prendas boas;
 Mas tal vergonha padece,
 Que a bem poucõs apparece,
 Menos a grandes pessoas.

CVI.

A hum desavergonhado.

Tens huma coisa bem rara,
 E que parece, que implica;
 Por mais que com agua clara
 Cuidas em lavar a cara,
 Sempre deslavada fica.

CVII.

Quem he o que mais falla.

Se hum curioso em saber
 Me vier a perguntar,
 Quem se não pôde callar?
 Tem pouco que responder;
 He quem não sabe fallar.

CVIII.

Duvida.

Naõ fei que fatuidade
 Tem huns sujeitos primeiros ,
 Que lhes amarga a verdade ,
 E ouvem de boa vontade
 Patranhas de lifonjeiros.

CIX.

Conselho.

Se tu has de andar com medo ,
 Que se diga aqui , e alli ,
 O que queres em segredo ,
 Nem o fies de hum penedo ,
 E , se podes , nem de ti.

CX.

*A hum. que não sabia guardar se-
 gredo.*

Naõ hei de nem por dinheiro
 De ti segredo fiar ;
 Pois fica mais são , e inteiro ,
 Se eu o differ ao porteiro ,
 Que mo vá a pregoar.

Que

CXI.

Que a vida he morte, &c.

Nós vida estamos chamando
 A' que vai sempre a correr:
 Morte a devemos dizer;
 Porque ir a vida faltando
 Nada he mais do que morrer.

Que gente he tão esquecida
 Dá razão, da lei, da fé,
 Tal que faça fincapé
 Em huma casta de vida,
 Que ainda quando he, não he.

CXII.

Regra para ser bom.

Para que em tal ordem andes,
 Que sejas hum dos melhores,
 Quero que te não desmandes
 A desprezarem-te os grandes,
 Ou temerem-te os menores.

CXIII.

A hum Peralta.

Alli do pé para a mão
 Te fizeste cavalheiro;
 Mas tens dado occasião
 A nova adivinhão
 Que he donde te vem dinheiro?

CXIV.

Arte de enriquecer.

Se tu quizeres huma arte,
 Para ter muita riqueza,
 Zomba da louca grandeza,
 E trata de contentar-te
 Do que pede a natureza.

Nada pede que lhe fôbre,
 Como por ella te rejas,
 Nada superfluo desejas,
 Que, se desejas, és pobre,
 Inda que mui rico sejas.

CXV.

Da morte.

Cura a morte o mal urgente;
 (Diz quem consolar procura)
 Mas com tudo a mais da gente
 Antes quer estar doente,
 Do que receber tal cura.

CXVI.

Ao murmurador.

Queres-te mostrar agudo
 No modo de discorrer;
 Porém eu só posso crer,
 Que he sempre o melhor de tudo,
 O que deixas de dizer.

CXVII.

Remedio para que hum mudo falle.

Se vós quereis, que conceba
 Falla fujeito, que he mudo,
 Ordenai, que se receba
 Em banquete, onde se beba:
 No fim deste falla tudo.

CXVIII.

Da fortaleza da mulher.

Por fraca a mulher se tem
 Entre alguns, que inda tem mingoa
 De indagar o ponto bem:
 Tem mais força, que ninguem
 A mulher; mas he na lingua.

CXIX.

Da lingua.

Poz a cauta natureza
 A lingua em prizaõ escura
 Bem fechada, e bem segura;
 Porém com estar taõ preza,
 Nunca lhe falta soltura.

CXX.

Da má desculpa.

Tua culpa está patente,
 E tu desculpalla intentas;
 Fazes-te mais delinquente;
 Pois na desculpa imprudente
 Culpa de novo accrescentas.

CXXI.

Do mal.

Trazer hum mal mais de cem
 He coisa bem natural ;
 Mas o mais mal que tem,
 He ser algum mal que vem,
 Já principio de outro mal.

CXXII.

Do governo.

Naõ sei que de singular
 Tem o governõ, que o quer
 Immenfa gente alcançar ;
 Mas elle deve-se dar
 A'quelle, que o naõ quizer.

CXXIII.

A hum anonymo.

De ti em muito máo tom
 Ouço fallar por ahi :
 Naõ te conhecem o dom ;
 Mas eu sei que tu és bom,
 E muito bom para ti.

CXXIV.

*Que sujeito o Poeta deseja saber
governar.*

Tenhaõ outros hum profundo
Juizo , hum saber sem fim ;
Hum governo sem segundo ;
Saibaõ governar o mundo ;
Saiba eu governar a mim.

CXXV.

A hum anonymo.

Dás ; e enchendo-te de vento
A todos dizendo-o vens :
Queres agradecimento ,
Já o tens com muito augmento
Na vaidade que tens.

CXXVI.

Da vingança , e do perdaõ.

Eu não fei como te agrade
Vingança mais que perdaõ ,
Sendo bem clara verdade ,
Que este nasce de bondade ,
E ella de máo coração.

CXXVII.

*A hum que cahindo em pobreza o des-
ampararaõ os amigos.*

Tendo tu bens abundantes ,
Muitos amigos te vi ;
Es pobre , faltaõ bastantes ;
Mas sempre amigos como antes ;
Porque ainda o saõ de si .

CXXVIII.

A hum anonymo.

Dizes que sabes Francez ,
Latim , e Inglez : estou vendo ,
Que naõ sabes Portuguez ;
Teu Latim , Francez , e Inglez
Confesso , que naõ entendo .

CXXXI.

A hum odiento.

Faz-te mal qualquer sujeito ;
Tomas-te-lhe odio mortal ;
Tambem mal a ti tens feito ,
Trazendo esse odio no peito ,
Que talvez he maior mal .

Se tu a ti dás perdaõ ,
 Devendo estar mal contigo ,
 Por te dar a tal paixãõ ;
 Deves com igual razaõ
 Dar perdaõ ao inimigo.

Mas se de cães, e leões
 Tens raiva, e mais permanente ;
 Nenhuma razaõ consente
 Gastar contigo razões ;
 Que as razões são para a gente.

CXXX.

A hum que com praticas frivolas con-
sumia o tempo ao Poeta.

Furta-me antes o dinheiro,
 Do que o tempo: posso bem
 Recuperar o primeiro ;
 Porém o tempo ligeiro,
 Se foge, nunca mais vêm.

Qual

CXXXI.

Qual he a coisa mais veloz:
 Que coisa ha, que mais se apressa,
 Que passa mais velozmente?
 Se o juizo me não mente,
 Nada passa mais depressa,
 Que o tempo de estar contente.

CXXXII.

Que o tempo he semelhante aos ho-
mens.

He o tempo como a gente;
 Sempre se louva o passado
 Muito mais do que o presente:
 Morre hum máo, e de repente
 Fica tanto confirmado.

CXXXIII.

A hum anonymo.

Recordo-me, que huma vez
 Amigos, que duvidaraõ,
 Que annos tens? te perguntaraõ:
 Disseste, que trinta e tres.
 Como os tens se já passaraõ?

Qual

CXXXIV.

Qual he a coisa mais escura.

Perão muito escuro está ;
 Thucydides he escuro ;
 Mais a Arte , que Lulo dá ;
 Mas nada mais escuro há ,
 Do que he o tempo futuro.

CXXXV.

*Como havemos conhecer a verdadei-
 ra humildade.*

O que traz fato grosseiro ,
 Que mostra , que se envilece ,
 Talvez humilde parece ;
 Mas o humilde verdadeiro
 Só na injuria se conhece.

CXXXVI.

Do proveito.

Observo , que quando occorre ,
 O que proveito parece ,
 Não faltou quem lá corresse ;
 Mas a maior parte corre
 Atraz , do que não conhece.

CXXXVII.

A nossa Senhora da Conceição.

Esse que do Ceo descia ,
 A fim de mandar embora
 Peccados , que nelle havia ,
 Só em Vós , Virgem Maria ,
 Não achou , que deitar fóra.

CXXXVIII.

Ao murmurador.

Eu creio , murmurador ,
 Que esses teus gostos são taes ,
 Que encontras menos fabor
 Em ouvir o teu louvor ,
 Que em murmurares dos mais.

CXXXIX.

A hum que fallava muito alto.

Desestrado , grita pouco ,
 Que eu ouço sem te cançares ,
 Deixa o fallar alto , e rouco
 Lá para quando eu for mouco
 Por causa de me gritares.

CXL.

Do proprio corpo.

Inimigo turbulento
 He o meu corpo mortal ;
 Porque eu lhe dou o sustento ;
 E o seu agradecimento
 He puxar-me para o mal.

CXLI.

A hum homem affeminado.

Ha quem imbutir-me quer,
 Que és homem ; não tenho crido,
 Coma petas quem quizer ;
 Que quanto a mim és mulher
 Em traje de homem vestido.

CXLII.

A hum bebado.

Hum homem nunca bebia ;
 Por força o Rei Ladisláo
 O mandou beber hum dia ;
 O miseravel cahia
 Em accidente bem máo.

Mas

Mas tu és taõ diferente,
 Que se alguém te constringer
 Algum dia a naõ beber,
 Naõ só terás accidente,
 Mas és capaz de morrer.

Jam CXLIII.

De certos cavallos.

Contaõ, que hum homem havia,
 Que qual cavallo, ou jumento
 Suas orelhas movia:
 Ha muita cavallaria
 Sem aquelle movimento.

CXLIV.

Que a mulher he de segredo.

Hum critico muito azedo,
 Diz, que segredo naõ cabe
 Em mulher: tal naõ concedo;
 Porque a mulher tem segredo
 Em tudo o que ella naõ sabe.

CXLV.

De Afra.

Tendo Afra o marido ausente,
Come com bem desfatio;
E pouco, se está presente;
Donde infere muita gente,
Que elle lhe mete fastio.

CXLVI.

Da traição.

A aranha á mosca he traidora;
He traidor á lebre o caõ;
O rato indico ao leão;
O gato á ave voadora;
Só o homem a seu irmão.

CXLVII.

*Que nós devemos compadecer muito
dos nescios.*

Muita compaixão devemos
Ter dos filhilhos sem pais,
Das viúvas, que dão ais,
E de quantos pobres vemos,
Do pobre de cascos mais.

Que

CXLVIII.

Que os máos são faltos de compaixão.

Os máos são a gente, em quem
Eu menos compaixão vi:
Como a pódem ter de alguém,
Se os justos delles a tem,
E elles não a tem de si.

CXLIX.

Da utilidade da paciencia.

A paz da alma donde vem?
Donde a santa continencia?
Donde o dizer dos mais bem?
Donde o não ter odio a alguém?
Tudo vêm da paciencia.

CL.

Em que caso se deve ter mais paciencia.

Perguntas, em que lugar
Mais paciencia devo ter;
Eu te respondo, que em vêr
Hum poderoso a afnear,
Sem que o possa reprehender.

CLI.

A hum nescio.

Aulo em faber singular
 Dizes que he a ti conforme,
 Sendo tu taõ nescio, e alvar:
 Se anda no faber a par
 De ti he, quando elle dorme.

CLII.

De Pythagoras.

De Pythagoras ha quem
 Diga, que ouvia o ruido
 Do Ceo suar muito bem:
 Ouvia como ninguem;
 Pois ninguem tal tem ouvido.

CLIII.

A hum anonymo.

Perguntas, que General
 Posso nomear a ti,
 Que naõ tivesse outro igual?
 Se ha algum que seja tal,
 He o que se vence a si.

CLIV.

Conselho.

Ande outro atraz da grandeza,
 Querendo-se pôr nos cumes
 Da fidalguia, e nobreza;
 Ande outro atraz da riqueza;
 Tu atraz dos boñs costumes.

CLV.

*Que pôde haver quem mereça louvor;
 porque não quer, que o reprehendaõ.*

Muitas vezes, tenho ouvido
 Murmurar de algum; porque
 Foge de ser reprehendido;
 Se elle não tiver de que,
 Merece ser applaudido.

CLVI.

Do adulator.

Prática hum adulaçaõ;
 Só outro diz delle bem;
 Os mais mal; mas elle tem
 Lá seus longes de oraçaõ,
 Que sempre acaba em amem.

CLVII.

*A hum que queria fallar com o
Author no tempo da Missa.*

Homem, vai-te já dahi,
Se de fallar tens cubiça
Crês talvez, que eu venho aqui
Para haver de ouvir a ti,
Erras, que eu venho ouvir Missa.

CLVIII.

Conselho para segurar bem o dinheiro.

Para que o dinheiro vá
Sem risco de roubadores,
Seguraõ-to mercadores:
Dão-o aos pobres, que não ha
Melhores seguradores.

CLIX.

A hum avarento.

A liberal, porque dá
Encobrir faltas intentão;
A ti fechadura má
Sobre as faltas, que tens já,
As que não tens, accrescentaõ.

CLX.

A hum enganador.

Enganaste-me , e eu bem fóra
De ter o engano estranhado ,
O que estranho he a demora
De ter estado atégora
Sem me teres enganado.

CLXI.

Ao mesmo.

Enganaste-me , e he de vêr ,
Que te andas disso gauando ;
Pequena façanha , quando
Eu por me não conhecer
Ando a mim mesmo enganando.



LIVRO VII.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.
ORa eu tenho-me alargado;
 E duvido, Leitor meu,
 Se te dou algum enfado;
 Talvez estejas cansado,
 Mas mais cansado estou eu.
 Com tudo inda não amanso;
 Hum pouco a obra profegue;
 Porque as contas, que lhe lanço
 He, que quem busca descanso,
 Cansa-se, e nunca o consegue.

II.

Do conhecimento proprio.
 Se cada qual conhecesse
 A si, hia o mundo bem;
 Porém ninguem se conhece,
 Nem quer; porque lhe aborrece
 Ouvir os podres, que tem.

III.

A hum que louvava a si mesmo:

Porque te louvas se vê
 Muita gente censurar-te:
 Já que não ha quem te dê
 Louvor, nem ache de que,
 Fazes tu bem em louvar-te.

IV.

A hum velho, que tendo grandes orelhas, se gabava de aconselhar muitos.

Muitos dizes, que aconselhas;
 Mas eu não fei se yaõ mal;
 Pois fóra do natural
 Te crescerão as orelhas;
 E isso he muito, máo final.

V.

A hum que fallava pouco.

Fazes muito bem, se attendes
 A quem está conversando
 Bem poucas palavras dando;
 Porque tu ouvindo aprendes,
 E talvez erres fallando.

VI.

A hum descortez.

De cabeça era inclinado
 Cataõ, e ha quem escarneça,
 Pela não ter levantado:
 Peior tu, que és murmurado
 Por não abaixar cabeça.

VII.

*A hum dos que interrompem a
 conversação dos mais.*

Vens-te sempre atravessar,
 No que intento proferir:
 Já te não posso aturar;
 Ou tu me deixa fallar,
 Ou eu deixo de te ouvir.

VIII.

A hum erudito.

Es erudito; porém
 Se crês, que a erudição
 Tem a maior attenção,
 Enganas-te, porque a tem
 Lisonja, e murmuração.

Do

IX.

*Do que querendo persuadir, cuida mais
em ostentar de engenhoso, que de
persuasivo.*

Se o caminho da verdade
Me mostra hum com descaminho
De ostentar de habilidade,
Nã se cance, nã se enfade,
Que eu me porei a caminho.

X.

A hum escandaloso.

Ora nã deixo de vêr,
Que és, como eu, hum desgraçado
Homem sujeito a peccado;
Mas tu bem podes nã ser
Homem desavergonhado.

XI.

Da Fé.

Outro aprender mui bom he;
Mas acha quem tem prudencia
Na Fé mais conveniencia;
Porque se alcança por fé
Muito mais que por sciencia.

XII.

Da Esperança.

Que esperança podes ter
 Se nos meritos te atrazas?
 Devem estes preceder;
 Que esperar sem merecer
 He querer voar sem azas.

XIII.

Da Caridade.

A lei do povo Christão
 Cifra-se toda em amar;
 Não ha mais suave acção;
 Assim só a semração
 Dirá, que he má de guardar.

XIV.

*A hum que andava sempre com más
 companhias.*

Andas com más companheiros;
 E só acharei razões
 De crer-te hum dos bons varões,
 Quando observar, que os cordeiros
 Acompanhão com os loões.

XV.

*A outro que andava sempre com boas
companhias.*

He tão grande a carestia
De peffoas singulares,
Que louvando-te eu o andares
Com tão boa companhia,
Louvo mais a arte de a achares.

XVI.

A hum máo Cirurgião.

Tal confiança trazias
Em certo remedio teu,
Que disseste, que em dois dias
Conta do enfermo darias:
Dêste, que nos dois morreo.

XVII.

Medicina recopilada.

Em sabendo receitar
Purga, vomitorio, quina,
Causticos, banhos do mar,
Mudar de ares, e fangrar,
Sabes toda a medicina.

XVIII.

A hum que comia muito.

Comeste tres pães a fio,
 Queixando-te do tormento
 De andar muito fastiento;
 Senão tivesses fastio,
 Comerias mais de hum cento.

XIX.

Definição da piedade.

O que he piedade te digo,
 Já que queres saber tal:
 He contra o teu natural
 Ter impiedade contigo,
 Para evitares o mal.

XX.

A hum caritativo.

Que és hum sujeito capaz
 Em virtude se concede;
 Porque a quem te pede, dás;
 Mas acho que melhor faz,
 O que dá a quem não pede.

XXI.

A hum máo homem.

Com o fim de eu te dizer,
 Que he virtude, vens-me á porta;
 Naõ te quero responder;
 Porque escusas de saber
 Coisa que nada te importa.

XXII.

A hum anonymo.

Querendo-te defender,
 Tendo feito huma maldade,
 Déste depois em dizer,
 Que és incapaz de a fazer:
 Ninguem falla mais verdade.

XXIII.

Do Mundo.

Olha a comedia, em que estás;
 Hoje hum faz papel de pobre,
 A' manhã de rico o faz;
 He de vilões capataz,
 O que ha dois dias foi nobre.

Naõ

Naõ te descuides de olhar,
 O que o theatro parece ;
 A desordem no assentar
 Talvez em melhor lugar ;
 O que menos o merece.

XXIV.

A hum rico.

Cuidas, que te veio dar
 A fortuna esse dinheiro ?
 Quero-te defenganar ;
 Emprestou até cobrar
 Para o dar ao teu herdeiro.

XXV.

A hum preguiçoso.

Sempre estás feito poltraõ
 A dormir, é a resonar,
 Culpando a fortuna em vaõ ;
 Acho, que com mais razão
 Te devia ella culpar.

Titulo de XXVI.

Da fortuna.

Que coisa he felicidade?
 Pergunta gente importuna:
 Fortuna he só na verdade
 O não ter necessidade
 De ter alguma fortuna.

XXVII.

*Qual he o homem mais infeliz, que
 ha no mundo.*

Sé ha pessoa, que duvida
 Quem he o mais infeliz;
 Digo, que he quem muito lida,
 Para nesta triste vida
 Ser o homem mais feliz.

XXVIII.

A hum queixoso da fortuna.

Naõ fazes fenaõ dizer,
 Que de perigo em perigo
 Te vai fortuna meter:
 Aparenta-te a soffrer,
 Se tomou teima contigo.

XXIX.

Nomea-se quem ainda agora he mais generoso, que Alexandre Magno.

Alexandre dadivofo,
Generoso se chamava;
Mas o trabalho custoso,
He muito mais generoso;
Pois lhe deu quanto elle dava.

XXX.

Qual he o sujeito mais eminente:

Quem he hum taõ excellente,
Que a terra naõ tem segundo
Em nobre, em sabio, e em valente?
He o que mais fortemente
Despreza as coizas do mundo.

XXXI.

Dos moços.

Lá terá sua valia
Dos moços a fortaleza;
Mas quédas da natureza
Mostraõ, que tal valentia
He refinada fraqueza.

Da

XXXII.

Da velhice.

Tudo arruina a velhice
 Nesta nossa natureza :
 Disse , que tudo ? mal disse :
 Nella cresce a bebedice ,
 A rabuge , e a avareza.

XXXIII.

Da velha , que quer parecer formosa.

Velha enfeitada he loucura ,
 Se dando á velhice figas ,
 Campar por bella procura ;
 Que velhice , e formosura ,
 Saõ capitaes inimigas.

XXXIV.

A hum anonymo de hum ocioso.

Dizias bem enfadado
 A hum ocioso , que o tal
 De aprender não tem cuidado ;
 Mas vives muito enganado ;
 Que elle aprende a fazer mal.

XXXV

A hum preguiçoso, que queria dar no criado, porque era tambem perguiçoso.

Pertendes no moço dar ;
 Porque a preguiça o não deixa :
 Antes elle tem lugar ,
 Para de ti se queixar ,
 Que lhe pegaste essa queixa.

XXXVI.

Do perdão.

Manda-se-nos perdoar :
 A regra tem excepção ;
 Porque eu devo dar perdão
 A qualquer que me aggravar ;
 Mas a mim, se sou máo, não.

XXXVII.

De hum costume dos Gregos.

Entre os Gregos quem bebia
 Pouco á meza, sem demora
 O mandavaõ porta fóra :
 Huma tal descortezia
 He bem escusada agora.

XXXVIII.

De outro costume dos Romanos.

As mulheres, que bebiaõ
 Vinho em Roma desterradas
 Para algumas Ilhas hiaõ :
 Sendo assim cá estariaõ
 As Ilhas bem povoadas.

XXXIX.

Da temperança.

Accrescenta a nossa vida
 Temperança nos guizados :
 Regra bem mal entendida ;
 Porque a julgaõ dirigida,
 A que vaõ bem temperados.

XL.

*Que o beneficio esquece, e lembra
 a injuria.*

Quem beneficio recebe,
 Logo de bruços se inclina,
 E do Lethes agua bebe ;
 Mas quem injuria percebe,
 Esse bebe anacardina.

Ma-

XLII. *Da falta de cautela.*

Maxima:

Se tens visto, ou tens ouvido,
 Algum caso portentoso,
 Conta-o muito cauteloso;
 Quando não ficarás tido,
 Sem o ser, por mentiroso.

XLIII. *Encómio do varaõ sabio.*

Da falta de cautela.

Que tenhas poucas cautelas,
 Quem não prevê o mal, vá;
 Porém taõ besta gente ha,
 Que vendo outra em esparrelas,
 Vai tambem meter-se lá.

XLIII. *Encómio do varaõ sabio.*

Encómio do varaõ sabio.

Naõ he o ser opulento,
 O ter muita fidalguia,
 O que he maior valia:
 Nada dá mais luzimento,
 Que huma ampla sabedoria.

Rico , e fidalgo sómente ,
 Onde assiste se nomeia ;
 Porém a fama excellente
 Do varaõ muito sciente
 Vai por muita terra alheia.

O rico , e fidalgo vaõ
 Jazer em perpetua cama ;
 Ninguem delles faz mençaõ ;
 Naõ corre o sabio varaõ ,
 He immortal pela fama.

Dou , que outro exercitos dóme,
 Bem pouco nome terá ,
 Se hum sabio escritor naõ ha ,
 Que tem este tanto nome ,
 Que até a muitos o dá.

XLIV.

Do ocio , e regalo.

Ora dizei-me , que espero
 De hum corpo , que de ocio gosta,
 E de boa mesa posta ;
 Mas naõ digais , que naõ quero
 Ouvir huma má resposta.

XLV.

A hum anonymo.

Tu me vens a perguntar,
 Qual he huma diligencia,
 Que parece negligencia?
 He a que anda a procurar
 Coisa de muita appetencia.

XLVI.

A hum atrevido.

Fiado no pensamento,
 De que os homens atrevidos
 Saõ da fortuna validos,
 Tiveste hum atrevimento;
 Trouxeste os ossos moidos.

A fortuna te faltou;
 Mas com tudo o povo injusto,
 Que sabe o que te custou,
 Teima, que ella te ajudou
 Com huma ajuda de custo.

XLVII.

Da pobreza.

Tenho a pobreza primeira
 Bemaventurança achado;
 Mas tudo está tão mudado,
 Que não ha hoje quem queira
 Ser já bemaventurado.

XLVIII.

Do avarento.

Passa fome hum avarento
 Para á riqueza servir,
 Má farda, máo aposento,
 Má cama para dormir,
 Se lho soffre o pensamento.

Soffre calmas, soffre frios;
 Leva por más vestiduras
 Apupadas, e affobios;
 Pedem huns, manda-os vafios.
 Rompem em descomposturas.

Tratando o Mouro infiel
 Seus escravos com crueza,
 Nenhum escravo de Argel
 Soffre pena mais cruel,
 Que este escravo da riqueza.

XLIX.

*Que não se pôde fazer bom conceito,
 do que se emprega em servir o mundo.*

Que posso eu crer; do que vi
 Em servir mundo occupado,
 Se he só bem justificado,
 Quem não poem cuidado em si,
 Para pôr em Deos cuidado?

Da vergonha.

Bom he, tendo delinquido,
 Com vergonha padecer;
 Mas he melhor não a haver,
 Por se ter antes fugido
 De occasião para a ter.

Que

LI.

Que saõ bemaventurados os cabreiros.

Hei de escutar hum que mente,
Sem lhe poder retrucar;
Ouvir outro murmurar:
Bemaventurada gente,
Que ouve só cabras berrar.

LII.

A Jesus Christo.

Por me livrar de castigo
Morresteis em huma cruz:
Só vos peço, só vos digo,
Que desempenheis comigo
Esse nome de Jesus.

LIII.

A hum inconstante.

Nada firme te demora,
Sempre de modo te avens,
Que nem contigo convens;
Tens mil conselhos á hora,
E nenhum conselho tens.

LIV.

Apologia ironica pelos adúladores.

Naõ sei que odio figadal
 A lisongeiros se tem,
 Sendo gente taõ igual,
 Que se muda o bem em mal,
 Tambem muda o mal em bem.

LV.

Da compaixão com os criminosos.

Mete-me mais compaixão
 O perdaõ dos delinquentes,
 Que o ve-los no ar pendentẽs;
 Porque estes se escapaõ vaõ
 Ser castigo de innocentes.

LVI.

A hum colleõtor de antigualhas.

Hum por fama, que se espalha
 De collecção taõ idonia,
 Quer vender-te huma antigualha;
 Vem a ser huma navalha
 Do porco de Calidonia.

LVII.

Da distribuição do dinheiro.

Póde ser que saber queiras ,
 Donde vão tantos tostões ,
 Que arrastaõ casas inteiras :
 Gasta-se mais em asneiras ,
 Que se gasta em descrições.

LVIII.

Das dadivas , q̃ vem por muitos rogos.

Dizem que a coisa , que daõ
 Muito rogada , e pedida ,
 Custa mais , do que a vendida ;
 Porém esta opiniaõ
 He hoje pouco seguida.

LIX.

*Cuidado da moça , que casa com velho
 rico.*

Sabeis qual he o cuidado
 Da moça , que desposar
 Hum velho rico , e abonado ?
 He , que morra o desdentado ,
 Para com moço casar.

LX.

Da formosura.

Por si só mais valeria
 A gentileza, e beldade;
 Mas tem a deformidade
 De andar com má companhia,
 Que he soberba, e vaidade.

LXI.

Da sepultura.

Sepultura de senhor,
 Sepultura de vilão,
 Quanto a mim o mesmo são;
 Pois seja qualquer que for,
 He cofre de podridão.

LXII.

*Que nem todos devem chamar ás mu-
 lheres senhoras.*

A suas mulheres dão
 De senhoras appellidos;
 Porém não lhe acho razão;
 Porque ellas nem todas são
 Senhoras de seus maridos.

Seja humilde, ou seja nobre,
 Ser sempre senhora implica;
 Isso de senhora fica
 Sómente para homem pobre,
 Que casa com mulher rica.

LXIII.

Da casa dos orates.

Para curar disparates,
 (Que pouco curaveis saõ)
 Nunca ouvi fallar senaõ
 Em huma casa de orates;
 Naõ sei se todas o saõ.

LXIV.

A hum anonymo.

Meus Epigrammas tens lido,
 Dizes, que naõ achas sal;
 Naõ sei se he delles o mal;
 Se tens o gosto perdido,
 Ou nunca tiveste tal.

Terás ouvido o ditado ,
 Que diz : *Naõ se fez o mel.*
 Demo-lo por acabado ;
 Já que sal naõ tens achado ,
 Naõ aches ao menos fel.

LXV.

Opiniã a respeito dos loucos.

Se chamamos louco a alguém ,
 Poem-nos o mesmo fenaõ ;
 Naõ sei quem he louco , ou naõ :
 Concerta-se tudo bem
 Com dizer , que todos saõ.

LXVI.

*Causa de padecer em qualquer parte
 a justiça.*

Força he , que em qualquer lugar
 Muito a justiça padeça ,
 Se o dominio se trocar ;
 E em vez da lei só mandar ,
 Se faz que a lei obedeça.

LXVII.

Do burro regente.

Naõ tem fel burro innocente ;
 Mas ferá como milagre ,
 Se o que he de muitos regente ,
 Naõ achar burros , que a gente
 Fazem de fel , e vinagre.

LXVIII.

A hum invejoso.

Quiz-te hum fabio elogiar ,
 Mostraſte diſſo faſtío ,
 Naõ pelo naõ defejar ;
 Mas por naõ ouvir louvar ,
 Quem te fazia o elogio.

LXIX.

Do que tem zelos.

Mete-fe em grande trabalho ,
 Se entra em zelos hum amante ;
 E talvez eſſe ignorante
 Seja o que faz o eſpantalho ,
 E d'elle meſmo ſe eſpante.

LXX.

Do mesmo.

Esta maldita peçonha
 Dos zelos he vil paixão;
 Porque o zeloso, que sonha,
 Que outro ha que se lhe anteponha,
 Tem hum baixo coração.

LXXI.

Do favor.

O que tiver opportuna
 A fortuna em seu abono,
 Tem o favor por patronos;
 Que elle anda atraz da fortuna,
 Como o caõ atraz do dono.

LXXII.

Do pobre, que dá a rico.

Hum pobre, que a rico dá
 Para que este mais lhe mande,
 Feito pescador está;
 Quer que a pequena isca vá
 Segurar hum peixe grande.

LXXIII.

Maxima.

Se vejo hum de vantajosa
 Malicia delle me alargo ;
 Que a coisa mais proveitosa
 Com besta maliciosa
 He o pôr sempre de largo.

LXXIV.

Homens sem boca.

Ha homens no Oriente
 (Fique na fé dos authores)
 De boca carecedores :
 Bemaventurada gente,
 Que não tem murmuradores.

LXXV.

Parto monstruoso.

Conta-se, que antigamente
 Houve huma mulher gentia,
 Que pario huma serpente :
 Não ha parto mais frequente ;
 Cá succede cada dia.

LXXVI.

Da pedra Eliotropio.

Dizem da pedra Eliotropio,
 Que tem virtude infallivel
 De fazer gente invisivel:
 Inda que me parece opio,
 Naõ falta a quem seja crivel.

Agora me chega o medo
 De pôr entre os meus borrões
 A virtude do penedo;
 Mas eu a conto em segredo,
 Que naõ a faibaõ ladrões.

LXXVII.

Do signo de Aquario.

Affirmaõ, que nas canellas
 Domina o signo de Aquario;
 Se houverem lá taes mazellas,
 Que corra bem agua dellas,
 Eu naõ direi o contrario.

LXXVIII.

De huma fonte notavel.

Affirmaõ, que huma fonte ha
 N'uma Ilha Fortunata,
 Que aquelle, que bebe lá,
 Taõ grande rizo lhe dá,
 Que esse mesmo rizo o mata.

Talvez que alguem creia mal;
 Mas segundo o meu juizo
 A coisa he bem natural;
 Porque eu até de ler tal
 Naõ podia ter o rizo.

LXXIX.

A hum Filosofo muito roto.

Dizem que sempre tens sido
 Hum Filosofo Atomista;
 Porém eu muito duvido;
 Porque mostras no vestido,
 Que és meio Gymnosofista.

LXXX.

A hama velha enfeitada.

Nessas queixadas desfeitás
 Pões , velha , posturas , e untos ;
 Vestidos da moda deitas :
 Parece-me ; que te enfeitas
 Para namorar defuntos.

LXXXI.

A hum pedinte moço , e são.

Quem quizer fazer justiça
 Devia dar-te dobrado ;
 Porque estás encarregado
 De tua mulher preguiça ,
 Com quem andas bem casado.

Porém como o sustentar
 Tal mulher he corriola ;
 Porque te ha de depravar ,
 Póde ser que o não ta dar
 Seria a maior esmola.

LXXXII.

A hum arrogante.

Attribues-te sciencia
 Sendo hum nescio confirmado;
 E sendo pouco atilado
 Attribues-te prudencia;
 Em fim sonhas acordado.

LXXXIII.

A hum astuto.

Gente, que he tua inimiga,
 Diz, que o caminho perdeste;
 Porque havendo quem te diga,
 Que aprendesses da formiga,
 Tu da raposa aprendeste.

LXXXIV.

*Que não são as letras, e armas o
 melhor caminho de valer.*

Letras, e armas do valer
 São o caminho primeiro,
 Segundo eu ouço dizer;
 Mas vá-se tudo esconder,
 Onde chegou o dinheiro.

LXXXV.

Remedio contra o engano.

Esperar do trato humano
Enganos te perservera.
De cahires em tal damno ;
Que he impossivel , que o engano
Venha , donde já se espera.

LXXXVI.

*Dá o Poeta a razão de não escrever
alguns Epigrammas amorosos.*

Notarás , que todo o dito
De amores aqui te nego :
Nem em tal coisa medito ;
Que muitos tem já escrito
Orações para esse cego.

LXXXVII.

*Dá a razão , por que nem sempre
diz ditos agudos.*

Tenho razão de affroxar
Em dizer ditos agudos
Neste , e naquelle lugar :
Quero tambem consolar
Os Leitores , que são rudos.

LXXXVIII.

*A hum anonymo ironica apologia de
Gelio.*

A razaõ, a quem a tem
Dizem, que Gelio não dá:
São coifas de gente má;
Que não póde dar alguem
Razaõ, a quem a tem já.

LXXXIX.

Do homem bom, e do homem mádo.

Se cahido hum bom se vio,
Tudo o esforça, tudo o anima,
Tudo delle se lastima;
Porém se algum máo cahio,
Lançaõ-lhe pedras em cima.

XC.

A huma mulher muito feia.

Os cegos são desgraçados,
Não posso contradizer;
Porém vivaõ consolados,
Que são bemaventurados
Em te não poderem ver.

XCI.

*Dos que dizem , que foraõ ter a calma
a algum lugar.*

Fui ter a calma á Landeira ,
Diz hum , que foi de jornada ;
Tendo calma pela estrada ,
Ou he , ou parece afneira
Ir ter outra na poufada.

XCII.

A huma mulher torta.

Chama-te tórta hum sujeito ;
Chama-lhe torto tambem ;
Pois nada tem de direito
Aquelle , que algum defeito
Lança em rosto , a quem o tem.

XCIII.

Idolatria.

Houve na Scithia nações
De taõ fraco antendimento ,
Que davaõ adorações ,
E faziaõ orações
A' cabeça de hum jumento.

Cá entre nós quem ignora
 Que o velhaco lifonjeiro,
 Para ver se se melhora
 Caveira de burro adora,
 Que tem burra de dinheiro.

XCIV.

*Que não devemos pôr nimio cuidado
 em tratar o nosso corpo.*

Como andando bem tratado
 Este corpo miseravel,
 Costuma dar muito enfado,
 Pôr nelle nimio cuidado
 He descuido, e bem culpavel.

XCV.

De Avito calumniado.

Dizem-me, que Avito sente
 Ser sem culpa condemnado:
 He máo, que pague o innocense,
 Mas he peor certamente,
 Que pague o que está culpado.

Da

XCVI.

Da candura.

Louvo muito o exercicio
 Da virtude da candura ;
 Mas onde reina impostura,
 Tem esta virtude hum vicio,
 Que he o ser pouco segura.

XCVII.

De Mevio suspeito.

Diz , que conjectura sem
 Erro Mevio ; não ha tal ;
 Porque , como de ninguem
 Usa conjecturar bem ,
 Sempre conjecturar mal.

XCVIII.

A hum preguiçoso.

Mil culpas te desenterraõ
 Pela preguiça , que trazes ;
 Censuraõ-te pertinazes ;
 Elles , no que fazem erraõ ;
 Tu erras , no que não fazes.

XCIX.

*A Breno, que dormia na Igreja todo
o tempo do Sermaõ.*

Tenho, Breno, reparado,
Que vás o Sermaõ ouvir
Por hum modo defusado;
Que o mais povo ouve acordado,
E tu ouves a dormir.

C

Do que tem mulher perversa.

Ou soffrella, ou emendalla,
O que tiver mulher má;
Mas o mais certo será,
Que naõ podendo domalla,
No soffrer se ficará.

CI.

*A hum que sendo pobre casava com
mulher rica.*

Atraz da riqueza vás,
Serás hum marido bravo
Nas guerras, em que andarás;
O mais certo he, que ferás
Em vez de marido escravo.

CII.

Do máo costume.

Tudo o que em si deixa entrar
 Algum máo costume, ignora,
 A que hospede dá lugar;
 Custa muito a sustentar;
 E mais a deitar fóra.

CIII.

Sinal para conhecer o soberbo.

Naõ olhando a outros finaes,
 O soberbo conheci,
 Por desprezar os iguaes;
 Que se alguem despreza os mais,
 He por prezar muito a si.

CIV.

A bum namorado.

Cuidados de amor toleras,
 Que te daõ mil agonias;
 Bom he que a outros te deras;
 Que se outros antes tiveras,
 Nunca tu effes terias.

CV.

A hum amante de huma mulata.

Naõ tacho nova mania,
 Em que portas a amor abras
 Por mulata da Bahia;
 Que tambem na Grecia havia
 Gente, que adorava cabras.

CVI.

A hum curioso.

Perguntas, em me encontrando:
 Que ha de novo. Eu to direi,
 Em tu tal manha deixando;
 Que naõ vires perguntando
 Por novidade terei.

CVII.

*Que naõ sabemos se he bom, ou máo
 o que nos succede.*

Se vem bem, ou mal a alguem,
 Naõ o sabe ainda o mortal,
 A quem o bem, ou mal vem;
 Que ha mal, que vem para bem;
 Ha bem, que vem para mal.

Qual

CVIII.

Qual he o maior mentiroso.

Nem Poeta fabuloso;
 Nem Escritor novelheiro;
 Nem escravo preguiçoso;
 He o maior mentiroso:
 Leva a palma o caloteiro.

CIX.

A hum'adúlado.

O louvor não merecido
 Recebes muito sereno;
 Mas elle he escarnecido,
 Qual desmarchado vestido
 Em corpo muito pequeno.

CX.

Da infamia.

Devem todos os prudentes
 Da vil infamia fugir:
 Tem taes inconvenientes,
 Que arruina os bens presentes;
 E embaraça os que haõ de vir.

Que

CXI.

*Que convém que tenhamos malicia ;
e qual deve ser.*

O ter malicia convém ;
Nem he possível que viva
Seguro sem ella alguém ;
Essa malicia porém
Deve ser só defensiva.

CXII.

Abum degenerado.

Nenhuma estimação cobras
Dizendo , que de parentes
Vens iilustres , e excellentes ;
Que olhando-te para as obras
Todos affirmão , que mentes.

CXIII.

A hũ que lançava tabaco no vestido.

Dizes que esse teu vestido
Custou huma grande somma :
Dou , que assim não tenha sido ;
Bem caro te tens sahido
Pelo tabaco , que tomas.

CXIV.

Apologia pela syllaba final ão.

Eu não fei com que razão
 Pertendem, que o ão se esconda,
 Sendo huma terminaçaõ,
 Que nunca pronunciarão
 Senão * com boca redonda.

CXV.

A huma lingua terceira.

Dizes que Aulo me moteja ;
 Porém eu posso soffrer,
 Que meu homicida seja ;
 Com tanto que longe esteja,

* *Gravis ingenium Gravis dedit ore rotundo Musa loqui.*
 Horat. de Art. Poet.

E onde nem me possa ver.

CXVI.

A hum inteiramente dado a regalos.

Não ha poder, que te esfrie
 De regalos procurar:
 Se trabalhas por achar
 Algum, que não te enfastie,
 Escusas de te cançar.

CXVII.

A hum amante de huma negra.

Dou, que a negra te contente,
 Que lhe dobres o joelho
 Adorando-a reverente;
 Que já no Egypto houve gente,
 Que adorava o escaravelho.

CXVIII.

A hum anonymo.

Na mão de hum prodigo hias
 Dinheiro depositar;
 Posso-te certificar,
 Que igual negocio farias
 Depositando-o no mar.

CXIX.

A outro.

Bem má fama vai correndo
 Ahi por essa Cidade;
 Satyras te andão fazendo;
 Porque tu indigno sendo,
 Procuras a dignidade.

Ditos de povo maligno ;
 Que por nescio não medita ,
 Que com razão sollicita
 A dignidade hum indigno ,
 Que o digno não necessita.

CXX.

Maxima.

Com tolo não disputeis :
 Diz pavoices aquelle ;
 He força , que vós ireis ;
 Sem saber o que dizeis ,
 Dizeis mais tolices , que elle.

CXXI.

*Ahuns amigos a respeito de Dulopre-
 prepo.*

Por ser de bons pais nascido
 Duloprepo veneraes ;
 Mas elle faz obras taes ,
 Que eu até hoje duvido ,
 Se elle he filho desses pais.

Naõ

Naõ de todo me escusando
 De ser seu venerador,
 Vou-me sempre demorando;
 Guardo isso lá para quando
 Elle, como seus pais, for.

CXXII.

A hum anonymo.

Tens por novidade o ver,
 Que he hum vaidoso rudo:
 Por força assim ha de ser;
 Porque mal póde aprender,
 Quem cuida, que sabe tudo.

CXXIII.

*Remedio para conseguir facilmente
 fama de erudito.*

Sendo hum dos principiantes
 No muito que está escrito,
 Falla muito entre ignorantes,
 Metendo petas bastantes,
 Terás fama de erudito.

CXXIV.

*A hum que tinha grande presumpção
de Rhetorico, e de tudo escarneia.*

Tulio, e Demosthenes taes,
Que em Rhetórica eraõ pasmo,
Naõ te seriaõ iguaes,
Se tu foubesses do mais,
Como sabes do sarcasmo.

CXXV.

Que o Poeta recusa fallar em antigo.

Naõ fallo, lingua antiquada,
Inda que me preguem juntos
Esses por quem he gabada:
Naõ fei como algum se agrada
De fallar como os defuntos.

CXXVI.

Apologia pela lingua Portugueza.

Culpa gente peregrina
A nossa lingua, e naõ chega
A ver, que he a que crimina,
Nas dicções quasi Latina,
E na frase quasi Grega.

CXXVII.

Do modo porque huma velha benzia.

Confessou-se , que benzia
 Huma velha : o confessor ,
 Perguntou-lhe o que dizia ,
 Faço *cruzes* , respondia ,
E digo ca no interior :

*Mal de tolo se te acabe ;
 Ob coitadinho de quem
 He tolo , e mais naõ o sabe !
 Esta benzedura cabe
 A muita gente de bem.*

CXXVIII.

De hum livro , que compoz Cleopetra.

Foi Cleopetra compor
 Certo livro , no qual dava
 As regras do toucador ,
 Por grande preço , e valor
 Este livro se comprava.

Regras dos tempos passados
 Seriaõ agora aveffas ,
 E os preceitos limitados ;
 Porque faõ hoje os toucados
 Taõ varios , como as cabeças.

CXXIX.

Do amor da vida.

Naõ fei , com que fundamento
 Amo huma vida taõ má
 Em feu agradecimento ,
 Que dando-lhe eu o sustento ,
 Ella trabalhos me dá.

Porém fe em amalla peno ,
 Para que a amo com ternura ?
 Eu faço o mal , que condemno ;
 Que he proprio do amor terreno
 Ir de loucura em loucura.

CXXX.

A hum pertinaz.

Dás erros; quinãos te daõ;
 Vens com erros a milhares
 Para erros patrocinares:
 Fazes bem; porque elles faõ
 Muito teus familiares.

CXXXI.

Aviso a hum credor.

Se vás a ver se te dá
 O que deve hum gastador,
 He escusado ires lá;
 Que elle nunca em casa está,
 Quando o procura credor.

CXXXII.

Da desculpa dos rapazes.

Se hum rapaz se desculpar,
 Naõ creias, que culpa tira,
 Que elle a vêm accrescentar;
 Fez mal, e vem-te pregar
 Inda em cima huma mentira.

CXXXIII.

A hum praguejador.

Andas em grande fufurro
De continuo a praguejar:
Nada fazes; porque o zurro,
Que dá cá na terra hum burro
Nunca póde ao Ceo chegar.

CXXXIV.

A hum que tinha fama de saber muito.

Que sabes diz muita gente:
Naõ o mostras: diz alguém,
Que encobres o ser fciente:
Creio; porque geralmente
Se encobre, o que se naõ tem.

CXXXV.

De huma mulher cbamada Lais, que morreo sendo vivo seu setimo marido.

Sete esposos teve Lais;
Naõ he numero pequeno;
Mas era ella tal veneno,
Que ainda matava mais,
Senaõ morre no seteno.

CXXXVI.

A hum anonymo.

Queixa-se hum por inferencia ,
 Que lhe furtaste os seus bens ,
 Tu logo dizendo vens :
 Não me accusa a consciencia.
 Nem póde ; porque a não tens.

CXXXVII.

Do máo exemplo do pai para os filhos.

Quando o pai he depravado ,
 Quasi sempre he má pessoa
 Filho com elle creado ;
 Que imitando hum máo traslado
 Ninguem fará letra boa.

CXXXVIII.

A hum soldado covarde.

Dizes , que do teu officio
 Vás exercicio fazer ;
 Não queiras tempo perder ,
 Deixa-te desse exercicio ;
 Exercita-te em correr.

CXXXIX.

A hum que hia degradado.

Porque a hum degedo irás,
Andas formando mil queixas;
Se és máo já tu nelle estás;
Se és bom lá patria acharás
Talvez melhor, que a que deixas.

CXL.

*A hum que temendo os eclipses, não
temia andar de noite.*

Eu não posso entender tal!
Temes, e enches-te de horror
De hum eclipse parcial,
E a noite eclipse total
Nunca te causou pavor.

CXLI.

A hum anonymo.

Todo o mundo murmurava;
Porque vio á guerra hum ir
Em besta, que coxeava;
Mas elle nisso mostrava,
Que não queria fugir.

Da

CXLII.

obitus. Da verdade.

Democrito proferia,
 Que a verdade taõ buscada
 Tem n'uma cova morada:
 Bem perto da verdade hia
 Em a suppor sepultada.

CXLIII.

hum anonymo.

Dormes muito, e andas dizendo,
 Que deixar fama convém;
 Que a queres deixar tambem;
 E deixas; que vai correndo
 Fama, de que dormes bem.

CXLIV.

A Ponerio.

Tendo materia opportuna,
 Fazes sem temer a Deos,
 Com que a justiça te puna:
 Saõ revezes da fortuna,
 Dizes; e eu digo, que teus.

CXLV.

A Diacoro.

Tens muito bom passadio ;
 E dizes , que nem hum quarto
 De paõ comes por fastio :
 Tu naõ tens febre , nem frio ;
 O teu achaque he de farto.

CXLVI.

*De Fabio rude ; mas favorecedor
 de eruditos.*

Fabio nem lê bons escritos ;
 Nem lhes póde tomar pé ;
 Nem entende de bons ditos :
 Favorece os eruditos ,
 Por mostrar que hum delles he.

CXLVII.

A respeito de quem he feliz.

Muitos engenhos subtis
 Varias opiniões tem ,
 Para declararem quem
 He neste mundo feliz ;
 Mas a minha he que ninguem.

Da

CXLVIII.

Da similitude do filho com o pai.

Ouço do filho dizer,
 Que he com o pai parecido;
 Se o pai he máo não duvido;
 Se o pai he bom póde fer;
 Mas menos vezes tem sido.

CXLIX.

D criação das filhas.

Filhas como ajudadoras
 Vaõ as criadas supprir:
 Não sabes, o que ha de vir;
 Saibaõ mandar, quaes senhoras;
 Saibaõ, quaes fervas, ferver.

CL.

A hum tolo muito curioso de picaria.

Póde fer, que alguém diria.
 Que te não conduzes bem;
 Porém não se passa dia,
 Sem que andes na picaria;
 E andas no que te convém.

Da

CLI.

Da perna de oiro de Pythagoras.

De Pythagoras souu,
 Que perna de oiro trazia:
 Em toda a casa entraria;
 A duvida, em que eu estou,
 He, se de lá sahiria.

CLII.

A hum fallador.

Naõ te respondo ás propostas;
 Tu tomas disso pezares
 Em vez de gratificares
 Naõ tirar com respostas
 O tempo de tu fallares.

CLIII.

Que coisa imitamos melhor.

Creio que me naõ dirás,
 O que imitamos melhor
 De tudo quanto se faz:
 Talvez naõ repararás:
 Imitamos o peor.

CLIV.

A hum tolo.

A cobra tapa o ouvido
 Para não ouvir o encanto:
 De te ouvir aborrecido,
 (Porque és tolo) não duvido
 Em fazer já outro tanto.

CLV.

De Ono, indo nadar.

Ono sem saber nadar,
 Quiz nadar; não tomou pé;
 Morre, se o não vão tirar:
 Burro facil em entrar
 Na agua sómente aquelle he.

CLVI.

Ao Leitor.

Se frioleira chamaſte,
 A quanto leſte atéqui,
 A frioleira he de ti;
 E maior, ſenaõ achafte
 Frioleira alguma alli.

LIVRO VIII.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

SE tu, Leitor, fores rudo,
 Eu tambem rudo ferei,
 Sem me valer genio, e estudo;
 Mas se tu fores agudo,
 Por agudo passarei.

II.

A hum vaidoso.

Culpaõ-te de vaõ, sem ter
 Fundamento; e isso he deveras
 Ser vaõ; que se tu tiveras
 Fundamento para o ser,
 Por isso mesmo o naõ eras.

Epi-

III.

Epitafio de hum preguiçoso.

Hum que evitou toda a lida ,
Em quanto esteve lá fóra ,
Aqui jaz , ou aqui mora ;
Que o que fez em toda a vida ,
Isto mesmo faz agora.

IV.

Da idade de oiro.

Affirmaõ , que houve huma idade
De oiro : atéqui póde fer :
Com fer de oiro , ouço dizer ,
Que era de muita equidade ;
Isto he custoso de crer.

V.

*A qualquer , que despreza o pobre
por pobre.*

Vês hum pobre ; pões-te a rir
Por desprezo : que loucura !
Sem á lembrança te vir ,
Que nasceste nú , e has de ir
Quasi nú á sepultura.

VI.

Conselho.

Naõ queiras de alguma forte
 Ser soberbo ; porque és mais :
 Teu mais he de pouco porte ;
 Que anda pelo mundo a morte
 Fazendo todos iguaes.

VII.

Advertencia.

Mal ides fenaõ olhais
 Quem he fante , ou he fantaõ ;
 Porque em coizas temporaes
 De nada se abusa mais
 Do que da religiaõ.

VIII.

A hum anonymo.

Naõ sou fallario Caim :
 Todos sabem , que em meus dias
 Nunca usei vilhacarias :
 Se desconfias de mim
 He , porque em ti naõ confias.

IX.

A hum que jaſtando-se ſempre de valente apanhou muita pancada.

Por valente nos contaſte,
 Que deraõ de ti querélas;
 E que és valente moſtraſte
 Nas pancadas, que apanhaſte;
 Pois pudeſte bem com ellas.

X.

A hum que o A. chamou animal.

Eu te chamei animal:
 Tomaſte grande paixaõ;
 Quiz chamar-te racional,
 Agora naõ quero tal;
 Porque tu naõ tens razaõ.

XI.

A hum Materialiſta.

Naõ fazes ſenaõ dizeres,
 Que outra vida ſenaõ dá:
 Para ti aſſim ſerá;
 Porque, para naõ a teres,
 Baſta que negues, que a ha.

De

XII.

Dé Edemundo

Conversava hum pertendente
 Com a filha de Edemundo ;
 Deu costas este a tal gente :
 Isto he verdadeiramente
 Voltar as costas ao mundo.

XIII.

Do mosquito:

Cantando vêm o mosquito ;
 Abomino o seu cantar :
 Não se podendo aturar
 A musica do maldito ,
 He peor o seu tocar.

XIV.

A hum máo barbeiro.

Em virtude és dos primeiros ;
 Pois com me pores a mão ,
 Foi em mim tal a attrição ,
 Que a não haver mais barbeiros ,
 Eu me metia ermitão.

XV.

Objecto triste.

He hum objecto injucundo
 O ver aqui huns mortaes
 Muito esquecidos, de quaes
 Saõ as coizas deste mundo,
 E das do outro muito mais.

XVI.

A hum Grammaticastro descortez.

Crês, que do Latim tens tino:
 Vejo-te delle taõ nú,
 Que, segundo o que imagino,
 Sómente tens de Latino
 Tratar a todos por tú.

XVII.

Causa de muitas infelicidades.

Neste mundo taõ confuso
 Damos em mil esparrellas
 Por hum máo costume intruso,
 Que he cuidarmos mais no abuso
 Das coizas, que no uso dellas.

XVIII.

Causa da vaidade.

Talvez que não saibais vós
 A causa destes extremos
 De vaidade, que temos;
 Vemos o bom, que ha em nós;
 O que he máo em nós não vemos.

Que se alguém chegasse a ver,
 O que tem de imperfeição,
 Longe de vaidade ter,
 Todo se havia encolher
 A' maneira de pavaõ.

XIX.

Reflexão.

Huma prenda a hum Santo dais
 Atéqui he fantidade;
 Mas tudo a perdêr botais;
 Se armas vossas lhe gravais;
 Que he amar á vaidade.

XX.

De Orpheo.

Por sua mulher desceo
 Orpheo ao inferno; e se queres,
 Que te diga a verdade eu,
 Bom fora, que só Orpheo
 Fosse ao inferno por mulheres.

XXI.

Do officio da fortuna.

O officio, em que se intertem
 A fortuna he para rir;
 Verás reparando bem,
 Que ella por officio tem
 Huns vestir, e outros despir.

XXII.

O Author não admitte falladores.

Huns de contos, e novellas,
 Gente he de que me recato:
 Essas linguas taramellas
 Fallaõ só em bagatellas;
 E eu de bagatellas as trato.

XXIII.

A hum fallador.

Nunca te queres callar ;
 A mil erros te condemno ;
 Nem pódes deixar de errar ;
 Que já o muito fallar
 He hum erro , e não pequeno.

XXIV.

A Caturgo em huma tormenta.

Tendo taõ má condiçaõ
 Ouvi-te dizer ahi ,
 Que façamos oraçaõ :
 Vá , e seja a petiçaõ ,
 Que Deos nos livre de ti.

XXV.

Da sabedoria.

Toda a gente quer ser rica
 De saber ; e pouca vejo ,
 Que se applique , e se se applica,
 Do saber , o que lhe fica ,
 He pouco mais que o desejo.

XXVI.

A maldade sempre he voluntaria.

Se acaão alguma pessoa
Sua desculpa me der ;
Porque não póde ser boa ,
Tal desculpa não me toa ;
Quem he máo he porque quer.

XXVII.

Censura , e apologia della.

De ouvir de Grego a lição ;
Tendo cincoenta sahia ;
Notou-me disto hum anciaõ ,
Que ouvia o seu bobo entãõ ;
E eu , porque o não notaria.

XXVIII.

A hum anonymo.

Teu exterior póde tanto
Da cabeça até os pés ,
Que causa a todos espanto ;
E eu crera , que eras hum fanto ,
Se tu não cresses , que o és.

XXIX.

Abūa mulher desvanecida por formosa.

Como és formosa, e prendáda,
 Entrou-te lá no conceito,
 Que és a coisa mais amada:
 Não és tú; vás enganada;
 Quem mais se ama, he o proveito.

XXX.

*Que o motivo de sermos bons deve ser
 a pura bondade.*

Ser bom por ser bom, quizerá;
 Porque abraçar a bondade
 Por temor da pena fera,
 Ou por prêmio, que se espera,
 Dista pouco da maldade.

XXXI.

A Duloprepes.

Exaltar os teus parentes
 Em toda a parte te ouvi:
 Não conheci essas gentes;
 Mas fei, que eraõ excellentes,
 Sendo o contrario de ti.

XXXII.

A hum trapasseiro.
 Mentas, enganas, e és tal,
 Que cuidas, que lucro tiras;
 Mas eu acho menos mal
 Perder todo o cabedal,
 Do que lucrar com mentiras.

XXXIII.

Da pobreza.
 Que forte perleguição
 A' triste pobreza alcança;
 Até com ser pobre humiçaõ,
 Tem com ricos attençaõ;
 E a todo o pobre se lança.

XXXIV.

Difficuldade em occorrer ao mal alheio.
 Convém por lei natural
 A mal alheio occorrer;
 Porém o tempo vai tal,
 Que cada hum no seu mal
 Tem bastante, que fazer.

XXXV.

A hum anonymo.

Dizem, que és meu inimigo ;
Que me faça bom proveito :

Notas, quanto faço, e digo ;

E deste modo configo

Emendar muito defeito.

XXXVI.

Cautela.

Naõ queiras de leve crer

Em qualquer, que estrondo faça,
Ostentando de entender ;

Olha ; que ha muito saber ;

Que de bazofia naõ passa.

XXXVII.

Qual seja a peior falta de vista.

Qualquer cegueira, que exista

Dá de magoas hum milheiro ;

Mas tenho por verdadeiro,

Que a peior falta de vista

He, a que naõ vê dinheiro.

XXXVIII.

*Inadvertencia de Solon hum dos sete
Sábios da Grecia.*

Naõ poz pena a parracida
Solon entre as leis penais ,
Dizendo naõ haver tais
Filhos ; que tirem a vida
A seus verdadeiros pais.

Por grande Sábio o acclamação ;
Mas inercia he das primeiras
Crer , que os filhos perdoarão
A seus pais , quando mataão
Alguns as mãis verdadeiras.

XXXIX.

A Phaulo.

Naõ tens filhos : tal destino
Levas com impaciencia :
Olhando , ao que és de malino ;
Naõ os teres imagino ,
Que he huma alta providencia.

Dos

XL.

Dos libertinos.

Com matula, que se lança)
 A viver em liberdade,
 Sem ter fé, nem esperança,
 He precisa segurança,
 Não nos faça a caridade.

XLI.

A hum, cuja mulher gastava em guludices, quanto elle ganhava.

Grangeia o marido, e guarda
 A mulher: feliz de ti;
 Pois melhor guarda não vi,
 Do que a tua Leonarda:
 Guarda as coisas dentro em si.

XLII.

Diversos genios de mulheres.

Morto o marido, matayaõ
 Muitas a si; porém vê-se,
 Que hoje algumas, morrendo esse,
 Refuscitayõ; porque andayaõ
 Mortas, porque elle morresse.

Que

XLIII.

Que não ha grandezas neste mundo.
 Grandezas imaginar
 As deste mundo he loucura;
 Quanto o mundo póde dar,
 Tudo cabe no lugar
 De huma estreita sepultura.

XLIV.

A dois irmãos discordes entre si.
 Sendo irmãos (se isto he verdade)
 Sempre hum com outro andais mal;
 Não vejo ahi irmandade,
 Excepto na má vontade,
 Que em ambos vós he igual.

XLV.

A hum criado bebado.
 Vai-te, que não me convém
 Pessoa com vinho louca,
 Que pouco mais tiño tem,
 Que o tiño de levar bem
 Os copos de vinho á boca.

Testemunho não levanto :
 Não tendo para vinhaça ;
 Has de furtar tanto , ou quanto ;
 Por isso cahindo tanto ,
 Nunca me cahiste em graça.

XLVI.

A outro criado jogador.

Aqui tens o teu dinheiro ;
 Trata já , e já de te ires :
 He o teu crime primeiro
 Ires servir de parceiro
 No tempo de me fervires.

Outro o pões-me em temor
 De tú dinheiro não teres ;
 E ser eu o fiador ,
 E principal pagador ,
 Do que no jogo perderes.

: OUTRO XLVII.

A outro criado luxurioso.

Nada te resto a dever :
 Não quero mais tal criado ;
 Antes te devo meter
 A caminho com saber,
 Que andas mal encaminhado.

E males , que julgas bens ,
 Sem dinheiro não os tinhas ;
 E lançadas bem as linhas ,
 Eu vejo , que não o tens ;
 E lidas com coisas minhas.

: OUTRO XLVIII.

A hum ferrador muito impertinente.

Homem , faze-me favor
 De ir para a tua officina ;
 Tanto a séca me amofina ,
 Que mais , do que ferrador
 Me pareces ferrazina.

XLIX.

A huma mulher, que usava de posturas.

A mascara por molesta
Só em festas he usada ;
Em ti he continuada ;
Eu não fei, para que festa
Andas sempre mascarada.

L.

A hum iracundo.

Ha quem o enxofre contou
Por hum elemento : inquiria
Alguem, se em outros errou ;
Que em ti fei eu, que acertou,
Segundo, o que ardes em ira.

LI.

Que nos não devemos queixar dos ingratos, mas de nós mesmos.

Ingratidão he dos vicios,
Que todos aborrecemos ;
Mas como ingratos fazemos,
Fazendo-lhes beneficios,
De nós mesmos nos queixemos.

Pe-

LII.

Peças antigas comparadas com as modernas.

Vendo Arcefiláo doente
 Hum amigo verdadeiro,
 Hum faquinho de dinheiro
 Lhe poz subrepticamente
 Debaixo do travesseiro.

O doente, que sabia
 Da sua amizade o gráo,
 Depois que o faquinho via
 Muito contente dizia:
 Foi peça de Arcefiláo.

Diversa lei se professa
 Neste presente intervallo:
 No tempo dos dois, que fallo,
 Deixar dinheiro era peça;
 Agora he peça o levallo.

LIII.

A hum anonymo.

Encaminhas mil iujeitos ,
 Sem que effes teus vicios domes :
 Os conselhos vaõ direitos ;
 Mas para serem perfeitos ,
 Falta-lhes , que tu os tomes.

LIV.

*A Evaristo , que se accommodava a
 todos os tempos.*

Tu Evaristo és chamado ;
 Mas como te tenho visto
 A presente , e a passado ,
 E a futuro accommodado ,
 He melhor chamar-te Aoristo.

L.V.

Da terra.

Tem a terra o proceder
 De hum , que vianda confome ,
 Para algum bom sovaõ ter :
 Ella nos dá de comer ;
 Mas ella tambem nos come.

Ee

Da

LVI.

Da agua.

Como a agua dá mil abrigos
 A varios necessitados ,
 Tem muitos apaixonados ;
 Só tem por seus inimigos
 Bebados , e cães damnados.

LVII.

Do ar.

Faz terremotos o ar ,
 Furacões , e tempestades ,
 Peste ; ajuda a bombear ;
 Com tudo se nos faltar ,
 Morremos com faudades.

LVIII.

Do fogo.

O fogo sempre tem fome ;
 Tendo já muito comido ,
 Sempre mais , e mais consome ;
 Se bebesse , como come ,
 O mundo estava perdido.

LIX.

De Simaõ murmurador.

Murmura de mim Simaõ :
 Nem á lembrança me vêm
 Tomar-lhe fatistação ;
 Porque he já velho , e ainda não
 Aprendeo a fallar bem.

LX.

A hum muito engraçado.

Paracelso vinolento ,
 Que por feiticeiro passa ,
 Fez do fal hum elemento ,
 Em ti tinha fundamento ,
 Segundo , o que tens de graça.

LXI.

Contradicção.

Dar-se a moles exercicios ,
 Operas , e danças ver ,
 Bem comer , e bem beber ,
 E dizer , que não quer vicios ,
 He querer , e não querer.

LXII.

Da pobreza:

Dizem , que a pobreza he boa ,
 Eu crera , que assim ferá ;
 Mas como muita pessoa
 A trata , como viloa ,
 Ou ella , ou a gente he má.

LXIII.

Crise.

Deixar de fazer o máo
 Com medo , do que diráõ ,
 He razaõ.
 Deixar de fazer o bom
 Com medo , do que diráõ ,
 Froxidaõ.

LXIV.

A hum namorado.

Porque déste em namorar ,
 Creio , que estás mal contigo ;
 Se tu tens outro inimigo
 Bem te póde pèrdoar ;
 Pois dás a ti tal castigo.

LXV.

A hum ocioso.

Queixas-te da curta vida,
 Que a nós os mortais foi dada ;
 (É em ti bem mal empregada)
 Para que a queres comprida ,
 Se te não ferve de nada ?

LXVI.

Sinal de vilania.

Pessoa , que se fez rica ,
 Tendo sido antes vilão ;
 Depois dá em revelaõ ;
 De vilão inda lhe fica ,
 Quando pouco , o coração.

LXVII.

Conselho.

Meter-te a esperto não queiras ;
 No que não estás bem certo ,
 Arengando horas inteiras ;
 Que ninguem diz mais asneiras ,
 Do que hum , que se mete a esperto.

LXVIII.

A hum velho calvo.

Affirmo, que és valeroso ;
 E muitos não querem crello ;
 Por te verem tão idoso ;
 Porém nunca por medroso
 Se te arripia o cabello.

LXIX.

Utilidade da tolice.

He util, que se fizessem.
 Huns entendimentos fracos,
 Tolos, que a logros se dessem ;
 Que se tolos não houvessem
 Miseraveis dos vilhacos.

LXX.

A hum anonymo.

Homens, que tem seu saber,
 Do azougue tem affirmado
 Lugar de elemento ter :
 Estou quasi para os crer,
 Visto, o que tens de azougado.

Que

LXXI.

Que ninguem por sábio deve ser vaidoso.

Em hum por grande doutor
Nunca a vaidade cabe ;
Pois por mais sábio , que for ,
Saberá qualquer pastor
Mil coifas , que elle não sabe.

LXXII.

A causa maior dos mansos se irarem.

Nada mais faz , que pessoa
Manfa venha em brava a dar ,
Do que huma gente viloa ;
Que a conta de outra ser boa ,
Costuma desta zombar.

LXXIII.

Dos bens chamados de fortuna.

Bens , que por Pedro hoje estão
A manhã Bartholomeu
Talvez lança delles mão :
Assim ninguem com razão
Póde dizer : Isto he meu.

LXXIV.

Do avarento.

De perder parte sentido
 Se enforca o avaro trombudo :
 O mofo como he rudo !
 Porque tem parte perdido ,
 Vai-se enforcar , perde tudo.

LXXV.

Reflexão.

Vendo reinos contendendo
 Sobre coifas cá da terra ,
 Parece-me , que eftou vendo
 Escaraveihos fazendo
 Sobre a fua bola guerra.

LXXVI.

A humma mulher que rapava a tefta.

Se Ovidio agora efcrevia ,
 He coifa bem manifelta ,
 Que feundo , o que em ti via ,
 Nas transformações poria
 Mudarfe-te em barba a tefta.

LXXVII.

A hum, que lhe fedia muito a boca.

Na tua boca má fé
Tenho ; porque traz comigo
Hum fedor taõ inimigo ,
Que não sei , se he boca , ou se he
Outra parte , que eu não digo .

LXXVIII.

Ao mesmo.

Qualquer , que com diabo está ,
Cura-se com coisa pouca :
Basta que te chame lá ;
Porque o diabo fugirá
Do fedor da tua boca .

LXXIX.

*A hum mulher , que arrancava os
cabellos brancos.*

Tanto cabelo arrancar
Certamente te não salva
Da velhice se mostrar :
Deixa-te em velha ficar ;
Não queiras ser tambem calva .

LXXX.

A hum Polycarpo ladraõ.

De muito fruto ha de alguem
 O teu nome interpretar ;
 Mas , para naõ se enganar ,
 Aquelle *u* , que o *fruto* tem ,
 Antes do *r* deve estar.

LXXXI.

A's moscas.

Luciano , a quem deveis
 Contar vossas aventuras ,
 Entre o mais , que vós sabeis ,
 Diz , que tudo o que fazeis ,
 Nunca o fazeis ás escuras.

Mas ainda que aquelle Author
 Lá no vosso encomio ponha
 Isto a modo de louvor ,
 Eu , que vos conheço o humor ,
 Chamo-lhe pouca vergonha.

LXXXII.

Dos Estoicos.

O Estoico diz não ser má
A dor, e que o não consterna :
Não o impugno; bastará,
Para o convencer, que vá
A gota cahir-lhe á perna.

LXXXIII.

Questão.

Que mal ha, que não tem cura,
Que ha muito quem o padeça,
Sem que o sinta, ou o conheça,
Antes que tal não tem jura?
São tonturas de cabeça.

LXXXIV.

Ao berdeiro de hum avarento.

Já hoje te não consome
Fome, que te atormentou;
E muito pasmado estou,
De te passar essa fome
Com fome, que outro passou.

LXXXV.

Da Morte.

Dizem, que a morte he cruel ;
 Mas por sua habilidade
 Melhoramos de quartel ;
 Manda-nos de hum de aluguel
 Para outro de propriedade.

LXXXVI.

Do Juizo.

Esse dia, em que dará
 A triste trombeta aviso,
 O do Juizo ferá ;
 Mas dia, em que se verá
 Muita falta de juizo.

LXXXVII.

Do Inferno.

Por gente me não governo,
 A quem tal pavor alcança
 Daquelle tormento eterno,
 Que nada querem do Inferno :
 Eu quero ; e he a lembrança.

LXXXVIII.

Do Paraíso.

Paraíso amavel era

Esse, que Deos deu a Adão ;
 E este hum homem de alta esfêra ;
 Porém eu antes quizera
 Paraíso * de ladrao.

LXXXIX.

Escravos, que cuidao, que o nao saõ.

Alguns com soberba bravos,
 Desprezando a escravidao,
 Cuidao, que escravos nao saõ ;
 Mas saõ do seu corpo escravos ;
 Por onde elle os manda vaõ.

Servem-no, dê donde der,
 Sem que em absurdos ponderem ;
 Mas por muito que se esmerem
 Em servillo, como quer
 A paga he, como nao querem.

A

* Et dixit illi latroni Jesus : Amen dico tibi : Hodie mecum eris in paradiso. *Luc.*

XC.

A hum guloso.

Prézas em Maio o melaõ ,
 Que desprezas em Agosto :
 Dará Maio algum trovaõ ;
 Mas he hem certo , que naõ
 Dá ao melaõ melhõr gosto.

XCI.

A hum anonymo paradoxo.

Es murmurador com hum
 Privilegio singular ;
 E he , que se póde affirmar ,
 Que tu pódes sem algum
 Escrupulo murmurar.

Todo o inconveniente
 Seria , se seguira
 Infamar-se alguma gente :
 Naõ segue , sendo evidente ,
 Que he , quanto dizes , mentira.

Antes , se algum tem defeito ;
 E tu tomando-o entre dentes
 Dizes o mal , que tem feito ;
 Ficará em bom conceito ;
 Porque cuidaõ , que tu mentes.

XCII.

A hum affeminado.

De Tiresias fiz mençaõ ,
 Que de homem mulher se fez :
 Negas ; mas he sem razaõ ;
 Que aquella transformaçaõ
 Foi a mesma , que em ti vês.

XCIII.

Do peralta , e da sua cabeça.

O peralta naõ acerta
 Em trazer bem concertada
 A cabeça empoeirada ,
 Mas por mais que elle a concerta ,
 Sempre anda desconcertada.

XCIV.

*A hum anonymo impaciente de ser
velho.*

De ser velho tens pezar ;
Deixaras-te antes morrer ;
Isto não tem já lugar ;
Mas pódes-te consolar ;
Que pertó estás de o não ser.

XCV.

A hum ocioso.

Se para que vem aqui
Perguntassemos a alguém ;
E elle dissesse , que vem
Servir a seu Deos , á si ,
E a seu proximo , diz bem.

Mas , se a ti se perguntar ,
E não quizeres mentir ,
Nunca falles em servir :
Dize , que vens estorvar ,
Que vens comer , e dormir.

XCVI.

Dos Hermitães.

Vejo huns para Hermitães ir ;
 E do discurso me valho ;
 Mas não posso distinguir ,
 Se os Santões vão a fugir
 Do mundo , se do trabalho.

XCVII.

A hum soberbo por endinheirado.

Roncas por dinheiro ter ;
 He soberba mal fundada ;
 Tello , e não o despender ,
 O mesmo he , que não o ter ;
 Pois te não ferve de nada.

E se em gastos te meteres ;
 E te sahe do mialheiro ,
 Para nunca mais o veres ,
 Com isso deixas de o teres ;
 Assim nunca tens dinheiro.

XCVIII.

A hum Toureiro. Problema.

Vás o toiro accommetter
 Sem razão, nem ser preciso :
 Tu vás-te expor a morrer ;
 Elle quer-se defender :
 Qual dos dois tem mais juizo ?

XCIX.

*A hum anonymo sobre hum mulato
 Formiaõ.*

Do mulato Formiaõ .
 Mil louvores defenrolas ;
 Porque dança em perfeiçaõ :
 Creio ; porque nelle saõ
 Naturais as cabriolas.

C.

*Causa do A. se desviar da familiari-
 dade com muitos.*

Alguem me perguntará,
 Porque evito a multidaõ ?
 Em poucos alguns máos ha ;
 Vejaõ bem, o que será,
 Onde infinitos estaõ.

Se ;os busco, vem-me buscar
 Ociosos, que estorvos trazem;
 E não me posso vingar;
 Porque ; como nada fazem,
 Nada ha, em que os estorvar.

CI.

Do mandar, e obedecer.

Vaõ muitos Leis estudar
 Para mando, que haõ de ter;
 Mas devemos a meu ver
 Sim aprender a mandar;
 Porém mais a obedecer.

CII.

A hum invejoso.

Tens perverso natural;
 Pois me censuras sem fim,
 Quando tenho hum genio tal,
 Que desejo, que o teu mal
 Venha cahir sobre mim.

Graças me queres render ;
 Porque assim te lifongeio ;
 Não tens , que me agradecer ;
 Porque eu sempre ouvi dizer ,
 Que he teu mal o bem alheio.

CIII.

*Falla hum marido com a mulher ;
 na qual tinha dado pancadas.*

Queixa-se de dar no feu
 Corpo pancadas sem dó :
 Tantas apanhei no meu ;
 Porque vossê , e mais eu
 Somo huma carne só.

CIV.

A Philotimo.

Trabalhas amigo em vão
 Por fidalgo te fazer ;
 Não te faças sem o ser ;
 Que essa mesma pertençaõ
 Te bota a obra a perder.

CV.

A hum anonymo tolo, e lisonjiado.

Póde ser, que estranhe alguem
 O louvarem-te infinito ;
 Eu não ; porque fei mui bem ,
 Que muitos Authores tem
 Louvores do burro escrito.

CVI.

A hum preguiçoso.

Inda que contra justiça
 Maior amor atéqui
 Para a preguiça não vi ;
 Por sustentares preguiça ;
 Não te sustentas a ti.

CVII.

Erro commum de muitas mãis.

Se as mãis dão no defatino
 De terem por coisa má
 Qualquer choro do minino ,
 Não só lhe não dão ensino ;
 Mas brigaõ , com quem lho dá.

He hum imprudente dó
 De gente tola, que ignora,
 Que por não chorar agora;
 Ha de chorar, quando só
 Com grande causa se chora.

CVIII.

*Consolação a hum velho, que bia em
 huma procissão, e descendo hum
 macaco de huma janella, lhe
 levou a cabelleira.*

Naõ tomes paixão vehemente,
 Por te levar a güedelha
 Esse macaco insolente;
 Antes te dá por contente
 Naõ te levar huma orelha.

CIX.

A hum muito porco.

Es porco em tudo, e por tudo;
 Tem em ti grande cuidado;
 Porque andas muito arriscado;
 E não sei em tanto entrudo,
 Como tu tens escapado.

CX.

Duvida.

Naõ sei, para que comprais
 Papagaios transmarinos :
 Para dizer defatinos ?
 Cá os temos naturais ;
 E inda mais os femininos.

CXI.

A hum anonymo.

Com inercias recitar
 Quebrar-me a cabeça vens ;
 E dado me queira vingar
 Com a tua te quebrar,
 Naõ posso ; que naõ a tens.

CXII.

*A hum, que com pouco, ou nenhum
 fundamento presumia de nobre.*

Presumes de nobre, e honrado ;
 Se o vulgo assim crê, e pensa,
 Dá-te por negociado ;
 Quando naõ ficas logrado ;
 Que robreza he pura crença.

CXIII.

*A hum , que sendo pobre , se jaclava
de rico.*

Bafofias de cabedais
Tens , e gente descortez
Naõ crê em riquezas tais ;
Naõ te posso fazer mais ,
Que crêllas , como as tu crês.

CXIV.

A hum presumido de sábio.

Presumes de sábio , e naõ
Te posso por sábio ter ;
Porque inda tens precisaõ
De perder a presumpçaõ ,
Para o começar a fer.

CXV.

Das modas no vestir.

Vaõ , há seculos , á toa
Desta moda para aquella ,
Todas más , nenhuma bella ;
E se alguma veio boa ,
Foi loucura passar della.

Tal-

Talvez pozessem de banda
 Alguma, que quem aprende,
 Não lhe veria, que emende;
 Que gente, que em modas anda,
 Nem do mesmo, em q̄ anda entende.

CXVI.

Que procuremos ter inimigos.

Visto que já dos amigos
 Se perdeu a boa raça,
 Será bom dar-mos na traça
 De ter muitos inimigos,
 Com tanto que a inveja os faça.

CXVII.

A hum agoirento.

Aborreci, como peste
 Agoiros do tempo antigo:
 Tu em agoirento deste;
 E agoirente me fizeste;
 Pois tenho agoiro contigo.

CXVIII.

A hum, que escrevia muito mal.

Dizem fazes letras más ;
Mas mal haja , quem bem cedo
Secretario te não faz ,
Que a tua letra he capaz
De guardar todo o segredo.

CXIX.

*Sobre a presumpção, que temos de
entendidos.*

Muito entendidos nos cremos :
Não ha , quem disto se entende ;
He , porque não conhecemos ,
Que o entendimento , que temos ,
Nem a si mesmo se entende.

CXX.

Aos Grammaticos.

O tempo tão velozmente
Corre , que jámais está ;
Então , a que vindes cá
Pondo-nos tempo presente ,
Quando tal tempo não ha ?

CXXI.

*A hum coxo, que pertendia apren-
der a dançar.*

De dançares quanto a mim
Podes perder a esperança;
Nem tal te venha á lembrança;
Contradançar, isso fim;
Que a coxeira he contra dança.

CXXII.

A hum ladraõ farnoso.

Ergaõ com farna coçarem
As tuas unhas bofetelas;
E de coçar nunca parem;
Que, se algum dia pararem,
Nada parará com ellas.

CXXIII.

Reparo.

De Luciano chamado
Antes impio, he bem notavel
Ver-se o *impio* abandonado,
E ser agora citado
Com titulo de admiravel.

Louvo alguns seus pergaminhos ;
 Mas o nome , que lhe daõ ,
 Vem-lhe por outros caminhos :
 Creio , que he por ter padrinhos ,
 Naõ obstante ser pagaõ.

CXXIV.

Satyra.

Gente , que armais guerra forte ,
 Como quem quer morrer já ,
 E lhe tarda esta má forte :
 Temeis , que naõ venha a morte ?
 Naõ temais , que ella virá.

Por algum fim passageiro
 Nessas batalhas entraes
 Tirando a morte a terreiro ,
 Que talvez venha primeiro ,
 Que isso , sobre que brigais.

Mas dou, que por tyrannias
 Conseguis, o que hum sisudo
 Teria por ninharias,
 Passados bem poucos dias,
 Vem a morte, e foi-se tudo.

CXXV.

A hum, que passava por bom, e depois se conheceo por pessimo.

Mal de ti se me dizia;
 Mas eu não acreditava;
 Nem a credito hoje em dia;
 Porque a gente me mentia;
 Por ser pouco, o que contava.

CXXVI.

A hum Atheista.

Que exista Deos me negaste:
 Bem fei; porque tu não crês;
 A Deos nunca te chegaste;
 Antes tanto te apartaste,
 Que nem finais delle vês.

CXXVII.

A hum, que se fingia mouco por malicia.

Finges-te mouco; e ha basbaque,
 Que diz, que estás eximido
 De ter achaque no ouvido:
 Querem-te maior achaque,
 Que o seres mouco fingido?

CXXVIII.

Parenesis.

Dirija bem cada qual
 Os pensamentos, que tem;
 Que são por seu natural
 Muito azados para o mal,
 Defazados para o bem.

CXXIX.

Profecia.

O lisongeiro ha de achar
 Só com mentir, que comer,
 Que vestir, e que calçar,
 Em quanto houver gente alvar;
 E esta sempre a ha de haver.

CXXX.

A hum anonymo.

Naõ posso saber, porque
 Tens a mercê aversaõ,
 Tendo senhoria, que
 Naõ passa de ser mercê;
 Pois só por mercê ta daõ.

CXXXI.

*A hum velho, que se exasperava;
 porque lho chamavaõ.*

Chamaõ-te velho, e enraiveces;
 Porque tal nome te daõ:
 Acho-te muita razaõ;
 Que tu minino pareces
 Em tomares tal paixaõ.

CXXXII.

*A hum fulano Correa, loquaz, men-
 tiroso, e impertinente.*

Tua pratica me enleia
 Com immensa carambola,
 Com mentiras de maõ cheia:
 Aturar-te, meu Correia,
 Parece-me corriola.

CXXXIII.

A hum teimoso.

Armás bulhas , armas guerra ,
 O teu erro defendendo :
 Nem te entendes , nem te entendo :
 Queres mostrar , que não erras ,
 Em sobre erros dizendo.

Por ti me estava lembrando
 O de Saõ Braz de Montoito :
 Por anexim execrando
 Diz o vulgo , que intentando
 Salvar hum affogou oito.

CXXXIV.

*A hum , que em tom de graça dizia
palavras obscenas.*

Crês , que tens lingua engraçada ;
 Ha quem não julga assim della :
 Ficava lingua acabada ,
 Quanto a mim , sendo talhada
 Tal , qual a de Philomela.

CXXXV

A hum mentiroso.

Taõ incredulo me fez
 O teu mentir sem cessar,
 Que se terouvir affirmar,
 Que hum, e mais dois fazem tres,
 Hei de ainda duvidar,

CXXXVI

A hũa tola com presumpção de discreta.

Todoõ dizem, que és pateta,
 Mas temo a consolação,
 Que sou eu de opinião,
 Que tens muito de discreta;
 Isto he, muita presumpção.

CXXXVII.

*A mulher de hum moleiro, na qual
 o marido deu muita pancada.*

Por te moer teu parceiro,
 Pela vizinhança sôa,
 Que foi dar ao limoeiro:
 Foste casar com moleiro,
 E não queres, que elle te móa?

CXXXVIII.

Da Prudencia.

De oráculos em commum,
 Dizem, que foi tal a ausencia,
 Que não ficou cá algum;
 Porém inda ficou hum,
 E o melhor, que he a Prudencia.

CXXXIX.

Da Justiça.

* Poetas por certo dão,
 Que a Justiça com receio,
 Foi para o ceo cá do chaõ:
 Elles fabulosos faõ;
 Mas eu nesta parte os creio.

CXL.

Da Fortaleza.

Fortaleza, se acompanhas
 De modo o espirito meu,
 Que me vença a mim mesmo eu,
 Farei maiores façanhas
 Do que Hercules, e Theseo.

* *Ultima caelestum terras Astra reliquit.*

Ovid. Met. liv. 1. vers. 150.

CXLI.

A Temperança.

Se o mundo não faz mudança ;
 Eu de olhallo tenho pejo :
 Onde estás , ó Temperança ,
 Que por onde a vista alcança ,
 Sempre destemperos vejo ?

CXLII.

Da Fé.

Fé das santas Escrituras
 Sim he escura ; porém ,
 Dando quedas , mostram bem ,
 Que inda vão mais ás escuras
 Aquelles , que não a tem .

CXLIII.

Da Esperança.

Que haja Esperança se ensina ;
 Mas de obras acompanhada ;
 Porque Esperança fundada
 Só na clemencia divina ,
 He muito desesperada .

CXLIV.

A Caridade.

Santa Caridade, em vós
 Taõ feliz caminho achamos,
 Que nelle a Deos encontramos;
 Pois vem Deos por elle a nós;
 E nós por elle a Deos vamos.

CXLV.

De hum amo a hum criado.

Fazes mal; e eu reprehendo;
 E tu, que de olho me trazes,
 Que sou máo fandas dizendo:
 Eu sou máo, que o mal emendo;
 Tu és bom; que esse mal fazes.

CXLVI.

A hum, que intentava huma demanda.

Por ter Direito; entras já
 A correr huma demanda:
 Vê, que o Direito; que lá
 Pela tua banda está,
 Naõ o ponha alguem de banda.

Con-

CXLVII.

Conselho.

Quem a cego papelheiro
 Comprando papeis pertende,
 Não dê por elles dinheiro,
 Sem que lhos leia primeiro.
 O mesmo cego, que os vende.

De ordinario aquella venda
 São frioleiras afeito:
 Sendo o meu conselheiro afeito,
 Fio, que não se arrependa
 De má compra, que tem feito.

CXLVIII.

A huma mulher bebada.

Tem feu cabelo outras; e añas
 De cabelleira; e eu estando,
 Se he de bandas reparando,
 Tenho visto, que he de bandas;
 Que tu á banda vás dando.

CXLIX.

Da soberbo.

Todo o soberbo he sempre par ;
 Mas, como ao tolo parece,
 Que póde os mais ensinar ;
 Nem conhece, que he alvar ;
 Nem que he soberbo conhece.

CL.

Da soberba.

A soberba: he de nação
 Celeste ; porque este mal
 Lá do Ceo he natural ;
 Mas nascendo no Ceo, não
 Há vicio mais infernal.

CLI.

Da avareza.

Hum vicio, e hum castigo tens
 Na avareza, que he tão má ;
 Porque ao triste, em que está,
 Tira a honra, tira os bens,
 Quando parece, que os dá.

CLII.

Da luxuria.

A' luxuria accommoda esse
 Dito, que o Sá nos cantou :
Quando neste vale estou,
Outro melhor me parece,
Naõ he' assim, quando lá vou.

CLIII.

Da ira.

Mil males na ira taxo :
 Ella estraga os bens affusta ;
 E ás vezes a vida custa ;
 Mas o peor, que lhe eu acho,
 He parecer sempre justa.

CLIV.

Da gula.

Aquillo de muito fede,
 Que em hum noſſo adagio vem,
 Quasi que fenaõ concede ;
 Porque a gula muito pede,
 E naõ fede, a quem a tem.

CLV.

Da inveja.

Da vibora ha quem refira,
 Que roe com atrocidade,
 Quem em si a produzira
 He da vibora mentira;
 Porém da inveja he verdade.

CLVI.

Da preguiça.

Se he de temer a prizaõ,
 He de temer a preguiça,
 Que ata o pé, e ata a mão,
 Do que não faz mais acção
 Do que quando se espergiça.

CLVII.

A hum anonymo.

Dizê-me, q' em Coimbra andaste,
 Que frequentaste as cadeiras;
 Mas de modo aproveitaste,
 Que parece, que estudaste
 Só para dizer asneiras.

CLVIII.

A outro.

Conselho me vens pedir,
 Para não ser impaciente
 Com tolos molesta gente :
 Deves de homens fugir,
 E de ti primeiramente.

CLIX.

Documento.

O sujeito, que se agrada,
 Que ninguem de o estimar fuja
 Por pessoa nomeada
 De garavata lavada,
 Não tenha a intenção fuja.

CLX.

Da multidão de hypocritas.

A hypocrisia tem
 Huma grande latidão ;
 A mil estados convém ;
 Os hypocritas porém
 De letras mais, que outros, são.

CLVI.

A hum impertinente.

Visitas-me , e vens pedindo
 Perdaõ de não teres já
 Chegado aqui rebolindo :
 Pede perdaõ de ter vindo ;
 Que eu não te queria cá.

CLXII.

A hum confiado.

Confiado entras aqui ,
 Fazendo da casa tua :
 Como titulos não vi ,
 Dou huma força de ti ,
 Se te não pões já na rua.

CLXIII.

Do dinheiro.

Huma fraze he bem frequente
 A do correr do dinheiro :
 Sim correrá diligente ;
 Mas mais corre muita gente ,
 A qual o apanha primeiro.

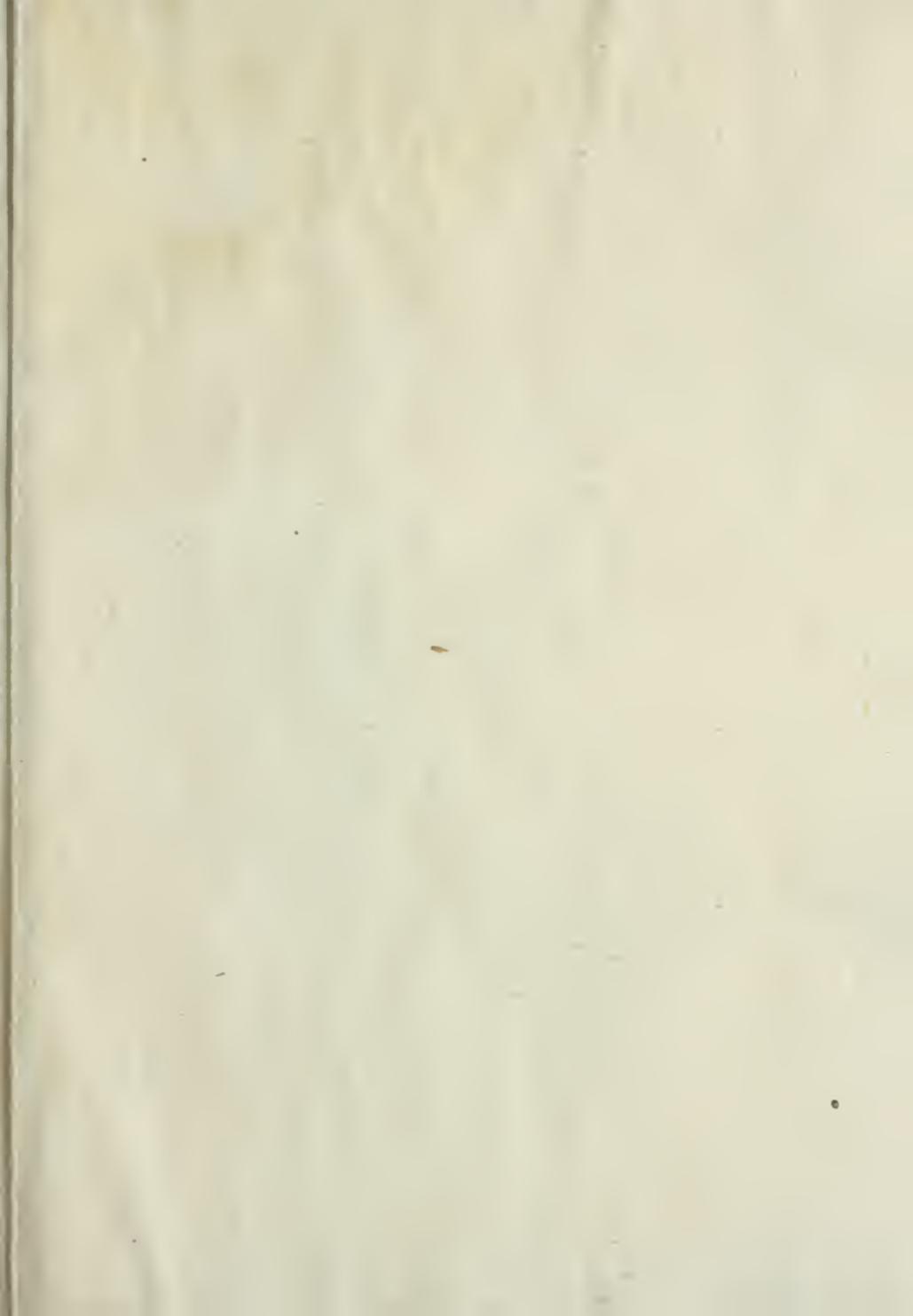
Corre, e he força, que se renda
 A tanto laço, e pandilha;
 Onde ha officina, tenda,
 Lója; ou parte onde se venda,
 Tem o dinheiro armadilha.

F I M.



Foi taxado este livro em papel a
trezentos e sessenta reis. Meza 27 de
Janeiro de 1794.

Com tres Rubricas.



The present work is a revised and
enlarged edition of the first volume of the
series on the subject.

Chas. C. Scribner

